Armas que mataram no Algarve apareceram em Monsanto

As armas utilizadas por uma quadrilha responsável por vários assaltos no Algarve, de que resultou a morte de dois guardas fiscais, de um agente da PSP e de um funcionário bancário, foram encontradas pela Polícia Judiciária, em Monsanto, nas proximidades do Bairro das Galinheiras. Junto às armas (uma pistola-metralhadora «Kalashnikov» com duas coronhas e duas pistolas das marcas «Star» e «MAS») estavam 108 munições de calibre 9 mm e ainda documentos em nome de um dos assaltantes, Apolinário de Jesus Barros, recentemente detido em Huelva.

Pág. 7

Preparatória Manuel da Maia reabriu como tinha fechado

Nem se sabe exactamente que tipo de ameaças pairam sobre os 1800 alunos e 200 docentes e empregados da Escola Preparatória Manuel da Maia, em Lisboa. Os problemas existentes, relacionados em grande parte com a instalação eléctrica, são evidentes um pouco por toda o lado. Por isso, as aulas chegaram a ser suspensas, na terça-feira, para que uma vistoria oficial decidisse sobre as medidas a adoptar. A surpresa foi grande quando houve notícia de que a inspecção ficava para outra altura, não se sabe quando, e o estabelecimento devia retomar o «normal» funcionamento. Assim, com valas meio abertas, por onde passam cabos eléctricos...

Pág. 9

Diário de Lisboa

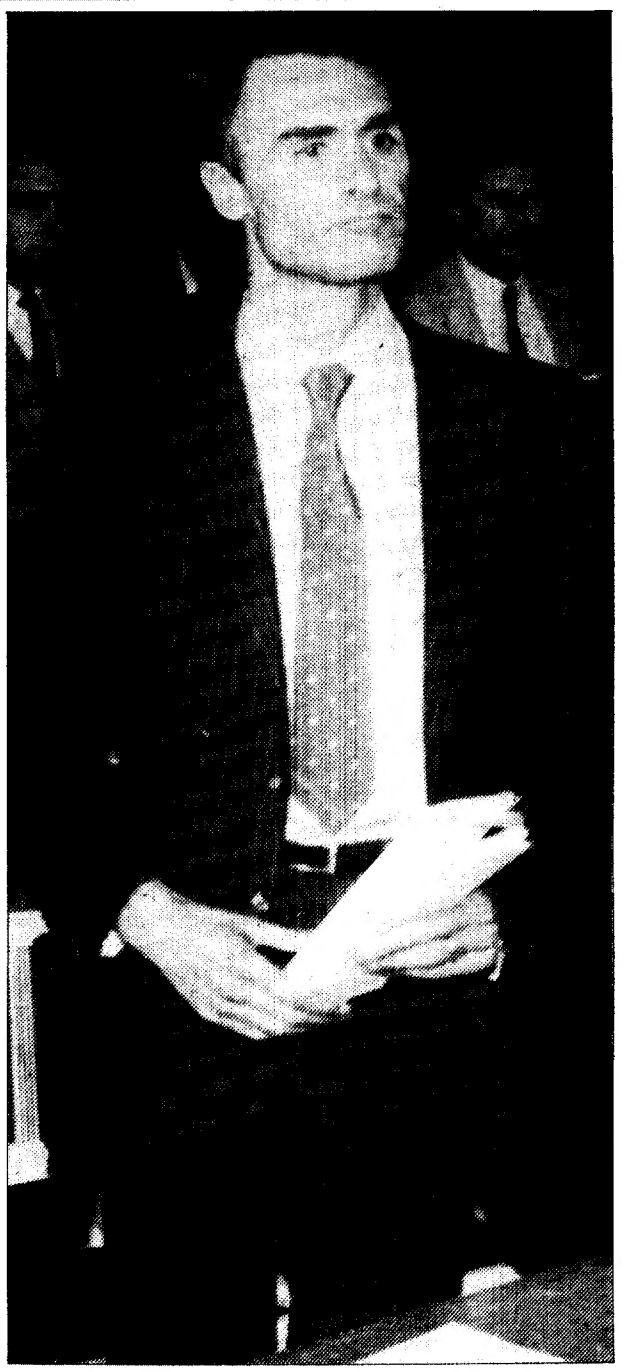
ANO 65 N.º 21 763 Segunda-feira, 20 de Maio de 1985 Preço 40$00

Com Freitas mobilizando a direita do partido

Miragem da AD escavaca o PSD

Cavaco Silva, à frente da nova Comissão Política social-democrata, foi recebido ao fim da manhã por Ramalho Eanes. Pouco depois deste encontro, foi a vez do Primeiro-Ministro Mário Soares se avistar também com o Presidente da República. Até ao fim da manhã, Rui Machete ainda não tinha apresentado a demissão de vice-Primeiro-Ministro, o que deverá no entanto fazer ainda hoje, antes de partir para Bruxelas onde estará presente numa reunião da NATO, na qualidade de ministro da Defesa.

Págs. 4, 5, 7 e 24



Cavaco Silva: a direita passa ao ataque

PS: não se pode continuar no Governo e jogar por fora na renovação da AD

CDS: sim a um projecto democrata-cristão de mudança, não à recuperação do sistema com a AD

A desorganização do trânsito na Avenida da Liberdade era esta manhã evidente, pouco depois de terem começado as obras

Obras na Avenida estão no princípio

Que "Liberdade" é esta?

Que liberdade é esta? – poderiam interrogar-se, esta manhã, os automobilistas que circulavam pela Avenida da Liberdade, face ao remoinho existente quando se aproximavam do cruzamento com a Rua Alexandre Herculano. Não é coisa para durar, garante a Câmara de Lisboa. Mas para martírio, já basta assim.

GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES SOS CTC OS PROFISSIONAIS DO SOM, TELEVISÃO E DO VÍDEO

ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE

☎ 88 27 86
89 98 26

A MELHOR ASSISTÊNCIA TÉCNICA AO SEU TELEVISOR E VÍDEO

18 ANOS AO SERVIÇO DA ELECTRÓNICA ● SONORIZAÇÕES PARA TODOS OS FINS

AV. S. JOÃO DE DEUS, 13-B ● R. DE MACAU, 8, 1.º — LISBOA

Projecto de Lei do PSD afecta liberdade de expressão do pensamento

Vítor Costa e Santos Nunes (*)

A maior parte dos leitores terá presente que, na sequência da liberdade de expressão do pensamento, permitida pelo 25 de Abril, se assistiu a uma verdadeira explosão de criatividade através de painéis, cartazes e outros meios, muitas vezes verdadeiras obras-de-arte, de tal modo que se poderá considerar ter sido instituída uma autêntica tradição identificando-se, mesmo, a Democracia com essas manifestações.

É certo que foram cometidos excessos, por vezes não se terão respeitado os Monumentos, mas há que não tomar a parte pelo todo. A menos que se pretenda eliminar do nosso quotidiano as frases que tanto incomodam alguns políticos que, por isso e intencionalmente, confundem a Árvore e a Floresta.

Sob a Bandeira da defesa da paisagem e do direito da propriedade privada, deputados do PSD apresentaram o Projecto de Lei 400/III, através do qual se pretende fazer depender a afixação de propaganda de qualquer natureza, de prévio licenciamento municipal e consentimento do proprietário ou usufrutuário do local.

Além disso intenta-se limitar a propaganda a espaços especialmente indicados e fazer depender a licença camarária de complexa teia de pareceres de diversas entidades e apertado condicionalismo.

A violação, além de punível com coima e de ser passível de repressão por parte dos Municípios, confere aos proprietários ou usufrutuários direito de acção directa, traduzida na possibilidade de destruir, rasgar, apagar ou inutilizar cartazes, inscrições ou pinturas.

O projecto em questão visa de uma forma geral abrir o caminho, em termos de lei quadro, à restrição, que não seja por via dos órgãos de comunicação social, do direito de livre expressão do pensamento na sua ampla vertente da propaganda política e sindical. Tal condicionamento é atingido, assim, pelos mecanismos apontados de regulamentação da utilização dos espaços públicos para efeitos de publicidade e propaganda.

Não cabe aqui, porque nos não interessa, abordar a questão de publicidade, mas tão somente o aspecto da propaganda enquanto actividade de publicitação de ideais de natureza política e sindical. O tom restritivo do projecto é definido, logo no Art.º 1.º, quando se afirma que só é permitida a afixação de propaganda **de qualquer natureza** quando previamente licenciada pelas Câmaras Municipais. Aos municípios é cometida a tarefa de fiscalização e licenciamento de uma actividade — a propaganda — que constitui a materialização de um direito que constitucionalmente é definido como fundamental — o da livre expressão do pensamento.

A questão levantada por este projecto, não é de abordagem e resolução fácil, cremos.

Subjaz, teoricamente, a defesa do património cultural e paisagístico e a tentativa de harmonização de direitos com dignidade constitucional que são: por um lado, o direito de Propriedade Privada e, por outro, o direito de Liberdade de Expressão do Pensamento. A restrição ou compressão de direitos não é permitida por força da própria Constituição da república.

O legislador constituinte, contudo, não deixou de relativizar aquele princípio fundamental dispondo, nomeadamente, que a lei, ainda que limitadamente, pode restringir direitos para a salvaguarda de outros direitos ou interesses constitucionalmente protegidos.

Os cidadãos têm não só o direito à fruição cultural, como também o dever de preservar, defender e valorizar o património cultural. Nesta sede, é atribuída ao Estado a incumbência da promoção da salvaguarda e a valorização do património cultural, tornando-se expressão da identidade cultural comum.

As normas constitucionais são por natureza normas que exprimem fortes tensões sociais e que visam a harmonização dos interesses públicos com os interesses individuais dos cidadãos, mas também e sempre, numa perspectiva do interesse geral da sociedade que se define ou se potencia.

E é nesta perspectiva e a este nível que há que fazer a graduação dos interesses em presença.

Quanto ao Direito de Propriedade Privada, não se pondo em causa o seu núcleo fundamental, afigura-se que, em diversas disposições constitucionais, é o mesmo submetido a limitações.

A questão é que, no projecto em apreço está em causa o núcleo fundamental do direito de livre expressão do pensamento e não o núcleo fundamental de outro direito em conflito.

Relativamente à defesa do património cultural, a solução quanto à graduação dos interesses em presença, depende da concepção que se tenha de cultura, da definição que se dê de património cultural. É nesta perspectiva que podemos apreciar a existência ou não de um confronto ou oposição entre a preservação e defesa do património cultural e o exercício de direitos fundamentais, tais como o da liberdade de expressão do pensamento por qualquer meio.

Desde logo a incumbência constitucional do Estado não se reduz aos limites da salvaguarda dos materiais que sejam expressão de cultura do povo, a Constituição aponta que o Estado tem a incumbência de tornar esses materiais, a expressão material da cultura, um elemento unificador da identidade cultural comum, com vista à possibilitação do exercício do direito de fruição da cultura, de criação cultural e de condutas de valorização do património cultural.

Deixemos em aberto estas questões porque a tanto não nos obriga a análise do projecto.

O projecto, aliás, não é inovador, ele vem na senda de outras tentativas que a nível autárquico têm sido ensaiadas, sem que, porém, tenham tido o almejado êxito, como é o caso de uma Postura Municipal do Município de Vila do Conde, já declarada inconstitucional e de um despacho do presidente da Câmara Municipal de Lisboa, aliás, objecto de Recurso Contencioso.

Será útil referir a doutrina condensada no Acordão 74/84 do Tribunal Constitucional, publicado no Diário da República de 11 de Setembro, a propósito da Postura do Município Vila Condense.

Referindo-se à faculdade regulamentadora da lei, mesmo com o enquadramento constitucional que temos, e decorrente da natureza do exercício dos direitos fundamentais, os juízes do Tribunal Constitucional concluem que o objectivo regulamentador da lei não pode atingir ou afectar o conteúdo dos direitos fundamentais porque «então é de uma restrição que se trata. Ainda que não visasse (o legislador) especialmente esse objectivo».

O Artigo 1.º do projecto de diploma parece sustentar as limitações em certas e determinadas situações ou locais típicos.

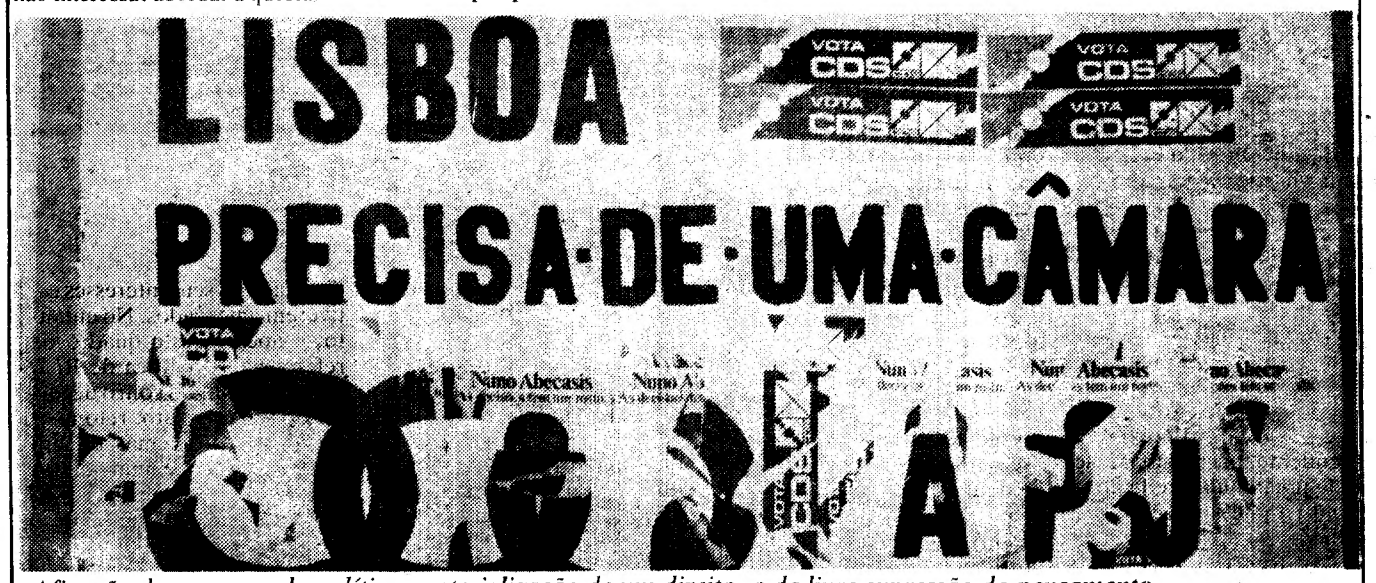
Uma interpretação mais detalhada do n.º 1 do seu Art.º 1.º reconduz-nos, contudo, a uma ideia de necessidade de licenciamento em todas e quaisquer situações (tão genérica e abstracta é a definição de situações e locais), o que não nos permite saber precisamente o tipo de situações em que o direito poderá ser exercido.

Por outro lado, somos imediatamente reconduzidos à ideia de que a definição dos locais e condições é atribuída aos órgãos autárquicos sem que para isso haja uma prévia definição dos requisitos, conferindo-se-lhes, assim, amplos poderes de discricionaridade, que o Art.º 3.º apenas condiciona pela negativa, isto é, definindo os casos em que não podem ser concedidas licenças e não os casos em que elas devem ser concedidas.

Do eufemismo decorrente da expressão, adoptada no projecto de diploma, de «licenciamento» retira-se uma ideia de autorização prévia e tal permite-nos concluir com a doutrina que se extrai do Acórdão do Tribunal Constitucional já citado; «a exigência de uma autorização prévia retira logo à restrição todo o carácter de generalidade, uma vez que a mesma terá ou não lugar conforme a autorização que a condiciona seja concedida ou denegada».

E essa autorização viola claramente o direito fundamental de liberdade de expressão do pensamento definido no Art.º 37.º da Constituição da República, sem que outros direitos ou interesses relevantes se sobreponham.

(*) Advogados



Afixação de propaganda política: materialização de um direito, o da livre expressão do pensamento

A degradação é mais do que evidente no refeitório da escola

Um grande professor de Matemática

Os antigos alunos decidiram homenagear o prof. Ferreira de Macedo

Estão em curso diligências no sentido de prestar homenagem pública ao professor dr. António Augusto Ferreira de Macedo que deixou uma marca inesquecível nos milhares de alunos que beneficiaram do seu ensino e puderam admirar as suas excepcionais condições de pedagogo. O professor Ferreira de Macedo ensinou Matemática no Liceu de Faro, no Liceu Pedro Nunes, na Escola Industrial Marquês de Pombal, na Escola Rodrigues Sampaio, na Escola Industrial de Afonso Domingues, na Escola Técnica de Enfermeiras do Instituto Português de Oncologia e no Instituto Superior Técnico. Toda a sua vida e actividade foram consagradas à nobre missão de educador.

Pedagogo dotado, com um convívio fácil com os alunos e para os alunos estimulante, foi, sobretudo, no Instituto Superior Técnico, que o professor Ferreira de Macedo exerceu uma mais profunda influência. Os seus alunos recordam-no com respeito, admiração e saudade.

Não se esqueça, também, a acção do professor Ferreira de Macedo no domínio da educação popular. Ele foi um dos impulsionadores da criação, em 1919, da Universidade Popular Portuguesa, instituição destinada a promover a cultura intelectual e artística do povo e o Governo de Salazar extinguiu. O professor Ferreira de Macedo foi o primeiro secretário-geral da Universidade Popular Portuguesa. Pertenceu, igualmente, ao chamado Grupo da Biblioteca, e exerceu funções na Biblioteca Nacional no período em que esta foi dirigida pelo dr. Jaime Cortesão.

Os antigos alunos do professor Ferreira de Macedo pretendem render-lhe homenagem em Outubro próximo. A data prevista é o dia 12 de Outubro. E desde já, tendo em vista erguer-lhe um monumento evocativo numa rua ou praça de Lisboa, abriram a conta bancária: Homenagem ao Prof. Dr. Ferreira de Macedo no Banco Fonsecas & Burnay, dependência Urbana, Av. Fontes Pereira de Melo, 4, Lisboa, com o n.º 1685872-000-001/009. Pedidos de informação ou esclarecimento poderão ser solicitados à Comissão de Homenagem ao prof. Dr. Ferreira de Macedo, Av. dos Estados Unidos da América, 82, 3.º Esq.º 1700 LISBOA.

Estados Unidos: política face à América Latina

João Neves (*)

A visita de Reagan à Europa, no início do seu segundo mandato como presidente dos EUA, realizou-se num período particularmente agitado das relações político-económicas à escala mundial. As questões económicas, debatidas na cimeira de Bona, centram-se na política do dólar forte e nas suas repercussões na Europa, num período em que, cada vez mais, a miragem do liberalismo californiano vem sendo posta em causa (os resultados do primeiro trimestre de 85 demonstram a fraqueza da «locomotiva» americana...).

O diálogo Leste-Oeste, após um período em que, do reinício das conversações soviético-americanas se pretendia fazer crer que a paz estava ao alcance da mão, vem escondendo um profundo «passo em frente» na escalada armamentista (o projecto «guerra das estrelas» aí está para o provar!). Finalmente, após a derrota de Reagan no Congresso nas questões da política face à Nicarágua, quando no fundo são a base real da avaliação da situação na América Latina, a escalada não se fez esperar: embargo económico total à Nicarágua.

A passagem de Ronald Reagan por Portugal leva-nos a reflectir sobre a política americana para a América Latina, na perspectiva de que, da compreensão da estratégia para o continente americano, resultam elementos importantes para nos levar a reflectir sobre a nossa própria realidade.

1. Antecedentes

A nação norte-americana formou-se com base num «alargamento da sua fronteira interna», que significou um modelo de capitalismo nacional de natureza agropecuária e comercial, mas que cedo origina um precoce processo de industrialização. Mas o mais interessante é a verificação de que «os Estados Unidos se diferencia de qualquer outra nação moderna pelo facto de que a sua formação se realizou em condições ideais de segurança exterior» (1).

Será esta característica que permitirá que na segunda metade do séc. XIX os EUA resolvam as profundas contradições de classes internas entre os interesseso da burguesia industrial e financeira e as opções agro-exportadoras numa base relativamente consensual. Assim, a vitória clara da facção industrialista tem como contrapartida a expansão e intervenção americana para o sul, ligada às actividades das primeiras companhias «bananeiras», seguidas de outros interesses comerciais, navais, caminhos-de-ferro, etc. à medida que a industrialização avança nos EUA.

Assiste-se, então, a um número impressionante de intervenções directas dos EUA no exterior, em menos de um século: — Texas (1854); — México (1846, 1876, 1913); — Guatemala (1906, 1909, 1920); — Honduras (1903, 1904, 1914, 1919, 1924-25); — Nicarágua (1855, 1899, 1909-12, 1926-33); — Panamá (1860, 1901, 1904, 1914, 1918, 1925); — Cuba (1898, 1903, 1906, 1910); — Haiti (1914-33); — República Dominicana (1865, 1904, 1907, 1916-22, 1930); — Porto Rico (1898, ...).

Estas intervenções têm sempre como fim garantir, pela força das armas, a exploração económica.

2. O perigo pós-Grande Depressão

A crise económica de 1929 abre um novo período na política exterior dos EUA e as novas relações desta com a América Latina, que ultrapassam a simples intervenção. O processo de concentração e centralização capitalista na metrópole conduz a uma expansão da actividade em novas zonas externas que implicam um novo modelo económico (lucros repartidos, domínio de mercados, troca desigual, proteccionismo metropolitano face a livre-câmbio imposto no exterior...) que se acentua durante a Segunda Grande Guerra (1930-45) através da imposição da participação latino-americana no «esforço de guerra».

O período do pós-guerra vem configurar uma nova hierarquia no sistema económica mundial, tornando-se os EUA uma potência de características hegemónicas, tomando assim o papel, ainda que renovado, que a queda dos impérios coloniais ia deixando livre.

Se o essencial deste período não deixa de ser a política da «guerra fria» será à custa desta estratégia anticomunista, reforçada pela posição de Foster Dulles, como secretário de Estado, a partir de 1953, que se configura uma zona de domínio e segurança americana. É nesta base que a América Latina surge como o «pátrio traseiro», zona estratégica tanto do ponto de vista económico — fácil colocação de produtos, obtenção de matérias-primas essenciais, implantação das companhias ligadas ao agro-alimentar — como também no terreno estricto da lógica militar, ao tornar o grande território da América (a um tempo ilha e continente...) livre de qualquer «ameaça comunista».

Será assim que o primeiro dos mais significativos tratados político-militares do pós-guerra é o do Rio (1947) dando origem ao TIAR, seguindo-se o que institui a NATO (1951) e o ANZUS (também em 1951, que se dirige à zona da Oceânia). Esta atitude dos EUA revela bem quanta importância assumia a América Latina na estratégia global da nova potência hegemónica mundial. No entanto, o esforço principal americano dirigia-se para a Europa, no quadro do plano Marshall, o que impunha uma política de «mão de ferro» na América Latina, mas sem qualquer contrapartida em termos de investimentos que garantisse e satisfizesse o poder nacional. Será desta contradição que irá nascer tanto o nacionalismo, que exprime um sentimento de revolta face ao vizinho do norte de quem se esperava mais, isto é, maior ajuda para um crescimento económico, com o que isso implica de maiores benefícios para as classes no poder, como também se reforçará (já que no nascimento é como vimos bastante anterior...) a postura intervencionista.

A Frente Popular no Chile em 1942, o peronismo na Argentina (1946), as revoluções no Brasil, na Guatemala, na Bolívia, são a expressão da primeira tendência assinalada face à qual o poder oligárquico aliado aos EUA responde com uma sucessão de golpes: Venezuela (1948), Colômbia (49), Panamá (até 1954), Honduras (até 1954), a que se juntam S. Domingos com Trujillo, o Paraguai com Chaves, o Brasil com Dutra, o Peru com Odria, a Nicarágua com Somoza. Assiste-se, no final da década de 50, a nova pressão populista, com a queda de várias ditaduras, mas, sobretudo, assiste-se à vitoriosa revolução cubana — verdadeiro marco na história latino-americana. Será Cuba e a sua revolução, factor de novas esperanças num futuro novo e independente, mas também factor de uma mudança de atitude de norte-americana, face às políticas populistas. Haverá que conviver com elas, porque não são elas que põem em causa a América Latina como zona de domínio, mas sim a «ameaça revolucionária».

3. Após a era de Kennedy

O período Kennedy 1961-63 lança as bases de uma nova política:

i) no terreno militar passa-se duma concepção de «represália massiva» para o de «resposta flexível», permitindo aos EUA respostas aplicáveis a cada tipo de conflito no quadro duma estratégia de «guerra limitada» (tanto no marco geográfico como no dos objectivos).

ii) no terreno económico assiste-se a uma revitalização do fluxo de investimentos na América Latina. Será a época da «Aliança para o progresso», baseada nas concepções de Rostow das etapas do crescimento económico.

Estas novas perspectivas de orientação imperialista, articulando em formas renovadas os aspectos económicos e político-institucionais, permitem impedir novas Cubas (assiste-se à emergência das doutrinas da «contra-insurgência) mas dão origem a novas fissuras que abrem campo para um novo recrudescimento do nacionalismo em oposição à colaboração que o crescimento económico deveria promover.

Aliás, McNamara, em Maio de 1966, num discruso em Montreal, afirmava: «os governos militares formados pelas melhores escolas americanas, voltam-se contra os seus professores em nome do desenvolvimento, abandonando a doutrina da segurança e, em consequência, o sistema inter-americano de segurança colectiva contra a subversão». (2)

Abre-se então a época dos golpes militares nacionalistas, como os de Peru (em 1968, com Velasco Alvarado), Panamá (1968, com Omar Torrijos) Equador (1972, com Rodriguez Lara). Será de novo uma época de esperanças e frustrações, mas cujos limites do seu potencial transformador estavam marcados pelo quadro de partida, que Rockeffeller no seu informe para a administração Nixon analisa com grande clareza: «o dilema com que os governos se enfretam é que a cooperação dos EUA pode contribuir para acelerar a realização dos seus objectivos de desenvolvimento, mas o seu sentido de legitimidade política pode muito bem depender do grau de independência que podem manter face aos EUA.» (3) Daí, Rockeffeller parte para defender uma atitude mais pragmática: reforço da ajuda e do treino às «forças de segurança», liberalização das vendas de material de guerra convencional, reforço do poder de decisão sobre em que medida os interesses americanos são afectados pela «onda subversiva» e de como os defender Estamos, então, no limiar de uma nova escalada intervencionista: Uruguai (1972) e no Chile (1973), a que se seguem o Peru (1975), Equador (1976) e, finalmente, Argentina (1976), pondo fim à nova experiência peronista.

4. Carter e a doutrina dos direitos humanos

A crise económica, acelerada em 1973 pela pressão dos produtores de petróleo, veio impor uma nova articulação dos países industrializados com os produtores de matérias-primas, no quadro aliás, duma estratégia de relocalização industrial. Será a Comissão Trilateral o porta-voz principal dessa nova concepção que a administração Carter pretende concretizar, para o que necessita de promover uma política capaz de reorganizar o sistema mundial no terreno económico, mas também no institucional. O trilateralismo pretende lançar as bases de um novo processo de acumulação à escala mundial assente no reforço das componentes integradoras e de coesão/consenso social da «democracia formal» — a política dos «direitos humanos».

A administração Carter promove assim na América Latina a «abertura democrática» em alguns países, mas é incapaz de obter os resultados propostos. Nem responde à crise económica, antes é atingida pelo 2.º choque petrolífero, nem é capaz de «apagar» os incêncios múltiplos provocados pelos conflitos nacionais e regionais.

No quadro latino-americano a doutrina dos direitos humanos, ao pretender ser uma nova lógica assente em perssupostos democráticos, foi incapaz de o ser. Isto é, foi incapaz de estabelecer um quadro de referência. Os EUA tanto apoiaram regimes ditatoriais como pretenderam liberalizar. Será esta incapacidade estratégica que proporciona a aliança dos movimentos de libertação nacional em ascenso com os sectores sociais-democratas e populistas, que pretendem obter uma reorganização das estruturas do poder que promova a sua integração nas mesmas, que irá permitir a vitória da revolução nicaraguense (1979), bem como o reforço das forças antiditatoriais um pouco por toda a América Latina.

5. Reagan e a América Latina

A eleição de Ronald Reagan para a presidência veio trazer à política americana um conteúdo ideológico assente num «neoconservadorismo» que pretendeu prestigiar, dando segurança ao «americano médio», um modelo de vida que se resume em 3 palavras: ser branco, protestante, heterossexual. A lógica em que se baseia tal modelo é que a situação defensiva que a era de Carter (que se alarga até ao período Kennedy...) deixou, resulta duma incoerência ideológica, com reflexos em múltiplos campos: desde a economia às questões do pluralismo ideológico e aos temas da liberdade. Os tempos são de um «contra-ataque do império» que se inicia pela elaboração do informe de Santa Fé (1980), o qual se caracteriza pela acentuação da temática ideológica a par da definição de que os EUA devem, eles próprios, decidir do recurso à intervenção militar directa se os seus interesses estiverem ameaçados. No entanto, e apesar deste quadro de referência, a política de Reagan foi evoluindo com o decorrer do seu mandato, retomando alguns dos temas da era Carter, ainda que num quadro ideológico renovado — são os tempos da «cruzada anticomunista». Assim, a política do

Continua na pág. 27

Cavaco Silva e Eurico de Melo: o regresso dos «críticos», dos que fizeram a vida negra a Balsemão

A votação para os diferente órgãos

	M. Cong. (a)	CJN (a)	CN (a)	CPN (a)
Votantes	807	806	806	807
Lista A	393	416	414	422
Lisboa B	394	367	372	365
Brancos	10	15	11	9
Nulos	10	8	9	11

(a) M. Cong.: Mesa do Congreso; CJN: Conselho de Jurisdição Nacional; CN: Conselho Nacional; CPN: Comissão Política Nacional.

Mesa do Congresso (Lista B)

Presidente	– Francisco Pinto Balsemão
Vice-Pres.	– António Marques Mendes
	– Armando Moreira
Secretários	– Maria de Lurdes Breu
	– Álvaro de Sousa
	– Vaz Freixo

Comissão Política Nacional (Lista A)

Presidente	– Aníbal Cavaco Silva
Vice-Pres.	– Amândio de Azevedo
	– Eurico de Melo
	– Fernando Correia Afonso
	– Fernando Nogueira
Secret.-Geral	– Dias Loureiro
Vogais	– Eduardo Gomes
	– José Mendes Bota
	– Leonor Beleza
	– Licínio Moreira da Silva
	– Luís Capoulas
	– Luís Marques Mendes
	– Rui Almeida Mendes
	– José de Oliveira Costa

Figueira da Foz disse...

PSD: um partido esCavacado!

Manuel Anta (texto) José Tavares (fotos)

Do Congresso do PSD da Figueira da Foz saiu um novo líder (mais um) e dois projectos quase antagónicos. Aníbal António Cavaco Silva chegou, apoiou Freitas do Amaral e venceu. O PSD esCavacou-se e dos estilhaços gerou-se a clarificação, nasceram dois partidos. De um lado, a Nova Direita, o liberalismo mais conservador. Do outro, uma via social-democrata genuína que, embora poucas vezes assumida no passado, continua a morar na cabeça de boa parte de militantes e dirigentes do PSD. O confronto entre estas duas linhas de pensamento irá marcar no futuro próximo a vida interna do PSD. Não é impossível que os vencidos de hoje sejam os vencedores de amanhã: os derrotados possuem uma maioria confortável no órgão mais importante entre congressos, o Conselho Nacional. A Nova Direita do PSD obteve uma vitória de Pirro?

Os resultados são conhecidos: Cavaco Silva ganhou, João Salgueiro perdeu mais uma vez. «E agora?...», surge a pergunta. «Que vai acontecer à coligação e ao PSD?», insiste-se. Vamos por partes.

Bem, agora tudo indica que se assistiu ontem no Casino Peninsular da Figueira da Foz à sessão de encerramento da coligação, embora esta ainda possa durar um pouco mais (mês e meio?...) por questões exclusivamente relacionadas com a entrada de Portugal para a CEE.

Cavaco Silva, o novo líder, não esconde que a coligação «não vai bem em todos os aspectos». Só que não ignora que uma ruptura imediata da coligação prejudica a adesão de Portugal à CEE onde, lembre-se, há cargos bem remunerados a ocupar por dirigentes políticos que nunca esconderam a sua sofreguidão por eles.

Conclusão: não é para já que o PSD de Cavaco Silva vai enviar o bloco central às urtigas. Até lá, Cavaco promete «intransigência», «determinação» e «firmeza» no seu relacionamento com o Governo e com o seu líder, Mário Soares, o homem que segundo Cavaco Silva «só faz de Portugal ponto de repouso entre duas viagens ao estrangeiro».

E no que respeita ao PSD, o que é que se vai passar, quais as conclusões a tirar da forma como se realizou **este** Congresso?...

Aí as coisas são muito mais complicadas.

Para já, a certeza de que com Cavaco Silva vai haver vida nova no PSD e, também, uma nova política.

Vida nova

Vida nova na medida em que o novo líder se prepara para ser intolerante em relação às «tendências organizadas» e ao «bando dos meninos irrequietos, mais empenhados em arranjar pontos de divergência do que pontos de união».

Cavaco Silva dá a cara, anuncia o jogo. Com ele, «o sentido e vontade das bases tem que ser expresso apenas por quem tem competência para o fazer»; o seu diálogo será «essencialmente com as bases do partido que terão de dizer se toleram ou não as tendências organizadas». Mas antes que as bases o digam, Cavaco alerta: «Eu não tolero!»

Vida nova no PSD porque, a partir de agora, o candidato do PSD à corrida presidencial ou será «independente» ou será «o líder do partido». O candidato militante (Mota Amaral, João Jardim ou Fernando Amaral) ficou de fora.

Vida nova no PSD porque é evidente que o PSD é hoje um partido com fachada flagrantemente mais conservadora.

Razões

Graças a quê?

Graças essencialmente ao diletantismo dos que agora se situam na oposição, às hesitações e recuos de uma sensibilidade cuja massa encefálica paralisa no momento das grandes decisões, na hora em que avançar sem tibiezas é preciso.

Balsemão: «Presidente do Congresso não significa prateleira. Contem comigo!»

Se o PSD de hoje marca o regresso dos «críticos» à ribalta do partido – Cavaco Silva e Eurico de Melo nomeadamente, ou seja, daqueles que fizeram a vida negra a Francisco Pinto Balsemão, enquanto primeiro-ministro da AD e líder do PSD –, a tal não é estranho a «inconsistência» de várias atitudes assumidas pelas fileiras lideradas por João Salgueiro.

A atracção do poder

Se o PSD consagrou a Figueira da Foz a solução Cavaco em detrimento da solução Salgueiro, se o PSD de hoje parece mais apostado numa Nova Direita, liberal, conservadora, eventualmente democrata, do que numa via mais genuinamente social-democrata, é porque muitos confundiram «militantismo» com «triunfalismo» parido por estratégias frágeis, contraditórias e inconscistentes.

Se o PSD «já não é um partido, são dois...» — que pontos em comum entre idiossincrasias tão diferentes como as de Miguel Veiga e José Miguel Judice, Mendes Bota e Horácio de Carvalho, João Salgueiro e Cavaco Silva, Isaltino Morais e António Capucho?... —, é porque alguns pouco ou nada fizeram para colocar o PSD na via social-democrata, optando pelo laxismo, pelo deixa andar, pela permanência a todo custo nas águas do Poder.

Se o PSD saído da Figueira da Foz volta a ter Ângelo Correia e Eurico de Melo no «activo» do partido — foram os únicos a receber vaias do Congresso! —, é porque João Salgueiro falhou no momento decisivo, no momento em que produziu um discurso fraco e sem a dinâmica propiciadora de vitória, no momento em que revelou fraqueza em vez de força.

Por último, se o PSD despediu sem glória o seu ex-líder Rui Machete —, apenas Marcelo Rebelo de Sousa e Francisco Pinto Balsemão lhe dirigiram palavras de apreço —, é porque o PSD nunca conseguiu distinguir entre o essencial e o acessório. Daí que o PSD de hoje se veja privado, a nível dirigente, de pessoas como Rui Machete e Helena Roseta para não falar de outras.

Nada é definitivo

Mas, apesar de tudo isto, nada é definitivo. Ao ponto de se poder concluir que «dentro de alguns meses isto pode dar uma grande volta», «Cavaco Silva, feitas as contas, obteve uma vitória de Pirro!».

Porquê? Para começar, o Conselho Nacional está nas mãos da tendência João Salgueiro, que obteve com as inerências mais votos do que a linha vencedora.

Ora, o órgão mais soberano depois do Congresso pode inviabilizar «o que quiser, quando quiser». Pode, inclusivé, fechar as portas a Freitas do Amaral caso Cavaco Silva resolva en-

Sá Carneiro olhando para Cavaco Silva. Concordância?... Preocupação?...

Rui Machete: ao ex-líder o Congresso disse nada. Duas excepções: Balsemão e Marcelo

treabri-la depois de as ter fechado por razões de mera táctica pessoal.

É que não se acredita que Cavaco Silva contrarie por completo o discurso — coerente, de Estado, de líder, frontal, corajoso — que fez durante o Congresso e que apontava clara e inequivocamente para o apoio do PSD à candidatura de Freitas do Amaral.

Caso queira levara sua avante, Cavaco Silva terá pois de contar com o travão personificado pela composição do Conselho Nacional.

E não só!

Na própria Comissão Política que lidera há pessoas que não pacturão com desvios marcadamente direitistas, com atitudes que comprometam a essência da social-democracia. É o caso do «motapintista» Fernando Nogueira, o homem que deu o apoio a Cavaco Silva unicamente porque acreditou que «as soluções para o PSD passam, neste momento, pela candidatura do prof. Cavaco Silva».

Fernando Nogueira terá sido a «chave» que abriu as portas da liderança a Cavaco Silva. Líder quase incontestado das hostes mota-pintistas, foi desejado por todos. Optou por um caminho, e ao optar perdeu alguns companheiros, mas tudo indica que não seja homem para optar por soluções que afastem definitiva e irremediavelmente o PSD da rota traçada pelos seus fundadores.

Para além dos «travões» Conselho Nacional e Fernando Nogueira, Cavaco Silva e Eurico de Melo terão que contar com o «travão» Balsemão que não esquece a vida negra que aqueles dois dirigentes lhe fizeram quando líder da AD nem o programa social-democrata que com Sá Carneiro elaborou.

Francisco Pinto Balsemão não deixou margem para dúvidas nos dois discursos que fez na Figueira da Foz. Neles, as «indirectas» a Cavaco Silva foram constantes. Falou de «traição» e «deserção». Frontalmente, disse «não!» a Freitas do Amaral. Sem «tremendismo» nem «revanchismo», emitiu um diagnóstico: «Há que operar uma desinfecção dentro deste partido». Por outras palavras: trair a social-democracia, apoiar Freitas, só por cima do meu cadáver.

Para mostrar a sua força, alertou: «Para além de fundador do PSD sou agora presidente do Congresso, ou seja, a primeira figura na hierarquia do partido. Contrariamente ao que alguns podem pensar este não é um lugar de prateleira...».

Ele que nem uma só vez referiu o nome de Cavaco Silva, que o cumprimentou apenas porque Leonardo Ribeiro de Almeida o «obrigou» a fazê-lo, ele que foi efusivamente saudado pela plateia com um coro bem organizado de «uma só via, social-democracia», também pôs as cartas na mesa: «Contem comigo!».

Marcelo = Anfião

Cavaco Silva pode ter colado cartazes do PSD durante o PREC, pode ter elaborado o «programa económico da AD», pode ter sido «ministro das Finanças e do Plano do I Governo Sá Carneiro», pode inclusive ter saído da Figueira da Foz com a imagem de um estadista e de um político corajoso e intransigente. Mas a verdade, verdadinha, é que é um líder vigiado, um líder que dificilmente poderá ultrapassar o risco, perdoem a imagem, «mijar fora do penico».

Sobre ela pairam diversas ameaças, inclusive as que vêm de forças ou personalidades que o apoiaram. Entre estas, Marcelo Rebelo de Sousa.

Um Marcelo Rebelo de Sousa a desempenhar o papel de Anfião e que, tal como em Braga, continuará de fora, a erguer com a lira os muros de Tebas. Os seus piões estão posicionados dentro da Comissão Política e do Conselho Nacional para o que der e vier. E, quando Cavaco Silva já não servir a sua estratégia, não será Marcelo Rebelo de Sousa que hesitará em retirar-lhe o tapete. Os tempos passam, Marcelo não muda.

O PSD sim, esse muda. Mais à direita, muito mais, mas também reconhecível nas palavras de Miguel Veiga: «Quanto a Freitas não vou por ele, nem vou com ele....»

Como irá Cavaco Silva descalçar esta bota?

TAP AIR PORTUGAL

VERÃO 1985

EXCURSÕES EM AVIÃO A JACTO (VOOS FRETADOS)

Preços excepcionalmente baixos

CIRCUITO DOS TRÊS ALPES *14 dias. Avião e Autopullman*
JUNHO a SETEMBRO

LAS PALMAS *8 ou 15 dias*
JULHO a SETEMBRO

LONDRES *Fim-de-Semana, Mini-Semana, Uma semana Partidas de Lisboa, Porto e Faro*
ABRIL a OUTUBRO

LONDRES e ESCÓCIA *Partidas semanais todo o ano*

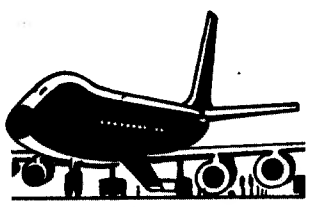
PALMA DE MAIORCA *8 ou 15 dias*
JULHO a SETEMBRO

SUÍÇA e ALEMANHA ROMÂNTICA *8 dias. Avião e Autopullman*
JULHO a SETEMBRO

SUÍÇA e ÁUSTRIA *8 dias. Avião e Autopullman*
JULHO a SETEMBRO

SUÍÇA, ÁUSTRIA e JUGOSLÁVIA *8 dias. Avião e Autopullman*
JULHO a SETEMBRO

SUÍÇA, ITÁLIA e ÁUSTRIA *8 dias. Avião e Autopullman*
JULHO a SETEMBRO



EXCURSÕES EM AVIÃO A JACTO

AÇORES *7, 8 e 10 dias de viagem*
ABRIL a OUTUBRO
S. MIGUEL – 7 dias
CIRCUITO AÇOREANO – 8 dias
AÇORES e MADEIRA – 8 dias
GRANDE CIRCUITO DAS ILHAS – 10 dias

AMSTERDAM *Uma Semana*
ABRIL a SETEMBRO

AMSTERDAM e LONDRES *Uma Semana*
ABRIL a SETEMBRO

ATENAS *Uma Semana*
JUNHO a OUTUBRO

ATENAS *com Cruzeiro às ILHAS GREGAS e TURQUIA – 8 dias de viagem*
JUNHO a OUTUBRO

ATENAS, ISTAMBUL e ROMA *9 dias*
JUNHO a SETEMBRO

ATENAS e ROMA *8 dias*
JUNHO a SETEMBRO

BRUXELAS *Uma Semana*
ABRIL a SETEMBRO

EGIPTO *Maravilhoso Cruzeiro no Nilo 9 dias* – MAIO a OUTUBRO

GRÉCIA e TURQUIA *8 dias*
JUNHO a SETEMBRO

HUNGRIA, POLÓNIA e CHECOSLOVÁQUIA *10 dias*
JUNHO a OUTUBRO

MADEIRA *Partidas de Lisboa e Porto 1 Semana.* ABRIL a OUTUBRO e todo o ano

PORTO SANTO *Partidas semanais*

PARIS *Uma semana + Fim-de-Semana*
TODO O ANO

ROMA *Uma Semana*
JUNHO a OUTUBRO

UNIÃO SOVIÉTICA *10 ou 14 dias*
ABRIL a NOVEMBRO

EXCURSÕES EM AVIÃO E AUTOPULLMAN

ALEMANHA ROMÂNTICA COM CRUZEIRO NO RENO *9 dias*
JUNHO a SETEMBRO

ATENAS COM CIRCUITO CLÁSSICO *8 dias.* JUNHO a OUTUBRO

BENELUX, PARIS e VALE DO RENO *8 dias.* ABRIL a SETEMBRO

CIRCUITO DA SICÍLIA *Uma semana*
JUNHO a SETEMBRO

FIORDES DA NORUEGA *14 dias*
JUNHO a AGOSTO

GRANDE CIRCUITO ITALIANO *8 dias*
JUNHO a OUTUBRO

JUGOSLÁVIA *(Circuito da Costa Adriática) 1 ou 2 Semanas.* JUNHO a SETEMBRO

MARROCOS *8 dias.* JUNHO a OUTUBRO
CIRCUITO DAS CIDADES IMPERIAIS

REPÚBLICA DEMOCRÁTICA ALEMÃ *9, 14 e 16 dias.* JUNHO a OUTUBRO

ROMÉNIA *(Circuito da Roménia e Bulgária) 7 e 14 dias.* ABRIL a OUTUBRO

TERRA SANTA *8 dias.*
MAIO a SETEMBRO

TERRA SANTA e EGIPTO *10 dias*
JUNHO a OUTUBRO

TRIÂNGULO TURÍSTICO ESCANDINAVO *8 dias*
JUNHO a SETEMBRO

AS GRANDES VIAGENS

ÁFRICA DO SUL *9 e 15 dias.* Todo ano
JOANESBURGO – 9 dias
CIRCUITO DIAMANTE AZUL – 15 dias

BRASIL Todo o ano

CANADÁ *8 dias.* JUNHO a SETEMBRO

CANADÁ e ESTADOS UNIDOS *15 dias.* JUNHO a SETEMBRO

CHINA FASCINANTE *18 dias*
JULHO a SETEMBRO

CUBA *12, 15 e 17 dias.* JUNHO a OUT.

ESTADOS UNIDOS e MÉXICO *16 dias.* JUNHO a SETEMBRO

ÍNDIA, NEPAL e TAILÂNDIA *16 dias.* ABRIL a OUTUBRO

NOVA IORQUE *9 dias.* ABRIL a SETEMBRO

QUÉNIA *10 dias.* JUNHO a SETEMBRO

SONHO DO JAPÃO *17 dias*
MAIO a OUTUBRO

TAILÂNDIA e MALÁSIA *12 dias*
JUNHO a OUTUBRO

TRIÂNGULO ORIENTAL *16 dias*
ABRIL a OUTUBRO

FÉRIAS NA PRAIA EM AVIÃO A JACTO

BALEARES *1 ou 2 Semanas*
Ibiza, Menorca e Palma de Maiorca
ABRIL a OUTUBRO

BENIDORM e ALTEA *1 ou 2 Semanas*
ABRIL a OUTUBRO

CANÁRIAS *1 ou 2 Semanas*
Las Palmas, Tenerife e Lanzarote
ABRIL a OUTUBRO

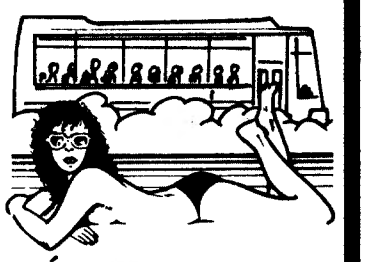
ILHAS GREGAS *1 ou 2 Semanas*
ABRIL a OUTUBRO

JUGOSLÁVIA *(Dubrovnik) 1 ou 2 Semanas.* JULHO a SETEMBRO

MARROCOS. *AGADIR – 8 dias*
CIDADES MARROQUINAS – 13 dias
TÂNGER – 1 Semana
TÂNGER – Fim-de-Semana (3 dias)
ABRIL a OUTUBRO

ROMÉNIA *(Mar Negro) 1 ou 2 Semanas.* ABRIL a OUTUBRO

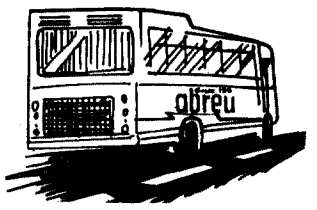
TUNÍSIA *1 ou 2 Semanas*
MAIO a OUTUBRO



FÉRIAS NA PRAIA EM AUTOPULLMAN

BENIDORM *8 ou 15 dias*
JULHO a SETEMBRO

COSTA DEL SOL *8 ou 15 dias*
TORREMOLINOS ou BENALMADENA
JUNHO a SETEMBRO



EXCURSÕES EM AUTOPULLMAN

ATRAVÉS DA EUROPA *22 dias*
JUNHO a SETEMBRO

CONVITE EUROPEU *22 dias*
JULHO a SETEMBRO

ESPANHA, ANDORRA e LOURDES *11 dias.* ABRIL a OUTUBRO

ESPANHA e FRANÇA *15 dias*
JUNHO a SETEMBRO

ITÁLIA *(Roma e Assis) 18 dias*
JUNHO a SETEMBRO

MARROCOS IMPERIAL *11 dias*
ABRIL a SETEMBRO

PRIMAVERA EM FLOR *17 dias*
MARÇO a JUNHO

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES — *PEÇA-NOS PROGRAMAS DETALHADOS*

desde 1840 **abreu**

ALVARÁ N.º 35 · OPERADOR TURÍSTICO

LISBOA	Avenida da Liberdade, 160	Tel. 37 13 41
LISBOA	Av. de Roma, 66-B	Tel. 80 50 96
LISBOA	Estrada de Benfica, 451-C	Tel. 74 21 81
CASCAIS	Galerias Estoril-Sol, 3	Tel. 28 08 61
ALMADA	Rua de Olivença, 9-C	Tel. 275 62 72
LEIRIA	R. Mouz. de Albuquerque, 90	Tel. 3 11 81

PORTO • BRAGA • GUIMARÃES • AVEIRO • COIMBRA • FARO • PORTIMÃO • FUNCHAL

PONTO A PONTO

O escritor **Urbano Tavares Rodrigues** afirmou em Lisboa ser «triste, profundamente triste» que a democracia portuguesa se tenha curvado «quase como uma colónia» perante Ronald Reagan. Tavares Rodrigues falava num teatro da capital, no decorrer de uma sessão comemorativa do fim da Segunda Guerra promovida pela Associação Portugal-República Democrática Alemã, na qual usaram ainda da palavra o marechal Costa Gomes e outras personalidades.

Classificando Ronald Reagan de «émulo de Hitler em não poucos aspectos», Urbano Tavares Rodrigues considerou que o presidente norte-americano «é o grande e entusiástico animador da corrida aos armamentos», e invocou a sua política da «guerra das estrelas».

O secretário da Comissão Política e director do gabinete de emigração do CDS declarou no **Luxemburgo** que «os democratas-cristãos portugueses se encontram no caminho da afirmação e no trilho da vitória».

Durante uma sessão de esclarecimento no casino sindical, para emigrantes portugueses no Grão-Ducado, Carlos Móia Nunes da Silva considerou que o presidente da Comissão Política, Francisco Lucas Pires, «tem sido o grande obreiro do combate do CDS».

O responsável partidário pelo pelouro da emigração afirmou que Lucas Pires «constitui o grande factor de esperança do País».

UMA delegação parlamentar portuguesa presidida por **Fernando Amaral** partiu para a Suécia a convite do Parlamento. Durante a visita, a delegação portuguesa terá encontros com o rei da Suécia, presidente do Parlamento, peritos da organização parlamentar, representantes de partidos políticos, sindicatos e provedor de Justiça. Juntamente com o presidente da Assembleia da República deslocam-se à Suécia o presidente da Comissão de Negócios Estrangeiros da Assembleia, Manuel Alegre, e deputados de todos os grupos parlamentares.

O Presidente da República condecorou com a Medalha de Ouro dos Serviços Distintos o **Regimento de Infantaria de Tomar.**

O regimento, sediado em Tomar há 85 anos, que comemorava o Dia da Unidade, recebeu a Medalha de Ouro da Cidade, a qual foi entregue pelo presidente do município. Ramalho Eanes era aguardado pelo ministro da Defesa, Rui Machete, pelo secretário de Estado da Defesa, Figueiredo Lopes, pelo chefe e vice-chefe do Estado-Maior do Exército, Salazar Braga e Firmino Miguel, respectivamente, o director da Arma de Infantaria e o comandante da Região Militar Centro, Pires Tavares.

O bispo de Bragança e Miranda defendeu a urgência de reforços objectivos da sociedade «a partir de uma filosofia de mercado para ultrapassar as graves dificuldades com que se debate especialmente o sector primário». D. António Rafael falava durante um encontro com uma delegação da Associação Industrial Portuguesa que se deslocou a **Bragança**. O bispo manifestou o seu agrado pelas iniciativas das associações empresariais, considerando-as «De grande importância para o desenvolvimento de estruturas capazes de responder às principais carências das populações transmontanas».

Lisboa mais próxima de Pequim

Presidente da República parte hoje para a República Popular da China

O Presidente da República afirmou ontem à agência portuguesa de notícias que as relações entre Portugal e a China não se limitam à questão de Macau. Através de uma declaração feita à ANOP, por via de um porta-voz oficial do Palácio de Belém, o chefe do Estado disse que «a visita à República Popular da China se integra num longo processo de aproximação e de compreensão mútua entre os dois países, constituindo um passo que permitirá abrir novas vias de relações e de cooperação».

«É este o sentido, a longo prazo, que encontro no convite que me foi endereçado e é com essa finalidade que considero necessário, em função de interesses nacionais permanentes, realizar esta deslocação».

Referindo-se a Macau, cuja situação «é parte integrante dessa finalidade», o Presidente da República considerou que «as nossas relações com a República Popular da China, agora e no futuro, não se limitam à questão de Macau». Para Ramalho Eanes, este território chinês sob administração portuguesa «constitui o mais imediato espaço de convívio e de compreensão entre os dois países».

Segundo o Presidente Eanes, «as relações internacionais colocam-se numa perspectiva global e a República Popular da China é uma potência nacional que terá uma importância crescente na evolução mundial, de que Portugal não se pode alhear». «Culminando um processo político bem sucedido de aproximação, com um efectivo empenhamento das autoridades portuguesas e chinesas, estou certo que esta visita permitirá abrir novas perspectivas para o futuro, consolidando as bases de entendimento já existentes».

Visita à China

O Presidente da República parte hoje para uma visita oficial de cinco dias à República Popular da China, um dia a Macau e três à Jugoslávia. A partida do aeroporto da Portela está marcada para as 16 e 40. A chegada à capital chinesa está prevista para as 17 horas locais de amanhã (mais sete horas do que em Lisboa).

O programa oficial começa às 9 horas do dia 22, na Praça Tien An Men, onde Ramalho Eanes será recebido com honras militares. A seguir o chefe do Estado português terá um encontro com o seu homólogo Li Xiannion, no grande Palácio do Povo. Às 9 e 30 começam as conversações oficiais, e, às 12 e 30, Eanes terá um encontro com portugueses residentes em Pequim e com professores e alunos portugueses. Nesse mesmo dia visitará a Cidade Proibida e à noite será obsequiado com um banquete no Palácio do Povo.

No dia 23, o Presidente visita a Grande Muralha da China, os túmulos de Ming, o Templo de Lamas e à noite retribui o banquete a Li Xiannion. Na sexta-feira, Ramalho Eanes deixa Pequim com destino a Xangai. Antes, porém, depositará uma coroa de flores no monumento aos heróis chineses, visitará o templo do Céu e tem um último encontro com as autoridades locais. Em Xangai o chefe do Estado português desloca-se a uma comunidade de desenvolvimento económico integrada — visita uma fábrica, a ponte do arco-íris e o edifício mais alto da cidade.

No sábado, Eanes parte para Quiliu, pequena cidade de 100 mil habitantes situada numa região autónoma e que faz fronteira com o Vietname. Aqui passará o penúltimo dia da sua visita. A chegada a Cantão está prevista para as 9 e 15 locais (mais oito horas do que em Lisboa) do dia seguinte. Ramalho Eanes visitará industrias do ramo da electrónica.

Dia 27 parte para Macau onde permanecerá até ao outro dia de manhã. De Macau sairá para Hong-Kong e daqui para Belgrado onde o Presidente da República permanecerá três dias antes de regressar, no dia 31, a Portugal.

Relações bilaterais

A visita que o chefe do Estado realiza de 21 a 26 à China marca um dos pontos mais altos das relações bilaterais desde que os dois povos se encontraram pela primeira vez, há 400 anos. Apesar de os portugueses terem chegado à China em 1513, (também em Maio) e Macau ser uma cidade portuguesa desde 1557, só o 25 de Abril de 1974 abriu as portas para a aproximação entre Lisboa e Pequim dos tempos modernos. Apenas em Fevereiro de 1979, no dia 8, os dois países estabeleceram relações diplomáticas.

O facto mais importante das relações entre os dois Estados foi a visita que o presidente, Li Xiannion, realizou a Portugal em Novembro do ano passado, e que, segundo afirmou, veio permitir um melhor conhecimento de Portugal pelos chineses. Oficialmente a questão de Macau não foi então debatida, embora o ministro dos Negócios Estrangeiros, Wu Xueqian, desse a entender que o problema deste território chinês sob administração portuguesa terá uma resolução tipo Hong-Kong.

Continuação do Governo PS-PSD depende de Ramalho Eanes

— lembrou Álvaro Cunhal em Baleizão

«Uma coligação a prazo de cumplíces, procurando sobreviver», **assim classificou Álvaro Cunhal, ontem, em Baleizão, o Governo PS-PSD, cuja demissão, seguida de eleições antecipadas, mais uma vez reivindicou, tendo em vista a criação de «condições imediatas para uma alternativa democrática» que, propôs, «seja um Governo Democrático de Salvação Nacional».**

Para Belém, para Ramalho Eanes, seguiu também, e uma vez mais, a advertência de que caso o Presidente da República não demita o Executivo até 14 de Julho ficará a partir desta data *«à mercê das medidas que contra ele tomarem o Governo e a Assembleia da República»*.

«Prevendo a possibilidade da sua derrota – acrescentou Cunhal – o Governo multiplica os factos consumados (bancos privados, empresas públicas entregues aos capitalistas, latifúndios restaurados, direitos dos trabalhadores liquidados, concessões ao estrangeiro concretizadas, etc.), factos consumados que tornarão mais difícil o trabalho de um futuro Governo democrático».

Por isso – *sublinhou* – se o Governo tem pressa, o povo também tem pressa. O Governo tem pressa em liquidar o Portugal de Abril. O povo tem pressa em salvá-lo. Continuemos a luta porque esta vitória está ao nosso alcance».

PSD: «vergonhoso espectáculo»

Relativamente ainda aos partidos do Governo, lembrou o dirigente comunista que há no PS «muitos conhecidos e destacados militantes que estão contra Soares e a sua política, muitas organizações em plena degradação, muitos socialistas que saem do partido».

Quanto ao PSD, *«verifica-se* – disse – um *vergonhoso espectáculo de conflitos internos, divergências, grupos, tendências,* chefes que caem e chefes que sobem para depois caírem também. *Uns querem continuar no Governo a qualquer preço. Outros querem um preço mais alto. Outros acham que é altura de sair e não ir ao fundo com o PS. Uns querem que nas presidenciais o PSD vote em Freitas do Amaral, que é do CDS, outros que vote em Mário Soares, que é do PS. Outros que vote num candidato independente. E também alguns reclamam que o PSD vote num candidato próprio»*.

Aludindo, a propósito, ao Congresso do PSD, disse ainda o secretário-geral do PCP: *«Um partido, que estando no Governo, tem de apreciar no seu Congresso 17 orientações estratégicas diferentes, um partido no qual ninguém se entende, nem quem o dirige nem quem o virá a dirigir, não tem qualquer credibilidade para participar numa coligação governamental»*.

Considerando como «uma atitude passiva que tem semeado muitas ilusões» a de alguns democratas que têm afirmado «que a queda do Governo será o resultado da ruptura da coligação que consideram inveitável, e mais concretamente da ruptura dentro do próprio PSD, que consideram igualmente inevitável», o secretário-geral do PCP sublinhou que «só por erro de cálculo no Congresso do PSD as ambições pessoais dos candidatos a chefes do PSD poderão precipitar os acontecimentos».

«De qualquer forma – acrescentou – apesar de desagregação e degradação interna do PSD e da coligação, tanto o PSD como Mário Soares farão os possíveis e os impossíveis para manter a coligação, pelo menos até 14 de Julho, como aliás já declararam alguns dos seus chefes».

Lacão comenta Figueira

PSD tem de optar entre AD e bloco central

O deputado Jorge Lacão advertiu esta manhã o PSD de que não pode manter-se na coligação e preparar o apoio a uma candidatura presidencial que passe pela reconstituição do eleitorado da AD.

Comentando os resultados do último Congresso do PSD e a eleição de Cavaco e Silva para líder do partido, Lacão, que é o porta-voz da Comissão Permanente do PS disse que o seu partido aguarda «uma clarificação inequívoca das orientações políticas por parte do PSD». E recordou que nos termos do acordo entre o PS e o PSD «qualquer candidato a apoiar por qualquer deles deverá posicionar-se sem margem para dúvidas numa atitude favorável à coligação».

«O PSD, acrescentou Jorge Lacão, «tem de dizer se se mantém fiel aos acordos celebrados e inequivocamente empenhado na coligação pelo período previsto nos acordos».

Aquele deputado disse ainda que «não é possível que nenhum dos partidos fique no Governo com reserva mental em relação à coligação, procurando objectivos que a prazo serão contraditórios com o acordo celebrado». Esta foi a primeira reacção oficial dos socialistas aos resultados do Congresso do PSD e, nomeadamente, à eleição de Aníbal Cavaco e Silva para presidente da Comissão Política social-democrata. O novo dirigente, recorde-se, foi numa primeira fase defensor da candidatura presidencial de Freitas do Amaral e foi assim que mais recentemente teve alguma projecção pública. No Congresso fez esbater esta opção, sem no entanto a negar frontalmente.

E por isso provável que Mário Soares veja com alguma desconfiança a entrada para o Governo e para o cargo de vice-primeiro-ministro um apoiante de um dos seus rivais.

Esta tarde, o Primeiro-Ministro recebe em S. Bento o ainda vice-primeiro-ministro Rui Machete, antes deste partir para Bruxelas para participar numa reunião de ministros de Defesa da NATO.

Candidatura de Soares

Entretanto, os autarcas socialistas de Viseu aprovaram no último fim-de-semana uma moção apelando à candidatura de Mário Soares à Presidência da República.

A iniciativa foi justificada pela necessidade de eleger um candidato «que assegure a continuidade do regime democrático e que contribua de forma decisiva para a estabilidade governativa».

Soares é, para estes autarcas da Beira, a única figura política de momento com «as qualidades e competências necessárias para que a candidatura venha a ser uma realidade num futuro próximo».

Dois guardas fiscais, um agente da PSP e um bancário

Encontradas em Monsanto armas que mataram no Algarve

Alertados por uma denúncia, agentes da Direcção-Central de Combate ao Banditismo (DCCB) da Polícia Judiciária encontraram em Monsanto, nas proximidades do Bairro da Serafina, três armas, e munições ao que tudo indica, utilizadas por uma quadrilha responsável por vários assaltos à mão armada no Algarve e ainda pela morte, também naquela zona, de dois guardas fiscais em Albufeira de um agente da PSP na serra do Caldeirão e de um funcionário bancário, em Vilamoura. A dedução da PJ fundamenta-se no facto de junto às armas terem sido encontrados documentos em nome de Apolinário de Jesus Darros, um dos seis elementos da quadrilha, recentemente detido em Welva e já extraditado para Portugal.

As armas, envolvidas em sacos de plástico e que estavam enterradas num buraco que o informador disse ter visto fazer na noite de 3 do corrente, são uma pistola metralhadora da marca «Kalashnikov», duas pistolas de calibre 7.65, das marcas «Star» e «Mas» e ainda 108 munições de calibre 9 mm.

Ao que afirmou um porta-voz da PJ os elementos que integram esta quadrilha não têm qualquer relação com as «FP-25».

Assalto a ourives rendeu 7 mil contos

Um ourives, com banca na Feira das Galinheiras, foi ontem à tarde assaltado quando regressava à sua residência, em Camarate, tendo-lhe sido roubados objectos em ouro e vários relógios, no valor global de sete mil contos.

O assalto foi perpetrado por quatro indivíduos armados de caçadeiras de canos serrados e de pistolas, os quais transportando-se num automóvel obrigaram o ourives a parar a sua furgoneta, junto à escola velha de Camarate, após o que se apoderaram do ouro e dos relógios depositados no porta-bagagens do veículo.

Em declarações à PJ, o ourives afirmou ter disparado a sua pistola 6.35 sobre os assaltantes em fuga devendo ter atingido um nas costas.

A caminho de Cuba

Soldados russos em Ponta Delgada

Tropas soviéticas que se dirigem, ou regressam, de Cuba escalaram este ano por duas vezes o porto de Ponta Delgada, segundo informação ontem publicada pelo diário «Açoreano Oriental».

O jornal micaelense afirma que a 16 de Abril último o navio soviético «Dimitri Shostarkovich» escalou Ponta Delgada, sendo como porto de origem uma cidade do Norte da União Soviética. Transportava então 314 passageiros, mas apenas 59 tinham número de passaporte nos documentos entregues às autoridades portuguesas.

Duzentos e cinquenta e cinco passageiros tinham idades entre os 18 e os 21 anos, deduzindo-se daí que eram soldados.

Dezoito dias depois, o mesmo navio voltou a aportar a Ponta Delgada, vindo de Cuba. Foi na noite de 3 para 4 de Maio e transportava desta feita 352 passageiros, dos quais apenas 63 tinham número de passaporte. Duzentos e oitenta e nove estavam em idade de cumprir o serviço militar obrigatório.

Em ambas, escalas, os passageiros foram proíbidos de desembarcar e algumas crianças vistas no tombadilho não se encontravam na lista oficial de passageiros.

Os jovens em idade militar nunca apareceram a bordo do paquete soviético enquanto este esteve em Ponta Delgada.

A embaixada da URSS em Lisboa, contactada esta manhã pelo DL, recusou-se a comentar a notícia do «Açoreano Oriental».

Quando você cruza o Atlântico Norte a bordo dos nossos TriStar 500 wide-body, é toda uma tradição portuguesa de bem receber, de hospitalidade e vontade de agradar que o acompanha.

Traçamos um novo mapa dos Estados Unidos com 73 destinos cuidadosamente seleccionados. Ao chegar a Nova York ficam ao seu alcance pequenas cidades e grandes metrópoles, os mais variados itinerários para negócios e turismo — um mundo de alternativas.

Para esta vasta rede de destinos temos as tarifas mais convenientes. Se viajar para Nova York em NAVIGATOR CLASS TOP EXECUTIVE, oferecemos-lhe transporte de helicóptero entre o aeroporto e o centro da cidade, sem aumento de custo* Do mesmo modo lhe oferecemos a possibilidade de viajar em 1.ª Classe, se continuar para o interior do território Norte Americano.

Todas estas vantagens concretas são uma parte da nossa resposta aos desafios que enfrentamos para ir mais longe, mais alto e melhor. Porque só assim se faz futuro.

Consulte o seu Agente de Viagens.

O seu mapa dos Estados Unidos agora é outro

73 destinos** como mais ninguém lhe oferece

*Em colaboração com NEW YORK AIRWAYS
**Em colaboração com: EASTERN AIRLINES · AMERICAN AIRLINES · PAN AM · HENSON AIRLINES · EMPIRE AIRLINES

tap AIR PORTUGAL

fazemos futuro para voar mais alto

INTERMARCO-ESPIRAL

Todos eles na PJ de Lisboa

Temos apenas dez polícias para investigar a corrupção

A PJ tem ao seu serviço apenas dez polícias afectos à investigação de casos de corrupção, todos eles em Lisboa. Nenhuma outra directoria, secção, brigada ou grupo da PJ no País tem directamente a ver com crimes deste tipo, os quais cabem, concretamente, à Brigada Central de Investigação e Anticorrupção.

Esta brigada investiga, além do crime de corrupção, o que respeita ao peculato, isto é, ao desvio ou má administração de dinheiros públicos. Desconhece-se com rigor o número de titulares do órgão da administração, regional e local, institutos públicos e gestores de empresas do sector público que estejam a ser alvo de investigação por parte daquela brigada, mas sabe-se que dos 126 processos que têm sob a sua alçada, dois casos de corrupção foram participados pela Alta Autoridade Contra a Corrupção.

É nesse número que entram o crime de favorecimento pessoal, os dezasseis crimes de peculato e os 86 de abuso de poderes que neste momento a Brigada Central de Investigação e Anticorrupção da Polícia Judiciária tem entre mãos, o que à partida significa que na PJ há pelo menos trinta e três crimes de corrupção no verdadeiro sentido do termo, para além do caso de favorecimento pessoal e da hipótese de alguns dos que respeitam a abuso de poderes se enquadrarem igualmente no âmbito da corrupção.

Todos os 126 processos respeitam a funcionários da administração pública, central e local, por suspeita de envolvimento em casos passíveis de infracção criminal. Mas não há o registo separado dos organismos a que pertencem os funcionários suspeitos. A Polícia Judiciária refere, contudo, que na maior parte dos casos em fase de investigação os suspeitos da prática de actos de corrupção não são funcionários de institutos públicos nem gestores das empresas do sector público

O Governo publicou há dias uma resolução na qual incita os serviços, instituições ou empresas públicas a colaborar com a Alta Autoridade Contra a Corrupção, acentuando que essa colaboração deve «prevalecer sobre a actividade corrente». A falta de cooperação evocada pela Alta Autoridade no que se refere à pouca receptividade de algumas entidades públicas solicitadas a colaborar, terá estado na origem dessa resolução.

A deliberação destina-se a todos os serviços da Administração Pública Central, Forças Armadas, institutos públicos e empresas públicas ou de capitais públicos, participadas pelo Estado ou concessionárias dos serviços públicos.

Um elemento da Alta Autoridade Contra a Corrupção afirmou há dias haver efectivamente entidades que se recusam a responder a inquéritos ou a mandar inquirir determinadas questões, se bem que haja responsáveis que em público falam muito do espectro da corrupção, mas que para a sua eliminação pouco fazem. No entanto, nos termos da resolução há dias publicada, aquelas e outras entidades deverão dar prioridade a pedidos que nesse sentido lhe venham a ser feitos — o que não acontecia até há bem pouco tempo atrás.

Motociclista esmagado por camião

Um motociclista de dezoito anos, António Pinheiro Martins Rodrigues, natural e residente em Moure, Vila Verde, teve morte imediata, ao tentar ultrapassar um camião carregado de areia. O acidente ocorreu perto de Braga, tendo o jovem sido apanhado pelo rodado traseiro do camião conduzido por João Ferreira da Silva, casado, morador na freguesia de Esposende.

Identificado automobilista morto a tiro em Benfica

Chamava-se José António Ferreira da Silva Machado, tinha 33 anos, e era motorista da Embaixada da Zâmbia em Lisboa o indivíduo encontrado morto na sexta-feira à noite, pelas 21 horas, a cerca de quinze metros de distância do automóvel que conduzia, na Segunda Circular, perto do Calhariz de Benfica. O motorista, residente em Chelas, dirigia-se a uma oficina de reparações em Benfica, depois de ter estado a tomar uma «bica» com a mulher num centro comercial localizado próximo da sua casa. As autoridades policiais admitem que o motorista da Embaixada da Zâmbia tenha sido morto a tiro por um outro automobilista com quem poderá ter discutido devido a problemas de trânsito.

Carbonizada numa barraca em Valongo

Uma pequenita de três anos, Olívia Fátima Gonçalves, morreu carbonizada, e o seu irmão, Rui Pedro Gomes, de quatro, ficou gravemente ferido, no incêndio que consumiu, nos arredores de Valongo, a barraca em que, na altura, estavam sozinhos. O fogo surgiu quando as duas crianças brincavam com uma caixa de fósforos, na ausência no trabalho do pai, Justino de Sousa Gomes, e da mãe, Fernanda Augusta da Silva, em tratamento psiquiátrico, no Hospital Conde Ferreira.

Mais um afogamento na Costa da Caparica

Um jovem de 21 anos morreu ontem afogado na Praia da Rainha, Costa da Caparica. Trata-se de José Manuel Costa Soeiro, carpinteiro, residente em Setais, Camarate, arredores de Lisboa. Uma fonte dos bombeiros da Caparica disse que é o terceiro caso de afogamento que ocorre este ano.

O jovem, que segundo os amigos que o acompanhavam, não sabia nadar fez-se ao mar cerca das 15 horas desafiando as ondas e a corrente que era bastante forte.

Pouco tempo depois foi arrastado pelas ondas e deixou de ser visto.

Um nadador salvador e uma equipa de bombeiros acorreram a prestar auxílio mas o jovem foi retirado já sem vida.

Há ou não novo Conselho de Gestão?

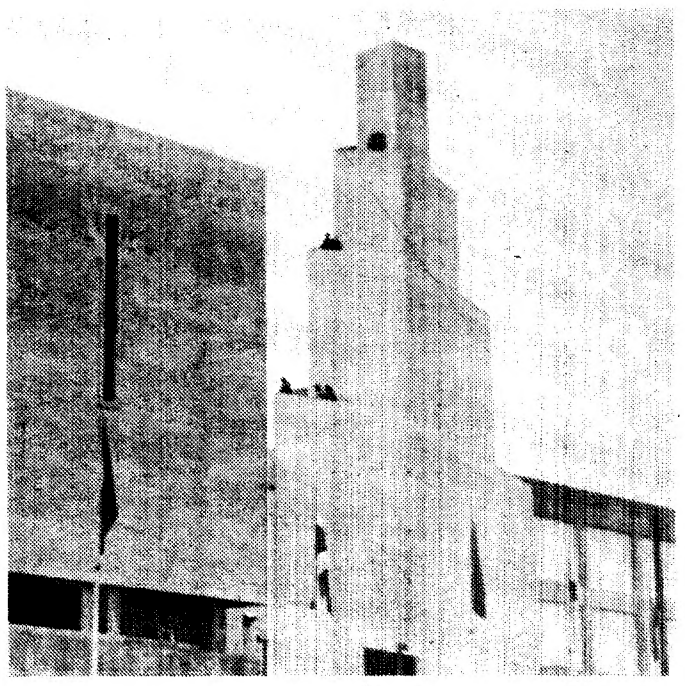
Comunidade Islâmica: mantém-se a confusão

Prossegue a polémica na Comunidade Islâmica de Lisboa: enquanto os seguidores de Valy Mamede asseguram que a sua direcção ainda não foi substituída, os opositores, liderados por Mussa Omar, garantem que obtiveram ontem uma vitória nas eleições para o Conselho de Gestão.

Mussa Omar, o novo presidente da Comunidade, encabeçava a lista B, que concorria contra a lista liderada por Suleiman Valy Mamede, que foi o dirigente dos islâmicos durante cerca de duas décadas.

A lista de Mussa Omar obteve 279 votos contra 79 alcançados pela lista que propunha Valy Mamede, disse a mesma fonte, após a contagem dos boletins depositados nas urnas.

O escrutínio de domingo teve lugar depois de uma primeira eleição ser anulada, com base em irregularidades detectadas no acto eleitoral. Esta nova eleição decorreu com normalidade, segundo aquele elemento do Conselho de Gestão.



Uma mesquita cuja construção teve papel importante na divisão agora reinante no seio da Comunidade Islâmica de Lisboa

Não houve eleições

Faruk Gadit, secretário da direcção demissionária da Comunidade Islâmica, disse, entretanto, que aquela direcção continuará a gerir os negócios da comunidade até ser legalmente substituída, não reconhecendo qualquer nova direcção que venha a ser anunciada pela lista B.

Segundo Gadit, o que se passou ontem na Mesquita de Lisboa não foi uma assembleia eleitoral mas apenas uma reunião de noventa sócios, todos afectos à lista B, que não tem poderes para eleger uma direcção.

O secretário da Direcção presidida por Suleiman Valy Mamede sublinhou ainda que o presidente da mesa da Assembleia Geral, Karim Bouabdelah, tem legitimidade para convocar uma assembleia eleitoral, o que deverá fazer após o Ramadão, depois de se aconselhar com juristas.

Caso FP-25: abandonada greve da fome

Os presos do «Caso FP-25» confirmam, em comunicado ontem distribuído, ter interrompido, às 18 horas de sexta-feira, a greve da fome iniciada no Estabelecimento Prisional de Lisboa, por terem sido para ali transferidas as quatro detidas em Custoias.

O comunicado acrescenta que as quatro mulheres, que estavam em greve desde 13 de Maio, sofreram «efeitos lesivos muto acentuados» já que a nova greve de fome, apesar de curta, se seguiu a outra recente que durou 38 dias.

Os presos responsabilizam o director-geral dos serviços prisionais pelas «ilegalidades praticadas nas cadeias portuguesas» e lamentam que «só à custa de greves de fome de consequências gravosas e irreversíveis» consigam sensibilizar o poder para «a reposição da legalidade sistematicamente violada».

Depois de terem sofrido onze meses de prisão preventiva, aguardando julgamento, os presos do «Caso FP-25» esperam que o julgamento «se venha a verificar rapidamente, sem que tenham para isso de recorrer mais uma vez a formas de luta».

ARTIGO DE FUNDO

Mário Castrim

O menos que se podia dizer era que ninguém se entendia naquele Congresso. Reinava a total diversidade de linguagens, de opções, de tendências. Não direi ***sensibilidades*** *porque, naquela classe, impera o rigor, o cálculo, a análise fria.*
Tratava-se do Congresso dos Ornitólogos que reunia representantes de todas as ornitoliges nacionais.
Para os que ainda conseguem ultrapassar-me em ignorância, direi que **ornitólogo** *é palavra que deriva do grego* **órnithos,** *pássaro, mais* **logo**, *tratado, estudo. Era pois um congresso de indivíduos que estudam os pássaros, passarinhos e passarões, congresso que decorre sob o lema «No figueiral figueiredo, lá no figueiral entrei».*
O Congresso, com alguns intervalos pelo meio para fazer umas alianças que servem de anilhas, já dura há dez anos, gastos na leitura, discussão e reprovação das inúmeras moções. Neste momento ainda faltam chegar à mesa 12 524 moções. Hoje serão apreciadas oito.
A moção A representa o ponto de vista dos **ornitócoris,** *insectos hemipteros, série dos gimnocratas, parasitas da capoeira. Seu lema é* **Ser insecto e parecer ave.**
A moção B, reflecte a ideia dos **ornitófilos,** *ou seja, dos que gostam das aves. Tem o lema:* **Os passarinhos bons, são os passarinhos fritos.**
A moção C pertence aos **ornitófonos**, *quer dizer, aos que imitam o canto das aves. Lema:* **Quem melhor gorjear, a melhor vai levar**.
A moção D é a dos **ornitogeógrafos**, *uma espécie de autarcas do passado descentralizado, que se apresentam sob o lema* **Sim à geografia, não à ideologia.**
Polémica será a moção E dos **ornitomantes**, *os que adivinham o futuro pelo canto ou pelo voo das aves. Lema* **Piará, piará e depois se verá**.
Ornitotecnia, *conhecida vulgarmente (pfffff!) por «avicultura», é a tendência da moção F que se representa sob o lema* **Aperfeiçoar o aviário, modernizar Portugal.**
A moção G cabe aos adeptos dos **ornitínicos,** *os ventos propícios às aves da arribação. Traz o lema:* **Qualquer vento que soprar me serve para arribar.**
Finalmente, aquela que terá mais hipóteses de ganhar é a emoção H, da tendência **ornition** *da família das aves tirâmidas, com o lema* **Toca na caixa, ou vai ou racha.**
Muito se falará ainda deste Congresso, pois o verdadeiro ornitólogo é aquele que nunca perde – o pio.

Há 1800 alunos e 200 professores e funcionários

Vistoria adiada "sine die" ameaça a Preparatória Manuel da Maia

Os 1800 alunos da Escola Preparatória Manuel da Maia correm riscos cuja dimensão a escola ignora, devido ao mau estado da instalação eléctrica. Em igual situação, estão, obviamente, os 150 professores e os 50 funcionários do estabelecimento.

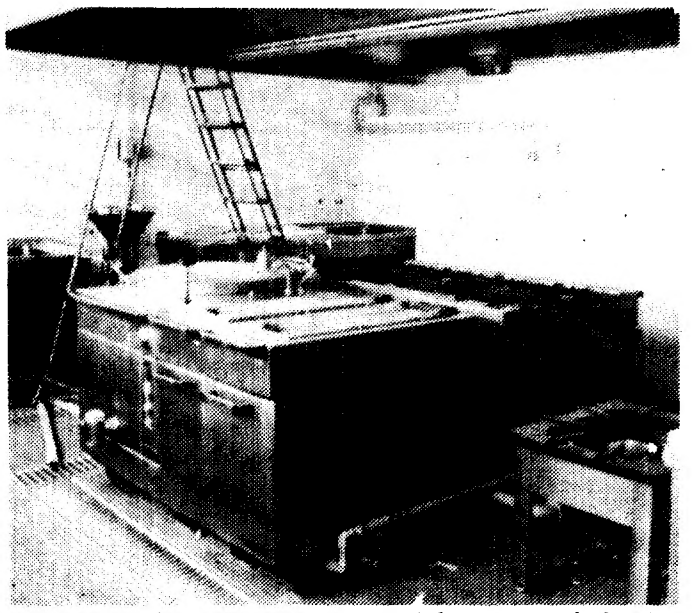
Por indicação da Direcção-Geral das Construções Escolares (Ministério da Habitação e Obras Públicas), as aulas foram suspensas na passada terça-feira (embora funcionários e professores tenham comparecido na escola, participando os últimos em reuniões de grupo) porque naquele dia técnicos da DGCE iriam vistoriar a situação da instalação eléctrica. No entanto, na própria terça-feira de manhã, a escola foi telefonicamente informada de que a visita não podia realizar-se por motivos imprevistos.

Na quarta-feira as aulas reabriram, e, embora a DGCE se tenha comprometido a informar posteriormente da data possível da visita, ainda não o fez.

A degradação é mais do que evidente no refeitório da escola

O quadro geral da electricidade fica frequentemente inoperacional porque não aguenta a sobrecarga eléctrica de todo o edifício. Essa é uma das razões porque, embora a preparatória Manuel da Maia tenha um refeitório para funcionar em regime de «self-service» sofisticadamente equipado, este não pode abrir porque a potência do quadro da electricidade é insuficiente. A instalação eléctrica teria que ser remodelada para se fazer a ligação dos aparelhos eléctricos instalados na cozinha e dos balcões-estufa do refeitório propriamente dito.

Foi mesmo um técnico responsável da DGCE que telefonicamente admitiu o mau estado da instalação eléctrica e reconheceu a necessidade de se lhe fazer urgentemente uma vistoria, que ficou marcada, nessa conversa telefónica, para terça-feira passada. Mas esta escola — talvez por ironia do destino, visto que Manuel da Maia foi um famoso arquitecto — tem uma acidentada crónica em matéria de insegurança das instalações. Obras recentemente realizadas no pátio obrigaram à abertura de valas, nas quais passam cabos eléctricos. As valas não foram convenientemente cobertas e as que foram cobertas não foram empedradas à superfície.



Material moderno que equipa as cozinhas, não pode funcionar por causa da rede eléctrica

O conselho directivo soube posteriormente que num dos dias de realização dessas obras, a escola nem sequer foi avisada que deveria ser desligada a electricidade e os cabos estiveram à vista, cobertos de água da chuva e, só por um mero acaso feliz não houve qualquer acidente.

Os pisos das salas que há três anos foram reforçados e pavimentados em consequência dos operários que procediam a obras de manutenção durante as férias chegarem à conclusão de que a estrutura subjacente era demasiado frágil, estão de novo deteriorados. As obras que também por essa data foram realizadas nas oficinas porque chovia lá dentro (uma parte da escola foi construída sobre uma antiga lixeira), não só foram inúteis como gravosas. Agora, além de continuar a chover dentro das oficinas, a água entra pelo sobrado, infiltra-se pelas paredes, fazendo apodrecer máquinas e mobiliário de madeira.

Resta acrescentar que a Preparatória Manuel da Maia é uma das escolas que continua a receber equipamento escolar que não solicitou, enquanto, por outro lado, não recebe aquilo que precisa.

O conselho directivo é actualmente objecto de um processo de inquérito por parte do ME por não ter cedido, como o Ministério exigiu, dois funcionários do seu já desfalcado contingente de pessoal auxiliar, a outra escola de Lisboa.

SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA SOCIAL

ACÇÕES DE FISCALIZAÇÃO EM TODO O PAÍS PARA DETECÇÃO DE SITUAÇÕES IRREGULARES

Se se encontra nesta situação proceda de imediato à sua regularização junto do Centro Regional da sua área de residência. Evite assim as penalidades a que pode ficar sujeito.

SEGURANÇA SOCIAL

SOTINCO

TINTAS E VERNIZES

SOCIEDADE FABRIL TINTAS CONSTRUÇÃO — TINCO SARL

Av. Dom Carlos 1, 42 s/l Lisboa

SOCIEDADE FABRIL DE TINTAS DE CONSTRUÇÃO — TINCO, SARL, vem informar todos os seus clientes e público em geral de que é completamente estranha e não tem quaisquer relações de capital, fabrico, comércio ou outras com uma sociedade recentemente constituída e designada por Tinco Verlac-Sociedade Comercial de Tintas, Colas, Vernizes e Lacas, Lda., cujo negócio se situa no mesmo ramo.

Este facto, que certamente vai resultar em confusão no público consumidor, é merecedor do seu mais vivo repúdio pelo aproveitamento que pretende fazer da imagem de marca desta Empresa.

A TINCO informa ainda que está tomando as medidas adequadas para terminar com esta lamentável situação.

O incidente terá ocorrido nas costas da Galiza

Pesqueiros portugueses acusados de destruírem redes espanholas

Pescadores e armadores espanhóis denunciaram que, no passado sábado, doze pesqueiros portugueses entraram nas águas territoriais do país vizinho, nas costas da Galiza, e destruíram as redes de pesca de oito pequenas embarcações.

De acordo com o programa «Onda Pesquera», das emissoras «Cadena Ser», os barcos portugueses, com úma potência média de dois mil cavalos, pertencem aos portos de Viana do Castelo, Esposende e Leixões. Segundo os mestres das embarcações espanholas os prejuízos causados ascendem a vários milhões de pesetas, e, depois da denúncia, o Comando Marítimo de Vigo tomou, de imediato, medidas especiais de vigilância para evitar a repetição dos incidentes.

Dois dos barcos portugueses, segundo os espanhóis, eram o «Mar e Rosa» e o «Pinto Mar», ambos registados no porto de Leixões. No entanto, segundo o «DL» apurou esta manhã junto da Rádio Matosinhos, o «Pinto Mar» deu entrada à barra de Leixões às 19 e 30 da passada sexta-feira, de onde só saiu esta madrugada. A mesma fonte precisou que, apesar de não haver registo de entrada do «Mar e Rosa», ser possível que ele tenha entrado à barra. Por outro lado, as capitanias dos portos a que, de acordo com a acusação espanhola, pertencem os pesqueiros portugueses, respectivamente Viana do Castelo, Esposende e Leixões, declararam à agência ANOP não terem conhecimento de qualquer incidente.

O primeiro após acordo

Os pescadores espanhóis, que se limitaram a atirar pedras e outros objectos contra os barcos portugueses, pediram socorro imediato ao Comando Marítimo de Vigo mas, dada a potência das embarcações não foi possível detê-las antes de abandonarem as águas espanholas.

Entretanto, ao meio da manhã de hoje, em contacto com a Embaixada de Espanha em Lisboa, os serviços de Imprensa não tinham qualquer informação de Madrid sobre o assunto, desconhecendo-se se as autoridades do país vizinho irão apresentar qualquer protesto. Também os serviços consulares portugueses em Vigo afirmaram ao «DL» não terem recebido qualquer nota. A mesma fonte indicou que, desde 17 de Abril, data do apresamento pelas autoridades espanholas do «Santa Marinha», e cujo processo ainda está a decorrer na Secretaria Geral das Pescas, em Madrid, não tem havido quaisquer problemas.

Este é o primeiro incidente entre pescadores portugueses e espanhóis depois de os dois países terem assinado a 30 do mês passado um novo acordo de pescas.

A versão final desse texto prevê, ao nível territorial, um aumento da intervenção dos pescadores portugueses em águas espanholas até ao limite da sua Zona Económica Exclusiva (ZEE), ou seja, até à fronteira com a França, junto a Santander, e a sul até ao Estreito de Gibraltar. No que respeita ao mar territorial, zona das 0 às 12 milhas, mantém em vigor os acordos fronteiriços do Guadiana e do Minho, estando no entanto previsto o alargamento da zona do Minho para dez milhões em Portugal e Espanha.

Contudo, dado o potencial da frota do país vizinho, e depois da entrada dos parceiros ibéricos na Comunidade Económica Europeia, haverá uma diferença de 1 milhão de contos, no montante das capturas, feitas pelos espanhóis. Segundo afirmou em tempos o secretário de Estado das Pescas, Carlos Pimenta, essa diferença será compensada com regalias aduaneiras ao nível do comércio e, sobretudo, na limitação da importação de produtos de pesca espanhóis, nomeadamente conservas de sardinha, lulas e moluscos.

Recorda-se que, logo após a assinatura do acordo, a Associação dos Armadores das Pescas Industriais (ADAPI) acusou o texto de não acautelar minimamente os interesses nacionais.

Revelado por Nuno Teotónio Pereira

Arquitectos apenas trabalham em 4 por cento dos projectos

O presidente da Associação de Arquitectos de Portugal disse ontem em Évora que, «no nosso país, somente quatro por cento dos projectos de construção são feitos por profissionais de arquitectura».

Nuno Teotónio Pereira falava à ANOP no final de um encontro de representantes das associações profissionais de arquitectos de Portugal, Espanha, Itália e Grécia, que durante três dias reuniram em Évora, no âmbito do Comité da Liga dos Arquitectos da Europa Unida (CLAEU).

Durante o encontro, promovido pela associação portuguesa da classe, em que participaram cerca de 16 profissionais dos quatro países mediterrânicos, foram debatidos e analisados problemas e questões relacionadas com a actividade.

Nuno Teotónio Pereira, que considerou o encontro de Évora «importante e positivo», frisou ainda que a principal tarefa dos arquitectos portugueses consiste na «promoção da arquitectura, feita por arquitectos». Sobre a futura adesão de Portugal à CEE, e as implicações a nível profissionall o arquitecto português disse que o sector corre alguns riscos.

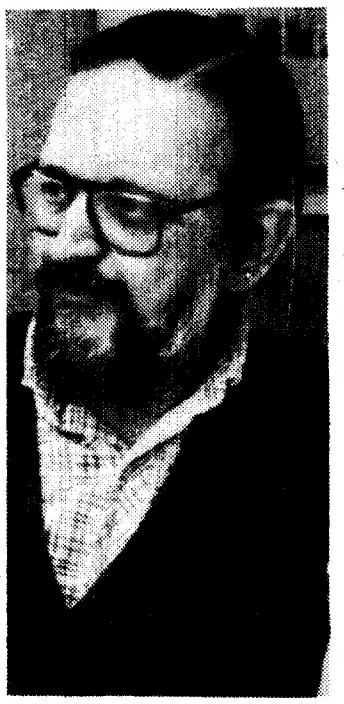
«Esses riscos, disse, prendem-se com a livre circulação de trabalhadores na Europa comunitária o que permite que profissionais estrangeiros venham trabalhar para Portugal.»

Na opinião de Nuno Teotónio Pereira, que considerou os arquitectos portugueses dos melhores que existem, a vinda de profissionais estrangeiros para Portugal «pode causar a adulteração da paisagem e do ambiente urbano, uma vez que não estão inseridos na nossa arquitectura».

O presidente da associação recordou que um arquitecto leva, em Portugal, o mínimo de seis anos para se formar enquanto em países como a Inglaterra, Alemanha Federal e Bélgica, os cursos têm a duração de três a cinco anos.

Nuno Teotónio Pereira disse, ainda, que «as pessoas terão que ver a arquitectura como uma profissão necessária e que a actividade deverá ser somente exercida por profissionais».

Em Portugal existem cerca de 300 mil profissionais de arquitectura, na sua maioria concentrados em Lisboa e Porto, 60 dos quais trabalham no Algarve e 40 na região do Alentejo.



Nuno Teotónio Pereira: equacionar os problemas da arquitectura, hoje em Portugal

Com a abstenção do PS e voto contra da APU

Câmara de Lisboa aprovou plano do Alto do Lumiar

A Câmara Municipal de Lisboa aprovou na sexta-feira, em sessão plenária extraordinária, o plano urbanístico do Alto do Lumiar. Com os votos favoráveis dos vereadores do CDS e PSD, a abstenção do PS e o voto contra dos eleitos da Aliança Povo Unido, o programa do Alto do Lumiar, um dos temas que mais polémica tem suscitado entre a vereação da CML, incide sobre uma área de 300 hectares, na qual serão edificadas 20.500 habitações, sendo 3.300 para realojamentos de famílias que habitam nas zonas degradadas da Musgueira Norte e Sul, Calvanas, Quinta do Louro e Quinta Grande. De acordo com os números divulgados, a nova urbanização poderá albergar 100 mil famílias.

No entanto, se o plano foi aprovado, permanecem muitas interrogações, expressas, aliás, pelo resultado da votação.

Em questão uma política de gestão

«Já nos tínhamos abstido na primeira votação e as reservas que tínhamos, continuam, nomeadamente afirmamos que a política de gestão seguida pelo presidente Abecasis não tem a nossa total concordância», declarou esta manhã ao «DL» o vereador Alberto Vila Nova explicando as razões da abstenção dos socialistas.

Para a APU, como em tempos divulgou em conferência de Imprensa, a oposição ao projecto do Alto do Lumiar radica numa questão de fundo: «trata-se de uma operação que visa, não o realojamento das populações, mas entregar os terrenos a preços irrisórios — 1.700 escudos por metro quadrado — aos grandes empreiteiros», reafirmou Rui Godinho.

Ainda no campo dos actos de gestão, o vereador da APU sublinhou que «começam a aparecer os primeiros alçapões em matéria de equipamento: o empreiteiro já está a reduzir a cerca de metade aquilo que tem a fazer». Neste ponto, é particularmente criticado o investimento de milhares de contos nos Parques das Conchas e dos Lilases, para os transformar em locais de lazer de grande qualidade, para serem aproveitados por um empreendimento privado, pois «a primeira parte do projecto — a construção da habitação de luxo — ficará encostada àquelas zonas». Deste modo, «uma vez mais o erário público está a beneficiar um empreendimento privado».

A Aliança Povo Unido, considera que «começa a ficar claro que vai acontecer uma de duas coisas: o empreiteiro ficará dono dos terrenos, construirá as partes rentáveis e não construirá nem os equipamentos, nem as infra-estruturas, nem fará o realojamento».

Dilatação de prazos gera preocupação

Para os vereadores socialistas, perante o estado adiantado do projecto, «resolvemos viabilizá-lo através da abstenção, pois contribui para resolver alguns problemas da habitação degradada». Mas, neste campo, na reunião de ontem, foram expressas reservas, subjacentes à dilatação do prazo de realojamento das populações de 10 para 15 anos. «Pomos reservas a que o plano para o realojamento tenha sido dilatado», afirma Alberto Vilanova. «Por isso, pedimos que nos fosse apresentado um documento no qual fossem explicitadas as alterações em relação à reformulação do projectt apresentado pelo adjudicatário». Estas reservas, de acordo com os vereadores socialistas, levaram a que, na reunião, fosse aprovada, por pressão do PS, a constituição de uma comissão constituída pelo presidente da Câmara, e pelos vereadores dos pelouros da habitação, segurança, trânsito, acção social escolar, e ainda dos espaços verdes e higiene urbana. A este grupo está atribuída a função de acompanhar a elaboração da fase final do plano.

Para a APU, a dilatação dos prazos vem apenas confirmar o que tem sido denunciado. Neste ponto, como noutros já referidos, o que estava contratualmente previsto virá sendo posto de lado.

A exequibilidade do projecto, para além da questão das infra-estruturas, mereceu outras críticas aos vereadores da APU. «O equipamento escolar irá ficar situado nos locais menos próprios, encostado ao Aeroporto e junto de vias rápidas», sublinhou Rui Godinho. Em relação ao segundo ponto, Alberto Vila Nova faz também críticas, destacando que tem que se evitar que se repita o caso de Telheiras, embora indique que irão ser tomadas medidas para a protecção das crianças.

No entanto, tal como em Telheiras, as necessidades do Ministério da Educação, levarão, certamente, a que a escola a ser construída não tenha apenas como população escolar crianças moradoras do Alto do Lumiar. Um caso que, agora que o polémico projecto foi aprovado, irá suscitar outras e novas reservas.

Opositor era o PSD

Duas vitórias do CDS em Juntas de Freguesia

O CDS obteve no fim-de-semana duas vitórias eleitorais para outras tantas, Assembleias de Freguesia, como foi o caso de Coucieiro, no concelho de Vila Verde, e Sabugosa, no de Tondela. Tanto bastou para que os democratas-cristãos manifestassem o seu regozijo. Em ambos os casos, o único opositor era o PSD.

A vitória em Coucieiro foi obtida pelo CDS com uma margem de 47 votos sobre a lista subscrita pelos sociais-democratas.

Dos 506 eleitores inscritos na Freguesia do Coucieiro, 183 votaram na lista do CDS, encabeçada pelo presidente anterior Francisco Miguel Ferreira, e 136 votaram no FSD. Registaram-se cerca de 40 por cento de abstenções.

Por outro lado, o CDS ganhou as eleições intercalares para a Assembleia de Freguesia de Sabugosa, Tondela, obtendo mais dois votos do que o outro partido concorrente, o PSD.

Dos 623 eleitores inscritos naquela freguesia do distrito de Viseu, 235 votaram no CDS e 233 no PSD, partido que detinha anteriormente a maioria.

O PSD, no entanto, anunciou já a intenção de impugnar as eleições alegando ter havido irregularidades na contagem dos 20 votos considerados nulos.

O presidente da Junta de Freguesia ontem eleita é o agricultor Manuel Cabral, que concorreu pela primeira vez numa lista do CDS.

CDS diz-se alternativa

O CDS interpretou os resultados destas eleições como um sinal da «confiança que o eleitorado cada vez mais confere à alternativa democrata-cristã, liberal e conservadora».

O CDS venceu aquelas duas eleições intercalares, concorrendo apenas contra um outro partido, o PSD.

Num comunicado difundido ontem à noite sob o título «CDS derrota duplamente o PSD», os democratas-cristãos afirmam que os resultados daquelas duas eleições «confirmam o ascendente do CDS».

Contra regime sucedâneo

TAP volta a parar na quinta-feira

Os trabalhadores da TAP cumprem na próxima quinta-feira uma greve de 24 horas, em luta pela não-aplicação do regime sucedâneo que, segundo o SITAVA, «prentende retirar ou suspender direitos fundamentais do acordo de empresa, conquistados antes e depois do 25 de Abril».

Reclamando o exercício do direito à contratação colectiva e opondo-se à arbitrariedade dos regimes administrativos, os trabalhadores mandataram o sindicato a convocar novas acções, caso o Governo não altere as suas posições.

O conflito surgiu na sequência de o Ministério das Finanças e do Plano, do Equipamento Social e do Trabalho e Segurança Social, terem anunciado em despacho conjunto do passado dia 5, a intenção de publicar um regime sucedâneo, pretendido pelo conselho de gerência (CG) da empresa.

Com essa medida, será restringida a capacidade de intervenção dos trabalhadores em matérias de horários e transferências e aumentando o número anual de dias de trabalho.

O sindicato afirma que está ainda em causa a tentativa de diminuição do número de férias e horas de dispensa, a retirada dos períodos de descanso compensatório, o encerramento do infantário e a alteração unilateral dos regulamentos internos.

A organização sindical considera que a manutenção da TAP em situação económica difícil desde 1980 é abusiva e constitui um pretexto para limitar a liberdade contratual. Admite no entanto a possibilidade de o CG estar a ocultar aos trabalhadores e à opinião pública a verdade acerca da situação da empresa pública.

Paramédicos do norte

Os técnicos paramédicos do Norte vão paralisar nos próximos dias 23 e 24 para pressionar as autoridades governamentais a publicarem a reestruturação das suas carreiras profissionais – informou uma fonte sindical.

Um informador do Sindicato dos Técnicos Paramédicos do Norte disse que os trabalhadores do sector público aguardam a revogação das suas actuais carreiras profissionais desde Junho de 1982.

Adiantou que em Fevereiro deste ano representantes sindicais e responsáveis do Ministério da Saúde «chegaram a um acordo que contemplou, no fundamental, as reivindicações», mas precisou que «até ao momento não houve ainda qualquer resultado prático no encontro».

«Volvidos mais de dois meses sobre a citada reunião constatamos que o Ministério da Saúde dá o dito por não dito e esquece-se de rever a situação dos técnicos sanitários, de definir as competências por graus de carreira e de rever a situação salarial dos técnicos de segunda classe».

RN pode paralisar

A Federação dos Transportes Rodoviários e Urbanos (FESTRU) vai propor ao plenário de sindicatos, a realizar na quarta-feira, 22, a realização de uma greve na Rodoviária Nacional (RN).

As ORT's da empresa pública manifestaram-se em plenário favoráveis à realização daquela forma de luta e decidiram também «Exigir a revogação das disposições do contrato-programa que lesa os trabalhadores e a empresa» e renovaram a exigência de que o secretário de Estado dos Transportes «remeta para o caixote do lixo o famigerado projecto de decreto-regulamentar» para os transportes rodoviários de passageiros.

Tentativa de despedimentos na Siemens

A Simemens de Évora oferece «um prémio especial» a todos os trabalhadores com mais de dois anos de casa, que queiram rescindir do contrato de trabalho. Trata-se de uma tentativa de «despedimento em massa, a troco de meia dúzia de patacos», denuncia o SIESI. A empresa argumenta que pretende «reduzir a produção, adaptando-a às necessidades do mercado». Mas a estrutura sindical considera a decisão como «mais uma manobra desta grande multinacional, que tem o apoio do Governo PS/PSD. O SIESI critica ainda o SIMA-UGT que, segundo afirma, «apoia esta devastadora acção do patronato da Siemens».

Gouveense paga salários em atraso

Nas vésperas das paralisações anunciadas para os passados dias 6 e 7, a empresa de transportes Gouveense Ld.ª de Gouveia, decidiu pagar aos seus trabalhadores os salários em atraso de Fevereiro a Abril e o subsídio de Natal de 1984. Este facto, segundo o Sindicato dos Trabalhadores dos Transportes Rodoviários e Urbanos de Viseu, constitui uma importante vitória dos trabalhadores, tanto mais que afirma, a gerência da empresa havia tentado por diversas formas desmobilizá-los. Não obstante estes resultados o Sindicato diz que a luta não se esgotou, porque a empresa tem ainda em dívida os subsídios de férias de 1984, diuturnidades e subsídios diários de alimentação.

CT da CTM demarca-se

A Comissão de Trabalhadores da CTM demarcou-se dos agradecimentos públicos que a Frente de CT's e sindicatos da Marinha Mercante fez à UGT, na sequência do acordo assinado com o Governo sobre o futuro dos empregados da CTM e da CNN. A Comissão de Trabalhadores da CTM refere que participou nos trabalhos da frente, mas que os resultados obtidos face à situação criada pelo Governo foram os possíveis e não de molde a justificar qualquer manifestação de regozijo.

Eurofiet defende pleno emprego para os jovens

A IV Conferência Regional da Eurofiet para a Juventude, que durante dois dias decorreu no Estoril, defendeu que cada jovem que deixa a escola deve ter acesso a uma formação que o qualifique profissionalmente.

Os cerca de 80 delegados de 12 países que participaram na Conferência Europeia da Federação Internacional dos Empregados e Técnicos (FIET) aprovaram também resoluções de apoio ao Governo e povo da Nicarágua e sobre a protecção do meio ambiente.

A resolução sobre o desemprego nos jovens considera que se deve aumentar o leque de possibilidades de emprego para os jovens, que não deverá implicar o trabalho a tempo parcial ou a redução do número de empregos existentes.

O documento aprovado pela Eurofiet defende que o emprego dos jovens seja regular e em condições de trabalho normais, devendo recusar-se trabalhos não renumerados ou a prazo.

A resolução refere que cada vez mais as empresas fazem contratos que prevêm os despedimentos, oferecendo trabalhos a trabalhadores temporários, contratos flexíveis prevendo renumeração à hora e contratos a prazo, que não oferecem segurança de emprego nem permitem reduzir o desemprego dos jovens.

As conclusões do seminário apontaram ainda para a denúncia da forma como o Fundo Monetário Internacional (FMI) actua, tentando evitar que os sindicatos tenham força, e apoiou as resoluções do comité da Fiet em relação à África do Sul.

Conferência da Mulher Trabalhadora

Carta Reivindicativa exige o fim da discriminação

A eliminação da discriminação das mulheres no trabalho e a protecção à maternidade foram algumas das medidas reivindicadas pela II Conferência Sindical da Mulher Trabalhadora, realizada este fim-de-semana em Almada.

As cerca de 500 participantes na conferência exigiram a aplicação efectiva do princípio de «salário igual para trabalho igual», bem como a abolição dos prémios que se traduzem na discriminação em função do sexo ou de responsabilidades familiares.

No âmbito da protecção à maternidade, foi exigida «a aplicação efectiva das disposições legais sobre educação sexual, planeamento familiar e interrupção voluntária da gravidez».

Por outro lado, foi salientada a necessidade de uma rede de assistência materno-infantil acessível a todos e gratuita.

No que se refere aos locais de trabalho, as participantes na conferência reclamaram a obrigatoriedade de as empresas que empreguem mais de 50 trabalhadoras disporem de creches e de cantinas ou refeitórios.

Estas exigências constam de uma carta reivindicativa aprovada no congresso, promovido pela CGRP-IN.

O documento define em cinco capítulos as reivindicações consideradas imediatas das trabalhadoras, nomeadamente no que se refere ao emprego, formação profissional, salários, protecção na maternidade e informação e participação.

No plano sindical, a carta apela ao desenvolvimento de «acções de informação dirigidas às mulheres, aumento da sua participação na vida sindical e a realização de acções positivas de combate aos esteriotipos sobre o papel tradicional dos homens e das mulheres».

A utilização «do corpo da mulher como chamariz publicitário» foi também objecto de intervenções, tendo sido exigida, a propósito, a proibição de toda a publicade que «dê da mulher uma imagem degradante».

A realização de programas regulares de informação sobre os direitos das mulheres e da campanhas educativas sobre o valor social da maternidade, por forma a «co-responsabilizar homens e mulheres nas tarefas daí decorrentes», foi outra das reivindicações das participantes no encontro.

Encontro sobre iniciativas locais de emprego

O técnico francês Hugues de Varine afirmou em Braga que existe um desejo de a França e Portugal trocarem informações sobre as iniciativas locais de emprego.

O técnico da Secretaria de Estado da Economia Social de França falava no I Encontro Internacional de Iniciativas Locais de Emprego (ILE) que sábado encerrou na capital do Minho, organizado pelo governo civil do distrito e que contou com a participação de especialistas de vários países.

«As ILE são iniciativas viáveis baseadas em dinamismos locais, tendo em vista a criação de emprego» — refere o texto das conclusões, distribuído em conferência de Imprensa no final do encontro internacional.

A secretária de Estado da Administração Autárquica, Helena Torres Marques, que também interveio nos debates, disse que «as autarquias vão ser chamadas de futuro a contribuir para a criação de empregos produtivos».

ANO INTERNACIONAL DA JUVENTUDE

CONCURSO DE ARTES E LETRAS JUVENTUDE-85

A Câmara Municipal de Loures promove a realização de um Concurso de Artes e Letras Juventude/85 destinado a todos os jovens do concelho e integrado nas Comemorações do Ano Internacional da Juventude.

Assim, os temas a considerar são:
— A Juventude e o Concelho de Loures
— A Juventude, a Paz e o Meio Ambiente
— Invenções e Projectos (Poderão ser considerados neste último tema, trabahos ligados a projectos vários — creches, espaços verdes, escolas, etc. — bem como, qualquer invenção).

Subordinados aos temas, serão admitidos a concurso trabalhos inéditos nas seguintes modalidades:

EXPRESSÃO LITERÁRIA — Poesia; Conto; Reportagem, Ficção Científica, etc

EXPRESSÃO PLÁSTICA — Pintura; Desenho; Escultura, Trabalhos Manuais, etc.

● Todos os trabalhos deverão ser inéditos e subordinados a qualquer dos três temas.

● O concurso decorre de 15 de Maio a 30 de Outubro, devendo todos os trabalhos dar entrada no Pelouro da Juventude — Casa do Adro — Loures, ou nas Juntas de Freguesia, até ao dia 30 de Outubro de 1985.

A selecção e entrega dos prémios sera feita até 30 de Novembro de 1985.

● **Serão atribuídos prémios segundo os escalões etários seguintes:**

Escalão A — dos 10 aos 13 anos
Escalão B — doa 14 aos 17 anos
Escalão C — dos 18 aos 25 anos

Nos três escalões e nas três modalidades os prémios a atribuir serão os seguintes:

Dezoito 1.os — Minicomputadores
Dezoito 2.os — Gravadores
Dezoito 3.os — Material desportivo
Do 4.º ao 10.º — Livros e discos.

NOTA: O REGULAMENTO, ENCONTRA-SE EM: CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES E JUNTAS DE FREGUESIA, COLECTIVIDADES E ASSOCIAÇÕES DE ESTUDANTES DO CONCELHO

com a juventude pelo futuro

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES
Pelouro da Juventude

Para dar origem a quatro empresas distintas

EPAC desmembrada até ao fim do mês

O desmembramento da EPAC deverá estar concretizado até final do mês com a publicação da legislação que vai ordenar a constituição de quatro empresas distintas a partir do núcleo central da Empresa Pública de Abastecimento de Cereais.

São 600 os silos e armazéns de cereais da EPAC espalhados por todo o País e que os importadores privados pretendem usar, a baixo custo. Este é o silo de Vila Franca de Xira

O secretário de Estado do Comércio e Indústria, Carlos Filipe, disse que este desmembramento se faz para adequar a legislação portuguesa às regras comunitárias do sector, mas os trabalhadores, assim como observadores externos à EPAC, vêem nesta medida a tradução da cobiça de importadores privados pelo controlo do rendoso negócio da importação de cereais.

«A EPAC, que manterá transitoriamente funções de intervenção no mercado de cereais enquanto não for criado o organismo de intervenção, verá depois a sua capacidade de actuação alargada a outros domínios, além dos cereais, designadamente a outros produtos agrícolas, como as frutas e produtos hortícolas» — disse o secretário de Estado.

Carlos Filipe acrescentou que os projectos, da iniciativa do actual ministro da Agricultura quando ocupava a pasta do Comércio, prevêm que as quatro empresas poderão além de prestar serviços relacionados com a importação de cereais, «importar também em concorrrência com as entidades privadas».

Em relação aos trabalhadores da EPAC, cerca de 1840 no Continente e ilhas, Carlos Filipe assegurou que serão integrados nas novas empresas, mas admitiu que «alguns deles beneficiarão de reforma antecipada».

A cobiça das multinacionais

Para a comissão de trabalhadores da empresa o desmembramento da EPAC pode conduzir à ruptura do abastecimento de cereais.

Um informador da comissão acrescentou que os projectos de lei que propõem o desmembramento da Empresa Pública abastecedora de Cereais são «um conjunto de medidas que inviabilizam a EPAC e o mercado de cereais» e representam «um paliativo para a extinção da empresa».

«O que o Governo pretende é liquidar a empresa tal como é e colocar as infra-estrutras de que dispõe ao serviço dos importadores privados que são unicamente as multinacionais», acrescentou, referindo-se ao projecto de lei que prevê a criação de quatro empresas de capitais mistos que substituirão a EPAC.

As referidas empresas terão por função a prestação de serviços, ou seja, o arrendamento das cerca de 600 unidades de que a EPAC dispõe no Continente e ilhas para armazenagem aos importadores privados, acrescentou.

A mesma fonte disse à ANOP que o decreto-lei que, determinou a liberalização da comercialização de cereais e que, portanto, retira à EPAC o monopólio das importações de trigo e milho no mercado interno prevê também a criação de uma comissão e um organismo de intervenção, e que desempenhará o papel actual da EPAC.

«O mercado de cereais é um mercado estratégico, dado que o seu preço oscila bastante ao longo do ano nas bolsas internacionais, pelo que os particulares só vão importar quando os preços lhes forem favoráveis, devendo então o organismo de intervenção — que substituirá a EPAC — comprar quando os particulares não comprem», sublinhou.

O representante dos trabalhadores disse ainda que a lei prevê, também, no enquadramento da adesão à CEE, que as importações de cereais sejam «desarmadas», ou seja, sujeitas a uma taxa de liberalização em 1986 de 20 por cento, e progressivamente liberalizadas até 1990.

Referindo-se à reintegração dos recursos humanos de que a EPAC dispõe nas quatro empresas, o membro da comissão de trabalhadores salientou que o projecto do Governo prevê a criação de comissões instaladoras que «recolherão todo o pessoal tendo em conta o seu perfil profissional, recorrendo a reciclagens» e admitindo também «as reformas antecipadas».

A Empresa Pública de Abastecimento de Cereais dispõe de uma rede de armazenagem com cerca de 600 unidades em todo o país entre celeiros, cilos e poços de secagem e armazenagem e é, segundo a comissão de trabalhadores, a «empresa que movimenta mais dinheiro a seguir à Petrogal».

Segundo a mesma fonte, movimenta anualmente uma tonelagem média de cerca de um milhão de toneladas de trigo e três milhões de toneladas de milho, registando-se uma produção nacional de cerca de 400 mil toneladas de trigo e 600 mil de milho, cereal de que dependemos «fortemente do exterior».

Data da adesão à Comunidade é hoje fixada em Bruxelas

Os dez ministros dos Negócios Estrangeiros da CEE reúnem-se hoje em Bruxelas para determinarem a data da assinatura do tratado de adesão de Portugal e da Espanha a Comunidade.

Fontes comunitárias prevêm, que o dia seja fixado entre 12 e 19 de Junho, presumivelmente a 12.

Posteriormente o calendário obriga à ratificação parlamentar das adesões, quer por parte dos dez países membros quer por parte dos parlamentos dois países a integrar na Comunidade.

Se a ratificação for feita de acordo com os prazos limite previstos a integração de Portugal e da Espanha concreizar-se-á a 1 de Janeiro de 1986.

Caixa de Crédito Agrícola Mútuo pretende financiamento directo

A Caixa Central de Crédito Agrícola Mútuo vai reivindicar junto do Banco de Portugal a possibilidade de se refinanciar directamente junto do Banco Central, sem o intermédio do IFADAP, confirmou o seu presidente.

João Ramos acrescentou que «a ideia é termos uma situação igual à das outras instituições financeiras ao nível do refinanciamento de forma insuficiente».

O presidente da Caixa Central de Crédito Agrícola Mútuo revelou que «o maior problema existente com os refinanciamentos através do IFADAP é o tempo que demoram a ser despachados, o que por vezes provoca a alteração de planos financeiros inicialmente projectados».

As Caixas de Crédito Agrícola Mútuo integram o sistema de financiamento desde 1981 e sm 1984 refinanciaram-se num montante que atingiu os 7,5 milhões de contos.

A necessidade de refinanciamento decorre, designadamente, da impossibilidade legal que até agora impedia a transferência de fundos das caixas com maiores recursos para as de recursos mais limitados.

Cooperativas de habitação vão ter empréstimo do Banco Mundial

Uma delegação portuguesa integrando elementos das Secretarias de Estado do Tesouro e da Habitação encontra-se em Washington para negociar a concessão de financiamento do Banco Mundial para a construção de habitações stciais.

Segundo o secretário de Estado da Habitação, Fernando Gomes, parte deste financiamento destina-se a cooperativas. Para além dos créditos que vieram a ser libertados em função do empréstimo do Banco Mundial, o secretário de Estado anunciou que está em preparação uma descida das taxas de juro nos empréstimos destihnados à construção de habitações sociais como forma de as apoiar.

Este conjunto de iniciativas foi anunciado por Fernando Gomes na sessão comemoirativa do 20.º aniversário da Nortecoope-Cooperativa de Habitação Económica em Gueifões, Maia. Na ocasião, o secretário de Estado homologou um empréstimo de 215 mil contos para financiar a construção de 100 fogos em Picoas, S. Mamede de Infesta, da iniciativa da Nortecoope.

COTAÇÕES — CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	68$45	74$45
ALEMANHA FED (marco)	55$70	56$80
ÁUSTRIA (xelim)	7$85	8$05
BÉLGICA (franco)	2$599	2$799
BRASIL (cruzeiro)	$010	$020
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	125$45	127$45
(notas de 5 a 1000)	125$95	127$95
DINAMARCA (coroa)	15$50	15$90
ESPANHA (peseta)	$938	1$058
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	169$25	171$25
(notas de 5 a 1000)	169$75	171$75
FINLÂNDIA (marka)	26$75	27$35
FRANÇA (franco)	18$25	18$95
HOLANDA (florim)	49$35	50$35
IRLANDA (libra)	175$05	179$05
ITÁLIA (lira)	$079	$089
JAPÃO (iene)	$658	$693
NORUEGA (coroa)	19$35	19$85
REINO UNIDO (libra)	217$55	221$55
SUÉCIA (coroa)	19$20	19$80
SUÍÇA (franco)	66$25	67$35
VENEZUELA (bolívar)	11$15	12$15

Observações:
1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo
2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE SINTRA

ANÚNCIO

Pelo presente se anuncia que pela primeira Secção do Tribunal do Trabalho de Sintra, correm seus termos sob o n.º 70/82 uns autos de Contrato Individual de Trabalho em que a Autora Maria de Lurdes Fernandes Luís Lourenço, residente no Bloco 1-Lote C-3.º-Porteira-Urbamil-Rinchoa, Rio de Mouro move contra o Réu Jorge Manuel Elvas M. Marques e outros, que teve a sua última residência conhecida no Bloco 1-Lote C-3-5.º-Esq.º-Urbamil-Rinchoa-Rio de Mouro, neles é o referido réu notificado de que por despacho de trinta de Abril de 1985 foi designado o dia vinte de Junho de 1985, às dez horas para se proceder à audiência de discussão de julgamento precedida de tentativa de conciliação por Tribunal singular.

Notifica-se o réu de que a sua comparência pessoal no dia e hora acima designados é obrigatória sob pena de incorrer nas sanções previstas no Art.º 89.º do Código de Processo do Trabalho, n.ºs 2, 3, e 4 e de que tem de apresentar as suas testemunhas na audiência de julgamento, quê estejam arroladas nos termos do Art.º 88.º n.º 2 do mesmo código e ainda de que tem o prazo de sete dias para proceder ao pagamento em conjunto com os outros réus do preparo para julgamento no montante de dois mil quatrocentos e vinte e oito escudos.

O Juiz de Direito,
Dr. Álvaro Poppe Lopes Cardoso

O Escrivão Adjunto,
Carvalho Amarelo

"D.L." 20/5/85 — 1.ª Pub.

Mortalidade decresce no Norte

As taxas de mortalidade na região Norte têm acusado ao longo do tempo um acentuado decréscimo em todos os estratos etários, refere um estudo da Comissão Coordenadora da Região Norte (CCRN).

O documento a que a NP teve acesso, salienta que no que respeita à distinção entre o litoral e o interior, a enorme contribuição do litoral para os nascimentos evidencia que a vitalidade demográfica da região se concentra especialmente nessa zona.

Os valores dos quocientes de mortalidade têm acusado, ao longo do tempo, um acentuado decréscimo, em todos os estratos etários.

Contudo, acrescenta o documento, tem havido um decréscimo mais notável no grupo dos 0-4 anos e nos grupos de transição da juventude para a idade adulta.

A comparação com os valores correspondentes a nível do continente mostra, todavia, que os valores dos quocientes de mortalidade dos diferentes grupos etários da região são, por via de regra, superiores às medidas continentais. Isto tem a ver com múltiplos factores, nomeadamente com as condições sanitárias gerais, que reclamam, por isso, uma actuação mais dinâmica, na região norte, refere o estudo da CCRN.

Pode-se dizer, adianta o documento, que a conjugação de taxas de mortalidade tenazmente decrescentes com o prolongamento da duração da vida tem determinado um processo de envelhecimento lento da população.

Todavia, o peso dos jovens ainda é especial, na região Norte, ao contrário do que sucede no continente, em relação ao qual aquele envelhecimento é bastante mais acentuado.

Brasil quer mais 700 milhões

O Brasil irá pedir um crédito adicional de quatro mil milhões de dólares à Banca Privada Internacional — informou o diário «Folha de São Paulo».

A informação foi divulgada na véspera da viagem do presidente do Banco Central Brasileiro, António Carlos Lemgruber, a Nova Iorque, onde, a partir de hoje, se reúne com representantes das 720 instituições privadas mundiais credoras do Brasil.

Nas reuniões, Lemgruber insistirá na necessidade da capitalização dos juros que o Brasil é obrigado a pagar. A proposta, segundo a «Folha de São Paulo», refere-se à capitalização de quatro mil milhões dos 13 mil milhões de dólares que o Brasil vai pagar em 1985, o que corresponde a 700 milhões de contos.

Trata-se da terceira fez em dois meses que o presidente do Banco Central Brasileiro se desloca a Nova Iorque para negociar com a comissão de credores, encabeçada pelo «City Bank» dos Estados Unidos.

A dívida externa brasileira é a mais avultada dos países em desenvolvimento, elevando-se a 104 mil milhões de dólares.

Apoio de Kohl a Thatcher à "guerra das estrelas"

Cepticismo entre os parlamentares da NATO

O chanceler alemão federal, Helmut Kohl, manifestou à primeiro-ministro britânica, Margaret Thatcher, as suas reservas acerca do programa de pesquisa norte-americano sobre defesa espacial, num encontro que ambos mantiveram no fim-de-semana, disse um porta-voz em Bona, mas ambos se manifestaram favoráveis à «guerra das estrelas».

O porta-voz, Juergen Sudhoff, afirmou que Khol manifestou a sua preocupação acerca da eventual «separação» da Europa Ocidental do guarda-chuva de segurança norte-americano num sistema de defesa espacial e que aos países europeus possa ser negado acesso a parte da tecnologia do programa.

Mas Sudhoff afirmou que os dois dirigentes conservadores se mostraram concordantes quanto à pesquisa de armas espaciais não nucleares, designada de Iniciativa de Defesa Estratégica (IDE) por funcionários norte-americanos, mas apelidada de «guerra da estrelas» pelos oponentes, incluindo a União Soviética.

Kohl e Thatcher, que se encontraram na residência de campo da chefe do governo britânico, em Chequers, manifestaram apoio aos objectivos de investigação do IDE, declarando que eles ajudaram os soviéticos a regressarem à mesa das negociações de armamentos.

Cepticismo em Estugarda

Parlamentares dos países da NATO debateram ontem, em Estugarda, a viabilidade e os riscos da «Iniciativa de Defesa Estratégica» proposta por Washington.

O projecto tem sido acolhido com acentuado cepticismo por parte dos europeus reunidos em Estugarda na sessão da Primavera da Assembleia Parlamentar do Tratado do Atlântico Norte, não obstante os esforços de John Gardner, responsável pelo projecto, para os convencer, com gráficos e argumentos, das eventuais vantagens de uma participação.

Representantes da França e Dinamarca, países que, juntamente com a Noruega decidiram não apoiar o projecto militar espacial dos Estados Unidos, manifestaram as suas dúvidas quanto à viabilidade do sistema e a possibilidade deste servir a presente estratégia de dissuasão. Consideraram ainda que poderá despoletar uma aceleração da corrida aos armamentos.

Muitas das perguntas formuladas pelos deputados europeus reflectiam o receio de que, no caso de guerra nuclear, muitas das armas interceptadas pelos eventuais «escudos espaciais» das duas superpotências — Estados Unidos e União Soviética — possam explodir na atmosfera, sobre território europeu.

John Gardner referiu que o sistema projectado pelos norte-americanos se destina a interceptar, na medida do possível, os mísseis inimigos na primeira fase do voo, antes das ogivas nucleares, estarem em condições de deflagrar.

Os franceses, no entanto, consideraram ser impossível garantir a intercepção atempada dos mísseis e argumentaram que os mísseis soviéticos podem estar armados e prontos a detonar a partir do momento em que são lançados, hipótese não aceite pelos peritos norte-americanos em Estugarda.

O responsável pelo projecto de defesa estratégico sublinhou, para acentuar a sua importância, que Moscovo efectua actualmente estudos paralelos sobre armas de energia dirigida e que se tornou praticamente impossível chegar a acordos comprováveis que proibam tais pesquisas.

Outro ponto de discordância dos europeus em relação ao projecto fundamenta-se no esbanjamento de mais de 30 mil milhões de dólares num projecto de aplicação ainda duvidosa.

A IDE, segundo alguns parlamentares, mina o próprio conceito de dissuasão nuclear,

Cuba suspende acordo migratório com os EUA

O Governo cubano anunciou hoje de madrugada a suspensão da execução do acordo migratório com os Estados Unidos, na sequência da iminente entrada em funcionamento da emissora anticastrista «Rádio Marti».

O governo cubano também decidiu suspender todas as viagens de cidadãos de origem cubana radicados nos Estados Unidos para Cuba, salvo «as que sejam autorizadas por causas estritamente humanitárias».

Um comunicado do ministério cubano dos Negócios Estrangeiros afirma que, apesar da suspensão do acordo, Havana «propõe-se adoptar medidas adicionais relativamente às comunicações entre os Estados Unidos e Cuba».

O governo cubano reserva-se o direito de emitir transmissões de Rádio para os Estados Unidos em ondas médias «a fim de informar cabalmente os pontos de vista de Cuba sobre os problemas deste país e a sua política internacional».

O governo de Cuba classifica ainda de «cínica e provoocadora» a decisão norte-americana de iniciar as emissões no dia 20 de Maio, «data infausta, que recorda a ocupação militar de Cuba pelos Estados Unidos, o despojo das suas melhores terras e outros recursos naturais, a neocolonização do país e a república ocupada com uma emenda imposta à sua Constituição que outorga aos Estados Unidos o direito de intervir em Cuba».

«É indubitável — salienta o comunicado — que o governo dos Estados Unidos, com esta medida, propõe-se criar tensões e conflitos em torno de Cuba que distraiam a atenção da opinião pública internacional sobre este grave problema.

A nota salienta que Cuba prosseguirá as relações com os restantes países do Terceiro Mundo.

O bispo Desmond Tutu pede a um chefe da Polícia que retire os seus homens do local onde ele celebrava uma cerimónia religiosa

Inquérito à violência policial na República Sul-Africana

— solicita a Amnistia Internacional

A Amnistia Internacional solicitou ao presidente sul-africano a realização de um inquérito às mortes sob custódia policial de dois sindicalistas, anunciou a secção portuguesa daquela organização.

Na missiva enviada no passado dia 14 ao presidente, Pieter Botha, o secretário internacional da AI pediu a nomeação de uma comissão judicial independente que efectuasse aquele inquérito e investigasse também alegações de tortura sobre detidos na sequência de recentes tumultos.

As mortes do dirigente estudantil Sipho Mutsi e do sindicalista Andries Raditsela, «aparentemente causadas por ferimentos na cabeça», quando ambos estavam sob custódia policial, são motivo de preocupação para a AI, que sublinhou apenas terem sido realizados «inquéritos internos de Polícia» sobre estes casos.

Aquela organização citou anteriores inquéritos de âmbito policial que nunca apuraram os verdadeiros factos que estiveram na origem das mortes na prisão de outros detidos, nem do destino de pessoas dadas como «desaparecidas», quando sob custódia da Polícia.

A AI apontou ainda recentes denúncias de torturas e maus tratos de detidos por motivos políticos, que deveriam ser igualmente investigados pela comissão de inquérito.

Esta comissão «deverá também rever os poderes arbitrários da Polícia e propor alterações legislativas com o objectivo de salvaguardar» futuros casos de maus tratos — conclui a AI.

Mais dois mortos

Dois negros sul-africanos morreram este fim-de-semana em motins perto de Joanesburgo — anunciou hoje a Polícia local.

Um foi morto a tiro pela Polícia, no sábado, e outro foi alvejado, mortalmente, hoje, pelo dono de uma loja que estava a ser atacada.

Os dois incidentes ocorreram em Duduza, a Leste de Joanesburgo, onde a Polícia disparou balas de borracha e utilizou gás lacrimogéneo para dispersar multidões que incendiaram duas lojas e uma garagem.

A agitação na África do Sul causou nos últimos meses mais de 400 mortos.

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS E DO PLANO

COMANDO GERAL DA GUARDA FISCAL

CONSELHO ADMINISTRATIVO

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA O FORNECIMENTO DE «COLCHÕES E ALMOFADAS DE ESPUMA» — PROCESSO N.º 257/85

1. Faz-se público que está aberto concurso público para o fornecimento à Guarda Fiscal de «COLCHÕES E ALMOFADAS DE ESPUMA».
2. Serão recebidas propostas até às 17H30 do dia 20 de Junho de 1985, procedendo-se à abertura às 10H00 do dia imediato, 21 de Junho de 1985.
3. O Caderno de Encargos está patente no Conselho Administrativo do Comando Geral da Guarda Fiscal à Rua da Cruz de Santa Apolónia, 2 — 1100 LISBOA, durante as horas normais de expediente, podendo ser adquirido ao preço de 30$00 cada exemplar.
4. A caução provisória a prestar será de 45 000$00.

MINISTÉRIO DA SAÚDE

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA
DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO
SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

ANÚNCIO

Concurso Público n.º 3-1346/85

FORNECIMENTO DE "FRASCOS DE VIDRO COM ROLHA ESMERILADA, PARA REMÉDIOS".

Recebem-se propostas até às 9.30 horas do dia 14 de Junho próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91) todos os dias úteis das 9 às 11.30 e das 14 às 16 horas, as respectivas condições.

Lisboa, 13 de Maio de 1985

O CHEFE DO SERVIÇO,
Ilídio Luís de Sousa

JUNTA DE FREGUESIA DA MOITA

AVISO

ADMISSÃO DE PESSOAL

Para os devidos efeitos se torna público que de 20 a 24 do corrente mês de Maio se encontram abertas inscrições para admissão de 14 (catorze) jovens a tempo parcial, por quinze dias, ou um mês, de Junho a Setembro, para actuação em brigadas na limpeza da Praia do Rosário.

As inscrições serão feitas na Junta, em impresso próprio fornecido pelos serviços, no horário normal do expediente.

Junta de Freguesia da Moita, 16 de Maio de 1985

O PRESIDENTE DA JUNTA

Ilegível

Parlamentares da NATO criticam embargo dos EUA à Nicarágua

Parlamentares europeus criticaram, sábado, na sessão de Primavera da Assembleia da NATO, em Estugarda, RFA, o embargo económico norte-americano à Nicarágua.

Um relatório apresentado pelo deputado do Partido Trabalhista Britânico, Bruce George acusa os Estados Unidos de «entravarem o processo de Contadora e os esforços do Grupo para restabelecer a paz na América Central».

Durante a sessão de sábado, os parlamentares advertiram para o perigo de eventuais tensões no seio da Aliança Atlântica que poderia derivar duma hipotética intervenção militar dos Estados Unidos na Nicarágua.

Bruce George salientou que o referido perigo já foi apontado por políticos de áreas ideológicas tão díspares como o ministro espanhol dos Negócios Estrangeiros, Fernando Moran, socialista, e o vice-ministro alemão-federal dos Negócios Estrangeiros, Alois Mertes, democrata-cristão.

A assembleia parlamentar da NATO, que agrupa deputados de 16 países, é um órgão consultivo que estabelece as relações entre os parlamentos nacionais e a NATO.

Entretanto, os parlamentares socialistas opuseram-se à convocatória de uma assembleia geral na Turquia, prevista para 1986.

A decisão dos deputados socialistas fundamenta-se no facto de «não existirem na Turquia autênticas liberdades democráticas e não se respeitarem os direitos humanos», segundo um dos parlamentares presentes.

Fontes da delegação italiana na assembleia da NATO admitiram que Veneza poderá ser a alternativa para a realização da próxima assembleia geral, embora a decisão dependa da aprovação da comissão política.

Honduras: anunciada greve geral

O líder do sindicato mais poderoso das Honduras anunciou em Tegucigalpa que milhares de trabalhadores vão entrar em greve dentro de três dias para forçar o governo a resolver uma crise política com dois meses.

Mariano de Jesus Gonzalez, presidente da Confederação dos Trabalhadores das Honduras, disse que mais de 400 sindicatos votaram por unanimidade a greve, depois do fracasso das negociações com o governo.

«Usámos todos os meios pacíficos da negociação e do diálogo sem obtermos, até agora, resultados positivos. Por isso, o único meio de pressão que existe é a greve», disse Gonzalez aos jornalistas, numa conferência de Imprensa realizada depois de uma reunião de dez horas com dirigentes sindicais.

O anúncio surgiu um dia antes da anunciada partida do presidente Roberto Suazo Cordova para uma visita oficial a Washington, onde se vai reunir com o presidente norte-americano Ronald Reagan.

Gonzalez disse que se Cordova fosse para a frente com a visita aos Estados Unidos, com a duração prevista de uma semana, «isso significa que os problemas enfrentados pela nação não lhe interessam».

Os sindicatos estão a pressionar o governo para resolver uma crise constitucional envolvendo uma disputa entre Suazo Cordova e a legislatura sobre a jurisdição do Supremo Tribunal.

Gonzalez disse que a greve tinha o apoio das oito principais organizações do trabalho hondurenhas, que representam mais de 950 000 trabalhadores. Previu que pelo menos 400 000 trabalhadores entrem em greve amanhã o mais tardar.

Pela primeira vez em França

Imigração elege representantes

A localidade de Mons-en-Baroeul, perto de Lille, esteve ontem no centro das atenções dos políticos franceses, devido à eleição de três representantes da imigração para o conselho municipal.

A eleição, da iniciativa do «maire» socialista Marc Wolf, passará à história como o primeiro sufrágio eleitoral em que participam as comunidades estrangeiras imigradas em França.

Os residentes estrangeiros de Mons-En-Baroeul escolheram três representantes, um pela comunidade argelina, outro pela marroquina e um terceiro pelo conjunto das restantes nacionalidades, que terão um papel consultivo no conselho municipal.

A iniciativa de Marc Wolf suscitou de imediato críticas, em especial da direita tradicional, cujos dirigentes regionais consideraram a eleição como «uma verdadeira provocação, tacitamente admitida pelo governo socialista».

As críticas mais virulentas surgiram da extrema-direita, liderada pela Frente Nacional de Jean Marie Le Pen, que considerou as eleições de Mons-En-Barouel como «ilegais e anticonstitucionais».

A Frente Nacional chegou mesmo a promover uma manifestação, em que participaram cerca de 330 pessoas, empunhando cartazes com palavras de ordem contra as comunidades estrangeiras, enquanto Le Pen afirmava à Televisão francesa que o processo «deverá ser interrompido o mais rapidamente possível».

Apesar das críticas, o ministro do Interior, Pierre Joxe, socialista, classificou as eleições como «um elemento útil para a democracia, que não poderá ser considerado anticonstitucional, porque os três representantes eleitos terão apenas um papel consultivo, sem direito de voto».

A UDF, coligação afecta ao governo do ex-presidente Giscard d'Estaing, parece dividida sobre o assunto.

Para Didier Bariani, membro da comissão política, a eleição «não é fortuita e está no seguimento da declaração de François Mitterrand», enquanto a União Centrista Republicana, partido que integra a UDF, defende que todos os imigrantes residentes em França há mais de dez anos devem ter direito a voto nas eleições autárquicas.

A concessão do direito aos residentes estrangeiros em França nas eleições autárquicas fez parte do programa eleitoral de François Mitterrand em 1981, mas, após a vitória socialista, a crise económica e o desemprego constituíram um obstáculo a alterações legislativas.

Apesar da oposição da direita francesa, que acusa os imigrantes de responsáveis pelo desemprego, e da vaga de racismo, Mitterrand voltou a defender o seu voto, em especial para os provenientes de países membros da CEE, no recente congresso da Liga dos Direitos do Homem, em Paris.

Denunciado novo massacre de tamules no Sri Lanka

As forças de segurança no leste do Sri Lanka mataram 59 tamules desarmados e queimaram os seus corpos para esconder as provas, acusou hoje em Colombo um líder cívico.

Paul Nallanayagan, o presidente tamul da comissão dos cidadãos da cidade de Kalmuai na costa leste, disse que os jovens tamules foram mortalmente alvejados sexta-feira, e sábado por comandos da Polícia de uma força especial de intervenção. Kalmunai fica situada a 200 quilómetros para leste de Colombo, a capital do Sri Lanka.

As guerrilhas tamules lutam por um estado independente no norte e no leste daquela ilha. Os tamules, na sua maioria hindus, correspondem cerca de 18 por cento da população do país (15 milhões) e acusam o governo do Sri Lanka, liderado por budistas, de discriminação.

A força especial de intervenção foi treinada por antigos comandos de élite da Força Aérea britânica para combater as guerrilhas.

D. M. Ariyaratne, o administrador provincial negou no entanto qualquer conhecimento do incidente numa entrevista telefónica com a Associated Press.

O departamento de Investigação Criminal deverá iniciar um inquérito segunda-feira, disse.

Alimentos mais caros na Polónia

O governo polaco confirmou planos para aumentar o preço da carne, apesar da oposição pública, dos sindicatos legais e da central sindical ilegalizada Solidariedade.

Stanislaw Ciosek, ministro dos Sindicatos, disse em declaração publicada pela imprensa oficial que «a subida de preços é necessária. Os argumentos apresentados que justificam a necessidade económica de tais acções foram apresentados ao longo de muitos meses de debates públicos sobre o assunto» — disse.

As autoridades já tinham anunciado um aumento de entre 10 e 15 por cento no preço da carne, que é racionada, para Julho.

Os sindicatos legais e a Solidariedade pediram separadamente que os salários e as pensões fossem aumentados para compensar as subidas de preço.

Justificando a política governamental, Ciosek declarou que os aumentos salariais já tinham superado os de preços. A disparidade — acrescentou — poderia resultar «numa acentuada falta de muitos produtos».

As estatísticas oficiais mostram um pronunciado aumento de salários em Março, quando a actual série de subidas de preços começou. Na indústria, os salários eram 26 por cento superiores em relação a 1984.

EXCURSÕES DE LUXO

AVIC VIAGENS - TURISMO

FERIADOS DE JUNHO

		PREÇO
GIBRALTAR-TÂNGER-CEUTA — 5 dias — 7 a 11	PREÇO	29 000$00
MARROCOS E GIBRALTAR — 7 dias — 6 a 12	»	48 000$00
MARROCOS IMPERIAL — 9 dias — 8 a 16	»	58 000$00
BADAJOZ-SEVILHA — 3 dias — 8 a 10	»	10 750$00
MADRID-ESCORIAL-VALE DOS CAÍDOS — 4 dias — 6 a 9 e de 10 a 13	»	15 900$00
SEVILHA-TORREMOLINOS-CEUTA — 4 dias — 6 a 9 e de 10 a 13	»	19 500$00
MADRID-ZARAGOZA-ANDORRA — 5 dias — 6 a 10 e de 9 a 13	»	23 700$00
REAIS SITIOS DE MADRID — 5 dias — 6 a 10 e de 9 a 13	»	21 000$00
GALIZA-RIAS BAIXAS-PICOS DA EUROPA — 5 dias — 6 a 10 e de 9 a 13	»	23 200$00
CORDOBA-GRANADA-SEVILHA — 5 dias — 6 a 10 e de 9 a 13	»	21 500$00
MADRID-ANDALUZIA — 6 dias — 8 a 13	»	25 900$00
ASTÚRIAS E PICOS DA EUROPA — 6 dias — 5 a 10	»	29 200$00
LOURDES-ANDORRA-MADRID — 7 dias — 6 a 12	»	39 000$00
LOURDES-PARIS-MADRID — 11 dias — 6 a 16	»	65 000$00
TRAS-OS-MONTES E MINHO — 6 dias — 8 a 13	»	22 700$00
NORDESTE TRANSMONTANO E BEIRAS — 4 dias — 6 a 9 e de 10 a 13	»	12 900$00
MINHO-GERÊS-CANIÇADA — 3 dias — 8 a 10 e de 22 a 24	»	11 000$00
ALTO MINHO E CANIÇADA — 3 dias — 6 a 8 e de 8 a 10	»	11 000$00
SERRA DA ESTRELA-SALAMANCA — 3 dias — 7 a 9	»	9 900$00
DOURO-MINHO E BEIRAS — 3 dias — 8 a 10	»	11 000$00
CIRCUITO DA COSTA DE PRATA — 2 dias — 9 e 10	»	5 300$00
FIM-DE-SEMANA NO ALGARVE — 2 dias — 8 e 9	»	6 500$00

RESERVAS E INFORMAÇÕES

AVIC

AVENIDA 5 DE OUTUBRO, 53
TELEFS. 52 11 16/7 - 57 29 70
1000 LISBOA

123 RTP concurso

NOME .....
Idade ..... Profissão .....
Morada .....
Localidade ..... Cod. Postal .....
Telefone .....
Freguesia ..... Concelho .....
Tem televisor? ..... N.º Licença .....
ACOMPANHANTE .....
Idade ..... Profissão .....

IMPORTANTE Preencher em letras maiusculas, recortar pelo tracejado, colar em postal dos Correios e enviar para Concurso Um Dois Três Apartado 4315 - 1508 Lisboa Codex

Andebol: título para Belenenses

Está de parabéns o Clube de Futebol «Os Belenenses» pela conquista do título de campeão nacional de andebol, depois de, em pleno palco da Luz, ter derrotado o outro candidato (Sport Lisboa e Benfica) por 19-16. Um título que muita satisfação terá provocado a todos os belenenses de forma especial e em particular a esse homem vertical, integro, digno e desde sempre «patrono» desinteressado do andebol. Referimo-nos ao «senhor belenenses» de seu nome **ACÁCIO ROSA.** Que belo «brinde» velho Amigo!

Para a história aqui fica o nome dos campeões com a indicação dos autores dos dezanove golos registados na derradeira e vitoriosa jornada. José António (Gaspar); Vital (2), Janeiro, Rui Moreira (2), António Mendes (1), Espadinha, Caldeira (1), Crespo (2), Paris (3), Emanuel (6) e Armindo (3).

Quanto à classificação ficou assim ordenada: Belenenses 14 pontos, Benfica 13, Sporting (11) e FC Porto (10).

O Desporto

Futebol

Curiosidades da jornada

- Vizela regressa à segunda divisão
- Varzim está no (mau) caminho
- Belenenses desvia-se da Europa
- Boavista (de Alves): primeira derrota
- Benfica: em quatro dias duas derrotas
- Em Alvalade: árbitro "dá" triunfo

Foi com força da canhota que Sousa abriu o activo em Alvalade

Hóquei em patins

Benfica e Sanjoanense o "adeus" à Europa

Pág. 17

Basquetebol

Sangalhos não permite festa na Bairrada

Pág. 17

Automobilismo

Rodrigues vence em Portalegre...

...e Prost em Mónaco

Pág. 18

A benfiquista Graça António vence a prova dos 100 m

Depois da festa do campeão

O drama da despromoção

Os cinco últimos do campeonato pontuaram, mas o «nulo» do Vizela com o virtual campeão FC Porto não evitou a descida ao escalão secundário.

Após a jornada 28, o Vizela (15 pontos) já está na segunda divisão e Varzim (17) segue-lhe o caminho se não vencer as duas partidas que tem ainda para disputar, depois de ter empatado em casa com o Setúbal.

O Rio Ave, apesar do empate (1-1) no Restelo, manteve o antepenúltimo lugar com 20 pontos, menos um que o duo formado por Farense, vencido no Algarve pela Académica (2-0), e o Salgueiros, que bateu o Guimarães por 2-1 no regresso ao «Vidal Pinheiro».

A intranquilidade instalou-se no Algarve e em Guimarães (23), mas, em contrapartida, os ares tornaram-se mais azuis em Penafiel (22) após o triunfo sobre o Benfica (1-0).

O Belenenses deve ter perdido o «combóio europeu», pois cedeu um empate em casa não beneficiando da derrota do Boavista em Alvalade (2-1) e do empate do Portimonense em Braga (1-1).

Os algarvios são quartos com 35 pontos, mais dois que os axadrezados, enquanto os azuis são sextos com 30. Nos três lugares imediatos estão três equipas sem problemas: Braga (27), Académica (25) e Setúbal (24).

O FC Porto, já campeão, viu reduzirem-se para seis pontos (51-45), enquanto o Benfica se distanciou dos líderes, mantendo a terceira posição, com 39

Continua na pág. 16

Cabrita recebe felicitações do benfiquista Nunes. Gesto de salientar desportivismo

Atletismo

Benfica vence "regional"

Pág. 18

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
13.º JUÍZO

ANÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da segunda e última publicação do anúncio, citando o réu HORIZONTE INTERNACIONAL INICIATIVAS REPRESENTAÇÕES E GESTÃO, SARL, com última sede conhecida na Rua Arco de S. Mamede, 87, 2.º-C, Lisboa, para no prazo de 10 dias, findo o dos éditos, contestar querendo a acção, na qual o Autor pede a condenação da ré no pedido que, em extracto, é o seguinte: ser condenada a pagar à autora a quantia global de 105 907$20, bem como juros vincendos à taxa legal e custas.

Acção Sumária n.º 7346 1.ª Secção.

Autor: Companhia de Seguros Império, E.P.

Réu: A supra indicada.

Lisboa, 30 de Abril de 1985

O Juiz de Direito,
Joaquim Dias

Pel'O Escrivão de Direito,
Gabriel de Andrada Amaro

"D.L." 20/5/85 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
8.º JUÍZO

ANÚNCIO

para citação de credores desconhecidos

Pelo Juízo de Direito desta comarca, secção da Secretaria acima referida, correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos da executada J. Machado & Guedes Coelho, Ld.ª com sede em Sabrosa, Paredes — para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução movida por Companhia de Seguros Império, EP, com sede na Rua Garrett, 56 — Lisboa.

Lisboa, 9 de Maio de 1985

O Escrivão Adjunto,
José António Costa Pessoa

O Juiz de Direito,
Américo Joaquim Marcelino

"D.L." 20/5/85 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL DA COMARCA DE GOUVEIA

ANÚNCIO

Faz-se saber que no dia 3 de Junho de 1985 pelas 15 horas, nos autos de carta precatória n.º 14/85, vinda do 15.º Juízo — 1.ª Secção do Tribunal Cível da comarca de Lisboa e extraída dos Autos de Execução de Sentença com Processo Sumário n.º 5170/A, em que é exequente a COMPANHIA DE SEGUROS "IMPÉRIO" e Executado ANTÓNIO RODRIGUES MARTINS, casado, residente em Nova Gouveia — Gouveia, hão-de ser postos em 2.ª praças para serem arrematados por metade do seu valor indicado no processo os seguintes bens: UMA MÁQUINA DE CAFÉ marca "RANCÍLIO", de cor laranja — Série 29/RE, em bom estado de conservação e CINCO CADEIRAS E CINCO MESAS DE RESTAURANTE, também em bom estado de conservação, sendo fiel depositário daqueles bens o próprio Executado.

Gouveia, 6 de Maio de 1985

O Juiz de Direito,
José Feliberto de Cunha Preença da Costa

O Escrivão de Direito,
Joaquim Matos Pires

"D.L." 20/5/85 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DE LISBOA
12.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da segunda e última publicação do anúncio, citando os réus para no prazo de DEZ dias, findo o prazo dos éditos, contestarem a acção, sob pena de poderem vir a ser condenados no pedido que, em extracto, é o seguinte: O Réu ser condenado a pagar à Autora a quantia de 132 727$50, de prémio e juros vencidos, bem como os juros vincendos à taxa legal sobre a quantia de 101 044$00, com custas a cago do Réu.

Acção Sumária n.º 2569 1.ª Secção.

Autora: COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, E.P.

Réu: MANUEL PEREIRA SIMÕES, comerciante, com última residência conhecida na Rua Madressilva, N.º 12, r/c, Ot.º do Brasileiro-Corroios-SEIXAL.

Lisboa, 6 de Maio de 1985

O Juiz de Direito,
José Gonsalo Pereira de Carvalho

Pel'O Escrivão de Direito,
O Adjunto,
Carlos Alberto Mira

"D.L." 20/5/85 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
SEGUNDO JUÍZO

ANÚNCIO

O DOUTOR JOSÉ MANUEL BRANQUINHO DE OLIVEIRA LOBO, Juiz de Direito da 1.ª Secção do 2.º Juízo Cível de Lisboa

FAZ SABER que pelo 2.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa, 1.ª secção de processos, nos autos de Acção Especial do C. da Estrada registados sob o n.º 668, que a autora COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, com sede na Rua Garrett, 56, Lisboa, move contra o réu SILVINO SANTA ROSA PEREIRA, com última residência conhecida na Rua D. Dinis, 27-3.º Dt.º-Amadora, e actualmente em parte incerta, correm éditos de 30 dias, citando o dito réu, para no prazo de 10 dias, posterior ao dos éditos e estes contados da segunda e última publicação do anúncio respectivo contestar, querendo, o pedido formulado pela autora, sob pena de, não o fazendo, ser condenado a pagar à referida autora a quantia de 63 967$90 acrescida de juros legais desde a data da citação além de Custas e procuradoria condignas.

Lisboa, 29 de Abril de 1985

O Juiz de Direito,
José Manuel Branquinho de Oliveira Lobo

O Escrivão Adjunto,
José Monteiro Baleno

"D.L." 20/5/85 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DA COVILHÃ

ANÚNCIO

Pela 2.ª Secção do 2.º Juízo do Tribunal Judicial da comarca da Covilhã, nos autos de Inventário Facultativo, a que se procede por óbito de Maria do Patrocínio Santos, que também era conhecida por Maria do Patrocínio Pereira, residente que foi na freguesia de Cortes do Meio, concelho da Covilhã, no qual exerce as funções de cabeça de casal António Antunes dos Santos, também conhecido por António dos Santos Antunes, casado, proprietário, residente em Unhais da Serra-Covilhã, é por esta forma citada com a dilação mínima contada da data da segunda e última publicação do anúncio, para os termos daquele inventário, a herdeira Maria Manuela Brochado dos Santos Silva Gil e marido, José Manuel da Silva Gil, que tiveram a sua última residência conhecida na Rua Guiomar do Torrezão, n.º 12-1.º Esq., 1500 CARNIDE, agora ausente em parte incerta.

Covilhã, 10/5/85

O Juiz de Direito,
José António Canaveira

A Escriturária,
Maria Alexandra Mendes

"D.L." 20/5/85 — 1.ª Pub.

POUPE COMBUSTÍVEL
Não faça manobras desnecessárias.

DIRECÇÃO-GERAL DE VIAÇÃO

Sérgio trava a bola e... Vermelhinho

No «Vidal Pinheiro» a luta foi

Duas certezas e muitas dúvid

Continuação da pág. 15

pontos.

O Vizela deu um ar da sua graça, impondo um nulo ao FC Porto, mas de pouco lhe valeu a proeza, pois os seus parceiros do campeonato dos últimos também pontuaram atirando os vizelenses para a segunda divisão.

O Benfica sofreu segunda derrota no espaço de quatro dias no Norte. Depois do 3-0 com o FC Porto nas Antas para a «Supertaça os encarnados perderam em Penafiel por 1-0, resultado que permitiu ao onze de Fernando Cabrita sair da zona dos aflitos.

Em Alvalade, o Sporting só derrotou o Boavista no último minuto graças a uma penalidade transformada por Carlos Xavier quando a maioria do público abandonava o estádio.

O Portimonense distanciou-se do Boavista no campeonato do quarto lugar ao conseguir uma igualdade em Braga por intermédio de Moisés a 12 minutos do final, depois de Jorge Gomes ter inaugurado o marcador aos 4-0.

Com o Boavista a perder e o Portimonense a empatar, o Belenenses tinha o ensejo de se aproximar do quarto posto, mas foi surpreendido no Restelo por um agressivo Rio Ave.

Os vila-condenses, a actuar em contra-ataque, abriram o activo aos oito minutos por **Pires** e a igualdade só se verificou no segudo tempo (74) e o autor do golo foi o «suplente» **Norton de Matos.**

Resultados

Farense - Académica, 0-2; Salgueiros - V. Guimarães, 2-1; Varzim - V. Setúbal, 1-1; Penafiel - Benfica, 1-0; Sporting -Boavista, 2-1; Belenenses - Rio Ave, 1-1; Vizela-FC Porto, 0-0; Braga-Portimonense, 1-1.

Marcadores

Os dez primeiros da lista dos marcadores ficaram em branco na jornada 28 que rendeu 15 golos.

Para a fraca percentagem de golos, muito contribuíram os «nulos» dos ataques do FC Porto e do Benfica, que a par do Farense e do Vizela foram os únicos a não marcar. Sporting, Salgueiros e Académica foram os únicos a bisar numa ronda que rendeu poucos golos.

Os dez primeiros da lista dos marcadores são: 1.º Gomes, FC Porto, 37; 2.º Manniche, Benfica, 16; 3.º Cadorin, Portimonense e Manuel Fernandes, Sporting, 15; 5.º Djão, Belenenses e Zinho, Braga, 13; 7.º Tonanha, Salgueiros, 12; 8.º Eldon, Sporting, Jaime Magalhães, FC Porto, 11; 10.º Pedro Xavier, Académica, 10.

2.ª Divisão; sete já desceram

O Chaves isolou-se no comando da Zona Norte do «Nacional» de Futebol da Segunda Divisão ao ganhar em casa à Sanjoanense, por 4-1, e beneficiando dos empates do Paços de Ferreira e Aves.

A duas jornadas do final, o **Chaves** soma 38 pontos, mais um que **Paços de Ferreira** e **Aves**, que empataram fora a zero com o Feirense e o Tirsense, respectivamente.

Na Zona Centro, o **Covilhã** ganhou em Alcobaça, por 3-0, e manteve a liderança, com apenas um ponto de avanço (40-39) sobre o União de Leiria, vencedor fora sobre o Estrela Portalegre por 1-9, enquanto o Elvas «perdeu o comboio» ao ser derrotado no campo do Marinhense, por 2-1.

Na Zona Sul, com o **Marítimo** já vencedor da zona, o interesse reside na «Liguilha» e na despromoção. Os madeirenses do **União** deram um importante passo para discutir a subida ao vencerem fora o Sesimbra, enquanto o **Amadora** cedeu comprometedor empate em casa com o Barreirense, por 1-1.

Valonguense, Marco, Sanjoanense (Norte), Benfica de Castelo Branco (Centro), Campinense, Sesimbra e Amora (Sul) desceram já à Terceira Divisão.

Resultados da jornada:

ZONA NORTE: Fafe - Lixa, 2-1; Valonguense - Famalicão, (não se realizou por falta de policiamento); Espinho - Lourosa, 3-1; Chaves - Sanjoanense, 4-1; Feirense - Paços Ferreira, 0-0;

Frasco cai mas não parte...

Banco do Boavista: era a alegria do golo. O «resto» viria mais tarde

Tirsense - Aves, 0-0; Gil Vicente - Leixões, 5-0; Felgueiras - Marco, 4-0.

Classificação:

1.º Chaves, 38 pontos; 2.º P. Ferreira e Aves, 37; 4.º Leixões, 35; 5.º Espinho, 32; 6.º Felgueiras, 30; 7.º Famalicão, 29 (menos um jogo); 8.º Fafe, 28; 9.º G. Vicente, 27; 10.º Tirsense, 26; 11.ºs Lixa, Lourosa e Feirense, 25; 14.ºs Marco e Sanjoanense, 18; 16.º Valonguense, 16 (menos um jogo).

ZONA CENTRO: Águeda - Estarreja, 2-1; Peniche - Torriense, 4-2; Marinhense - Elvas, 2-1; Alcobaça - Covilhã, 0-3; Benfica Castelo Branco -Guarda, 2-3; Estrela Portalegre - União Leiria, 0-1; Mangualde - Caldas, 2-1; Beira-Mar -União Coimbra, 2-1.

Classificação:

1.º Covilhã, 40 pontos; 2.º União Leiria, 39; 3.º Elvas, 36; 4.º União Coimbra, 35; 5.º Águeda, 29; 6.º Beira-Mar, 28; 7.º Peniche e Mangualde, 27; 9.ºs Estrela e Torriense, 26; 11.ºs Alcobaça e Caldas, 25; 13.º Guarda, 24; 14.º Marinhense, 22; 15.º Estarreja, 20; 16.º Benfica C. Branco, 19.

ZONA SUL: Torralta - Cova Piedade, 6-1; Sesimbra - União Madeira, 1-4; Estoril - Atlético, 0-0; Estrela Amadora - Barreirense, 1-1; Marítimo - Lusitano Évora, 5-1; Montijo - Odivelas, 1-0; Amora - Nacional Madeira, 0-3; Olhanense - Campinense, 1-0.

CLASSIFICAÇÃO:

1.º Marítimo, 47 pontos; 2.º União, 39; 3.º Amadora, 35; 4.º Estoril, 32; 5.º Montijo, 31; 6.º Olhanense, 30; 7.ºs C. Piedade, Atlético e Torralta, 29; 10.º Barreirense, 27; 11.º Nacional, 26; 12.º Lusitano, 24; 13.º Odivelas, 23; 14.º Amora, 19; 15.º Sesimbra, 15; 16.º Campinense, 13.

Divisão 3

SÉRIE A: Vieira - Merelinense, 0-0; Ponte Barca - Moreirense, 1-1; Vianense - Esposende, 3-0; Macedo Cavaleiros - Monção, 3-0; Valenciano -Montalegre, 3-0; Taipas - Neves, 2-0; Mirandela - Bragança, 2-1.

Líder: Vianense, 38 pontos.

SÉRIE B: Infesta - Régua, 3-1; Vilanovense - Paivense, 4-0; Ermesinde - S. Martinho, 1-0; Valadares - Oliveirense, 1-3; Cucujães - Freamunde, 0-4; União Lamas - Esmoriz, 0-0; Paredes - Amarante, 0-0; Ovarense - Trofense, 2-0.

Líder: Amarante, 39 pontos.

SÉRIE C: Anadia - Mealhada, 2-1; Seia - Penalva Castelo, 2-3; Santacombadense -Académico Viseu, 2-1; Bel-

totobola

Vizela-FC Porto	X
Sporting-Boavista	1
Penafiel-Benfica	1
Farense-Académica	2
Salgueiros-V. Guimarães	1
Varzim-V. Setúbal	X
Belenenses-Rio Ave	X
Braga-Portimonense	X
Feirense-Paços Ferreira	X
Tirsense-Aves	X
Gil Vicente-Leixões	1
Marinhense-Elvas	1
Alcobaça-Covilhã	2

Não houve totalistas

O Departamento das Apostas Mútuas Desportivas informam de que não houve qualquer totalistas pelo que o próximo concurso (n.º 21) será acrescido de 19 454 478 escudos.

Com 12 resultados acertaram 14 concorrentes cabendo a cada um 1 383 455 esc.. enquanto que a cada um dos 248 «onzes» caberá a importância de 78 211$00.

...a foi assim

...das

monte - Poiares, 0-4; Lusitano Vildemoinhos - Naval, 1-0; Viseu Benfica - Tondela, 2-0; Marialvas-Gouveia, 4-1; Luso - Oliveira Bairro, 2-1.

Líder: Académico Viseu, 40 pontos.

SÉRIE D: Almeirim - Rio Maior, 2-0; Alferrarede - Paroquial Fátima, 0-5; Guiense -Portalegrense, 2-0; Lousanense - Alcains, 4-1; Nisa Benfica -Nazarenos, 2-5; Mirense - SL Marinha, 1-1; União Tomar--Bombarralense, 0-1; União Santarém - Eléctrico Ponte Sor, 0-0.

Líder: União Santarém, 47 pontos.

SÉRIE E: Lusitânia Açores -Vialonga, 6-0; Samora Correia -Águia Açores, 3-0; Cacém -Charneca, 1-2; SL Olivais - Tires, 2-0; Sacavenense - Olivais Moscavide, 1-0; Campomaiorense - Oriental, 1-0; Santa Clara Açores - Vilafranquense, 3-0; Almada - Marinhais, 1-1.

Líder: Sacavenense, 43 pontos.

SÉRIE F: Louletano - Alvorense, 3-0; Aljustrelense -União Santiago, 0-0; Estrela Vendas Novas - Silves, 1-3; Juventude - Esperança Lagos, 1-0; Quimigal - União Montemor, 2-0; Comércio Indústria - Moitense, 0-0; Vasco Gama -Beja, 2-1; Lusitano VR - Quarteirense, 3-0.

Líder: Juventude e Silves, 42 pontos.

Juniores: Porto é finalista

O FC Porto qualificou-se para a fase final do «nacional» de juniores de futebol ao vencer fora o Anadia por 6-0 na 8.ª jornada da segunda fase.

Na Zona Sul, Benfica e Sporting, após as goleadas sobre o Barreirense (8-1) e o Nazarenos (6-1) continuam no primeiro posto, mas os encarnados dispõem de melhor goal-average.

Resultado completos da ronda:

Zona Norte: Anadia - FC Porto, 0-6; Leixões - Braga, 4-3; Varzim - União Coimbra, 1-0. **Zona Sul**: Benfica -Barreirense, 8-1; Setúbal - Caldas, 7-0; Nazarenos - Sporting, 1-6.

Classificaçõee, Zona Norte: 1.º FC Porto 14 pontos; 2.º Leixões 11; 3.º U. Coimbra, 10; 4.º Varzim, 9; 5.º Braga, 8; 6.º Anadia, 2. **Zona Sul** 1.º Benfica, 15 pontos; 2.º Sporting, 15; 3.º Barreirense, 9; 4.º Nazarenos, 8; 5.º Setúbal, 7; 6.º Caldas, 0.

Iniciados

O Porto, na Zona Norte, e o Benfica, na Zona Sul, comandam a segunda fase da Taça Nacional de Iniciados depois dos jogos da segunda jornada.

Resultados, Zona Norte: Porto - Boavista, 2-1; Repesenses - U. Leiria, 1-0.

Líder: Porto, 3 pontos.

Zona Sul: Lusitano Vila Real - Benfica, 0-2; Alverca - Setúbal, 2-0.

Real elimina «Barça»

O **Real Madrid** afastou o Barcelona da Taça de Espanha, ao vencer por 4-1, por grandes penalidades, no jogo da segunda «mão» dos quartos de final da competição no Estádio Santiago Bernabéu.

No final do tempo regulamentar e após os 30 minutos de prolongamento, as duas equipas estavam empatadas a um golo.

No encontro da primeira mão, no Nou Camp, de Barcelona, as duas equipas empataram a dois golos.

Classificação

	J	V	E	D	G	P
1.º — FC Porto	**28**	**24**	**3**	**1**	**73-11**	**51**
2.º — Sporting	28	18	9	1	67-23	45
3.º — Benfica	28	16	7	5	59-27	39
4.º — Portimonense	28	14	7	7	50-38	35
5.º — Boavista	28	11	11	6	34-26	33
6.º — Belenenses	28	11	8	9	40-42	30
7.º — Braga	28	9	9	10	44-40	27
8.º — Académica	28	10	5	13	39-45	25
9.º — Setúbal	28	7	10	11	34-45	24
10.º — Guimarães	28	8	7	13	32-38	23
11.º — Penafiel	28	6	10	12	23-41	22
12.º — Salgueiros	28	7	7	14	37-53	21
13.º — Farense	28	7	7	14	20-46	21
14.º — Rio Ave	28	6	8	14	24-42	20
15.º — Varzim	28	2	13	13	21-44	17
16.º — Vizela	28	4	7	17	31-67	15

Próxima jornada, domingo: Farense-Portimonense, Académica-Salgueiros, V. Guimarães-Varzim, V. Setúbal-Penafiel, Benfica-Sporting, Boavista-Belenenses, Rio Ave-Vizela, FC Porto-Braga.

Basquetebol

Sangalhos adia festa

Depois do triunfo sensacional obtido nas Antas frente ao F. C. do Porto, o Benfica preparara-se para festejar a conquista do título nacional em Sangalhos. Só que, para tal suceder, será necessário vencer, o que não sucedeu, e como o Porto vencia o Olivais, a questão do lugar central do pódio ficava adiada por mais uma semana, quando o Benfica se confrontar com o Olivais e o Porto visitar Queluz e o Barreiro.

Naturalmente que os benfiquistas são, francamente, favoritos, já que a modesta turma do Olivais não se apresenta com capacidade para poder contrariar a supremacia do quadro da Luz. De qualquer modo, bom será não adiantar considerações porque jogo é jogo...

Os resultados da dupla jornada foram os seguintes: **sábado**: F. C. do Porto - Benfica, 67-80; Sangalhos - Olivais, 103-73; Queluz - Barreirense, 90-105.

Domingo: Sangalhos - Benfica, 84-76; Porto - Olivais, 107-72.

Classificação: 1.º, **Benfica**, 39 jogos/68 pontos; 2.º, F. C. do Porto, 38/66; 3.º, Barreirense, 38/61; 4.º, Queluz, 39/58; 5.º, Sangalhos, 38/58; 6.º, Olivais, 39/53.

Para o Grupo «B», os resultados foram os seguintes: Sanjoanense - Illiabum, 68-70; Ovarense - Ginásio Figueirense, 72-83.

Classificação: 1.º, **Ginásio Figueirense**, 35 jogos/52 pontos; 2.ºs, Illiabum, Ovarense e Sanjoanense, 35/50; 5.º, Belenenses, 34/43.

Académica sobe

A equipa de basquetebol da **Associação Académica de Coimbra** ascendeu à Primeira Divisão nacional ao vencer, na última jornada, o Beira-Mar, por 88-79.

A partida, disputada no Pavilhão dos Olivais devido a ter-se partido uma «tabela» no Pavilhão do Estádio Universitário de Coimbra, onde deveria ter sido realizada, foi equilibrada até ao intervalo, que chegou com o resultado de 41-37 favorável aos «estudantes».

No segundo tempo, a turma de Coimbra mostrou superioridade, vencendo com justiça, para gáudio da numerosa assistência que enchia completamente o recinto.

A **Académica**, com grandes tradições na modalidade, havia sido despromovida em 1974/75, tendo, mesmo, nestes 10 anos, descido uma vez à Terceira Divisão, onde só esteve uma época.

Na última temporada, os «estudantes» haviam falhado a subida por um «lance livre».

Sporting «sobre rodas» dá nova goleada

Hóquei em patins

Benfica foi a decepção

Três das cinco equipas portuguesas envolvidas nas competições europeias de hóquei em patins passaram às meias-finais, sendo eliminados o Benfica e a Sanjoanense.

Na Taça dos Campeões Europeus, o **F. C. do Porto** ganhou por 9-4 ao Sundays da Bélgica e averbou, no total, 21-7, mercê da vitória por 12-3 nas Antas

Na Taça das Taças, o **Sporting** obteve, em Alvalade, uma goleada por 19-3 frente ao Vendenne, França, totalizando 40-9.

Na Taça CERS, a **Juventude de Viana** foi a única equipa apurada ao vender, em casa, o Nantes, França, por 17-3, totalizando 27-5.

O Benfica que na Luz vencera o Voltegra, por 10-4 perdeu em Espanha por 11-4, ficando a equipa espanhola apurada por um golo de vantagem, 15-14 e a Sanjoanense que já havia sido derrotada na primeira «mão» por 3-2 contra o Cerdanyola, perdeu na deslocação a Espanha, por 4-3.

Campeonato

O **Cascais** derrotou o Sesimbra, por 7-6, em jogo da 26.ª jornada do «Nacional» de Hóquei em Patins.

Nos outros jogos, a **Oliveirense** venceu o Sporting de Tomar, por 6-3, o **Turquel** bateu o Valongo, por 8-2, enquanto o **Paço de Arcos** vencera, na sexta-feira, o Benelenenses, por 11-1.

Ciclismo

Bombarralense e Sporting vencem "nacional" por equipas

Bombarralense e Sporting venceram os campeonatos nacionais de ciclismo por equipas, disputadas em Santiago do Cacém, ao triunfarem respectivamente nas categorias de seniores especiais e seniores.

A equipa do Bombarralense venceu a prova de seniores especiais, percorrendo os 100 quilómetros do percurso em duas horas, 36 minutos e 32 segundos à média de 38,330 quilómetros por hora.

O Olhanense classificou-se na segunda posição com duas horas, 45 minutos e 24 segundos.

Das três equipas inscritas para a prova participaram apenas o Bombarralense e o Olhanense. O Tavira não compareceu.

O Sporting venceu a prova de seniores ao percorrer os 90 quilómetros do percurso em duas horas, 23 minutos e 21 segundos à média de 37,670 quilómetros por hora. Feirense, Torrense, Gulpilhares e Sambrazense classificaram-se nas posições imediatas. Participaram na prova de seniores 12 equipas.

Acácio Silva «trepa» no giro

Acácio Silva, segundo na etapa de ontem do «Giro», com o mesmo tempo do vencedor, foi o primeiro no Alto de S. Eusébio, única contagem — terceira categoria — para o prémio da montanha que do percurso.

O italiano **Guiseppe Saronni,** que venceu a etapa (a terceira da prova na distância de 190 quilómetros) conseguiu impor-se no «sprint» final a um grupo de sete corredores e deste modo, consolidar a sua liderança na prova.

Saronni, ex-campeão do Mundo de ciclismo e senhor de um «sprint» muito poderoso, impôs-se com naturalidade aos sete companheiros de fuga, entre os quais se encontrava Francesco Moser, um adversário de respeito e potencial candidato ao triunfo final.

A etapa não teve qualquer motivo de particular interesse até aos últimos quilómetros, durante os quais ocorreram algumas quedas colectivas, uma das quais arrastou 30 ciclistas.

Classificação geral: 1.º Francesco Moser, ITA-GIS) a 23 segundos; 3.º, Frank Hoste (TA-DEL Tongo), a 35; 4.º Emanuele Bombini (ITA-DEL TNGO) a 39; 5.º, Robrto Visentini, (ITA-Carrera) a 40; 6.º, Guid Bontempi (ITA-Carrera) a 45; 7.º, Rudy Pevegane (HOL-DEL Tongo), a 45; 8.º, Stefan Mutter (SUI-Carrera) a 51; 9.º, Harald Mayer (AUT--GIS) a 52; 10.º, Cselaw Lang (POL-Carrera, a 55; 35.º, **Acácio da Silva,** a 2.54.

Lousa em Espanha

Jacito Paulinho venceu o primeiro troço da última etapa da volta dos Vales Mineiros, em Espanha, prova ciclista ganhar pelo espanhol Angel Sarrapio.

Paulinho cobriu os 105 quilómetros entre Pola de LAviana e Branillin, nas Astúrias, em duas horas 53 minutos e 40 segundos9 Na terceira posiç5ao, com mais 1,13 minutos, classificou-se José Poeira.

No segundo troço da quarta e áltima etapa da prova, no sistema de contra-relógio por equipas, a equipa portuguesa do Lousa conquistou a sexta posição entre sete equipas. O contra-relógio foi ganho pela Nikkon.

Diamantino Marques vence «clássica» Lisboa - Évora

Diamantino Marques e a sua equipa, o **Pinheiro ee Loures**, venceram, individual e colectivamente, a segunda clássica Lisboa - Evora (O Diário), em ciclismo.

O vencedor gastou 3 horas, 45 minutos e 27 segundos, à média de 39,920 kms/hora, para percorrer os cerca de 150 quilómetros da Irova, que teve início no desvio de Sacavém e final à segunda passagem, em meta instalada no Rossio de Eão Brás.

Esta prova, a cuja chegada a Evora assistiu muito público e contou com a participação de 43 ciclistas, repartidos por sete equipas, está inscrita no calendário da Associação de Ciclismo do Sal.

Foi a seguinte a classificação dos cinco primeiros: 1.º **Diamantino Maruqes**, Pinheiro de Loures, 3.45,27 h; 2.º Paulo Silva, Sporting, mt; 3.º Joaquim Gomes, Carnide, mt; 4.º Hermínio Gorgulho, Torriense, mt; 5.º Luís Nepomuceno, Pinheiro de Loures, 3.46,19 h.

Classificação por Equipas: 1.ª **Pinheiro de Loures**, 11.18,31 horas; 2.º Sporting Clube de Portugal, 11.18,57 (24 pontos); 3.ª Carnide, 11.18,57 h (29 pontos); 4.ª Torreense, 11.18,57 h (34 pontos); 5.º Tavira, 11.20,15 h; 6.ª Fazendense, 11.34,04h; 7.ª Fonsecas, 11.511,03 h.

Grande Prémio do Mónaco

Prost pela segunda vez

O francês Alain Prost, em McLaren, venceu o Grande Prémio de Mónaco pela segunda vez consecutiva, mantendo-se na linha da frente para o título mundial.

O piloto da McLaren evitou os acidentes que causaram a desistência dos seus principais rivais, incluindo o principal favorito, o brasileiro Ayrton Senna, o que lhe possibilitou a sua segunda vitória desta temporada depois da primeira prova no Grande Prémio do Brasil.

O italiano Michele Alboreto conduziu o seu Ferrari ao segundo lugar após uma espectacular recuperação. Nos lugares seguintes ficaram os seus compatriotas Elio de Angelis, em Lotus, e Andrea de Cesaris, em Ligier.

A seguir classificaram-se o britânico Derek Warwick, em Renault, e o francês Jacques Laffite, em Ligier.

Para Prost a vitória na corrida deste ano proporcionou-lhe maiores louros. O ano passado, a corrida tinha sido interrompida devido a forte chuva.

Mas o pequeno francês quase adivinhou o que iria suceder a Senna — o motor do Lotus do piloto brasileiro quebrou após ter andado à frente 13 voltas — e o comando passou a pertencer a Alboreto.

Alboreto perdeu o comando por duas vezes. A primeira quando se despistou depois de um desastre entre o brasileiro Nelson Piquet e o italiano Ricardo Patrese. A segunda vez aconteceu quando teve que mudar a roda traseira do lado esquerdo.

Nessa altura, Prost assumiu o comando à trigésima primeira volta.

Alboreto encetou uma recuperação extraordinária e tinha 43 segundos de atraso em relação a Prost após 34 voltas, diferença que foi reduzida para 13 segundos às 78 voltas.

Na parte final, Prost mudou de pneus e a sua média baixou, mas foi suficiente para assegurar a sua décima oitava vitória em provas do Grande Prémio.

O Grande Prémio ficou assinalado pela colisão entre o Brabham de Nelson Piquet e o Alfa Romeu de Ricardo Patrese.

Nenhum dos pilotos ficou ferido no acidente, que também envolveu o italiano Teo Fabi, forçado a desistir. O austríaco Niki Lauda, campeão mundial, teve problemas de óleo no seu McLaren e desistiu.

Apenas terminaram a corrida 11 dos 20 carros que a iniciaram.

1.º, Alain Prost (França), McLaren, 1.51.58,034 horas; 2.º, Michele Alboreto (Itália), Ferrari, 1.52.05,575; 3.º, Élio de Angelis (Itália), Lotus, 1.53.25,205; 4.º, Andrea de Cesaris (Itália), Ligier, a uma volta; 5.º, Derek Warwick (G.B.), Renault, a uma volta; 6.º, Jacques Laffite (França), Ligier, a uma volta; 7.º, Nigel Mansell (G. B.), Williams, a duas voltas; 8.º, Keke Rosberg (Finlândia), Williams, a duas voltas; 9.º, Thierry Boutsen (Bélgica), Arrows, a duas voltas; 10.º, Martin Brundle (G. B.), Tyrrell, a quatro voltas; 11.º, Jonathan Palmer (G. B.), Zakspeed, a quatro voltas.

Rampa de Portalegre

Domínio de António Rodrigues

António Rodrigues em Volvo 240 Turbo venceu a Rampa de Portalegre, terceira prova do campeonato nacional de velocidade e primeira do campeonato da modalidade para iniciados, numa organização do Grupo de Promoção Automobilística de Portalegre.

A prova desenrolou-se na Estrada Nacional 359, que liga a capital do Alto Alentejo a S. Salvador, que teve a sua partida ao km 129-6 e chegada ao km 126,6 cujo percurso tinha uma extensão de 3000 metros.

Nos iniciados, destaque para **Hélder Oliveira**, em Rover 3500, que averbou a vitória no seu campeonato sem opositores à altura. No Grupo N, o primeiro lugar foi muito discutido e teve algumas surpresas. Joaquim Pedro (Golf GTI), apontado com forte candidato ao título após o excelente tempo obtido nos treinos oficiais, foi afastado da competição logo na primeira subida, quando o motor do seu carro falhou a meio do percurso. **António Simões**, aproveitando bem o imprevisto do seu adversário, levou o Renault 11 Turbo ao primeiro lugar do N, ficando José Graça (Fiat Abarth) no segundo e Carlos Leitão (Renault 5 GT Turbo) no terceiro, todos separados por escassos segundos.

O Grupo N do Nacional de Velocidade mais uma vez proporcionou bons momentos de expectativa de quem seria o vencedor. João Slavessa em Renault 5 GT Turbo, depois da proeza alcançada na semana passada na Rampa da Falperra, repetiu-a em Portalegre, deixando atrás de si a centésimos de segundo Edgar Fortes e Mário Silva em carros idênticos.

Mais uma vez ficou demonstrado que os carros franceses não têm adversários, ficando os 5 GT Turbo nas três primeiras posições com o piloto da Renault Portuguesa na segunda e Mário Silva na terceira.

É de salientar a extraordinária prova efectuada pelos Alfa Romeo GTV 6 de Sá Nogueira e de Artur Lemos, que conseguiram impor-se aos BMW 323 I de Jorge Petiz e de Ferreira da Silva.

No que se refere ao Grupo A, como era de esperar, **António Rodrigues** e o seu Volvo 240 Turbo foram os vencedores absolutos e do respectivo agrupamento. António Rodrigues teve nesta prova uma forte oposição de Manuel Fernandes que se estreou no campeonato com um BMW 635 CSI, recentemente chegado ao nosso país. O piloto vila-realense, depois de resolver os problemas de motor que o afectaram na Rmapa da Falperra que o impediram de alinhar, demonstrou na prova alentejana que terá uma palavra a dizer no decorrer do campeonato, já que conseguiu obter o segundo posto a poucos segundos do vencedor apesar de ainda não ter um perfeito conhecimento do carro.

José Peres, que tinha o terceiro tempo nos treinos, foi inesperadamente ultrapassado pelo Alfa Romeo GTV de Rufino Fontes e ainda pelo Volvo 240 Turbo de Artur Mendes. Rufino Fontes na segunda subida fez uma corrida de «leão» e fez um tempo de 1.50,204 segundos que lhe deu a terceira posição. Quanto a Artur Mendes, que na primeira subida foi vítima de um furo, vin-gou-se na segunda e fez os 3000 metros em 1.50,338, alcançando a quarta posição, ficando a quinta para o BMW de Jose Peres.

Apesar de alguns atrasos da organização durante os treinos a que a mesma foi alheia, poderemos dizer que a Rampa de Portalegre correu sobre rodas.

Classificação final: 1.º, António Rodrigues (Volvo 240 Turbo), 1.43,830s; 2.º, Manuel Fernandes (BMW), 1.45,938s; 3.º, Rufino Fontes (Alfa Romeo GTV 6), 1.50,204s; 4.º, Artur Mendes (Volvo 240 Turbo), 1.50,388s; 5.º, José Peres (BMW 635 CSI), 1.51,015s; 6.º, José Luís (Golf GTI), 1.53,475s; 7.º, Hélder Oliveira (Rover 3500), 1.53,675s; 8.º, João Salavessa (Renault 5 GT Turbo), 1.57,346s; 9.º, Edgar Cortes (Renault 5 GT Turbo), 1.57,626s; 10.º, Mário Silva (Renault 5 GT Turbo), 1.57,674s.

Tiago Alexandre

Atletismo: Benfica vence "regional"

O **Benfica** ganhou o campeonato regional de atletismo batendo o Sporting por uma diferença de 36 pontos (225-189) nas provas que ontem terminaram no Estádio Nacional.

Luís Barroso, Sporting, que na véspera fizera os 100 metros em 10.4 segundos, ganhou os 200 metros em 21.5 segundos com vento desfavorável de 1,4 m/s e **Joaquim Carvalho,** Sporting, ganhou os 400 metros barreiras no seu melhor tempo pessoal de 52.8 segundos.

António Leitão, Benfica, recordista nacional dos 5000 metros, deu ao seu clube o triunfo nos 300 metros obstáculos com 8.57,2 minutos.

Outros títulos para o Benfica: Henrique Silva com 14.88 metros no peso, Paulo Barrigana com 2.04 metros na altura e 15.66 metros para José Leitão no triplo e 3.20,3 minutos para o quarteto dos 4x400 metros.

O Sporting ganhou os 800 metros por Mário Silva com 1.48,9 minutos, triunfou no dardo por Paulo Santos com 62.90 metros e ganhou os 10 000 metros com 29.46,2 minutos.

Lewis falha tentativa

O norte-americano **Carl Lewis** fracassou a tentativa para melhorar o recorde mundial do salto em comprimento, no «meeting» de atletismo de Westwood, na Califórnia.

O forte vento que soprava na altura foi o principal adversário de Lewis, que no primeiro salto fez 8.48 metros com vento favorável de 2 62 metros por segundo, no salto seguinte conseguiu 8.73 metros com o vento a 2.37 m/s e no terceiro 8.77 metros (3.86).

Sebastian Coe vence os 800 metros

O atleta britânico **Sebastian Coe** estabeleceu a melhor marca do ano dos 800 meros com 1,44 minutos, durante os campeonatos de Middlesex, na cidade inglesa de Lenfield.

COLECTIVIDADES

VITÓRIA CLUBE DE LISBOA. Vai esta popular colectividade lisboeta (instituição de utilidade pública, fundada em Agosto de 1944) homenagear o seu associado e dirigente da Associação de Futebol de Lisboa, Joaquim Xavier da Silva, com um jantar marcado para o próximo dia 31.

As inscrições encontram-se abertas na sede do clube (Rua Silveira Peixoto, na Pichelei-ra).

LIVROS TÉCNICOS

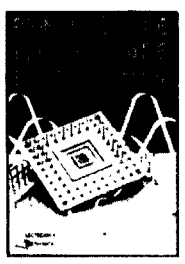
EDIÇÕES CETOP DÁ-LHE A ACTUALIZAÇÃO DE QUE NECESSITA, ATRAVÉS DOS LIVROS QUE EDITA

LINHAS DE TRANSPORTE DE ENERGIA

Eis um livro eminentemente prático e de aplicação imediata para o projectista, dando a resposta adequada aos exemplos apresentados para transporte de energia eléctrica.

Inclui, entre outros capítulos, exemplos de aplicação de carácter eléctrico, mecânico, teorias e conceitos matemáticos e ainda legislação espanhola e portuguesa sobre linhas eléctricas.

PRINCÍPIOS DE ELECTRICIDADE E ELECTRÓNICA



Eis um guia particularmente útil e indispensável a estudantes e técnicos.

A qualidade desta obra resulta de cada tema ser estudado exaustivamente, em particular no aspecto da sua aplicação, sendo importante também para uma melhor compreensão dos princípios, métodos e aplicações destas técnicas.

Inúmeras figuras ilustram o texto e cada capítulo termina com vários exercícios.

À venda em todas as livrarias

...ou encomende directamente a:

Edições CETOP — Apartado 33 — 2726 MEM MARTINS CODEX

Colecção: ELECTRICIDADE ELECTRÓNICA

Enviem-me contra reembolso os livros assinalados com (x)

☐ LINHAS DE TRANSPORTE DE ENERGIA — 1500$ (NOVO)
☐ PRINCÍPIOS DE ELECTRICIDADE E ELECTRÓNICA — 780$

Nome _____

Morada _____

Cód. Postal _____ Localidade _____

(Os preços são acrescidos das despesas de expedição e cobrança)

Ref.ª REF.a. 23 M DL

ACTUALIZAÇÃO DO RECENSEAMENTO ELEITORAL

[illegible] a 31 de Maio

Lista Eleitoral e OBRIGATÓRIA

SE AINDA NÃO ESTÁ INSCRITO NO RECENSEAMENTO; SE É MAIOR DE DE 18 ANOS OU SE OS COMPLETA ATÉ 31 DE MAIO,

INSCREVA-SE

SE JÁ ESTÁ INSCRITO NO RECENSEAMENTO; MAS MUDOU DE RESIDÊNCIA PARA OUTRA FREGUESIA,

TRANSFIRA A SUA INSCRIÇÃO

Dirija-se para o efeito à Comissão Recenseadora da freguesia onde reside.

ENTRE OS DIAS 11 E 25 DE JUNHO, CONSULTE OS CADERNOS ELEITORAIS.
VERIFIQUE SE A SUA INSCRIÇÃO, MESMO QUE SEJA ANTIGA, SE MANTÉM CORRECTA

MINISTÉRIO DA ADMINISTRAÇÃO INTERNA — Recenseamento Técnico dos Assuntos para o Processo Eleitoral (DGAPE)

2 RODAS 2 vezes mais atenção!

Nunca circule aos zigue-zagues defende a sua vida e a dos outros.

Ciclista, e viva!

Voleibol

"Aquilo" era para aprender

Portugal foi derrotado por 3-0 pela Espanha em jogo da última jornada do torneio de apuramento para o Campeonato da Europa de Voleibol, realizado em Maribor, Jugoslávia.

Em partida arbitrada pelo sueco Ramishiba e pelo austríaco Bohm, a Espanha venceu Portugal por 15-0, 15-0 e 15-9, e conquistou o primeiro lugar do torneio.

Na partida de ontem, a Espanha foi claramente superior vencendo os dois primeiros «sets» a zero, para depois no torneio a turma portuguesa esboçar uma reacção que se revelou infrutífera.

Depois da sua vitória no torneio, a Espanha qualificou-se para a fase final dos campeonatos a realizar na Holanda.

Microscópio

Tiro: Torneio das Nações Latinas

O belga Hoef venceu a prova de carabina (três posições por 40) do Torneio das Nações Latinas em tiro, a decorrer em Monsanto, ao somar um total de 1159 pontos.

Raul Fayanda foi o melhor atirador português naquela especialidade, ao ficar no 18.º lugar, com 1123 pontos e o espanhol Gonzalez (1157 pontos) foi segundo classificado seguido do francês Bury (1154).

Os portugueses José Martins (1098 pontos) e Nunes Henriques (1097) finalizaram no 20.º e 21.º lugares respectivamente.

Na competição de carabina (três posições por 40) para juniores portugueses triunfou Gustavo Bildes, com 1092 pontos e em pistola de velocidade (primeira ronda) o espanhol Segui e o italiano Cuarehioni assumiram o comando da prova, ambos com 296 pontos, seguidos do francês Kovacs (295).

O português **Francisco Neto** foi quinto classificado (293 pontos), tendo António Antunes (288) e José Pena ficado nos 14.º e 15.º lugares.

Luta

O Ateneu Comercial de Lisboa dominou os campeonatos nacionais individuais de luta greco-romana, ao arrecadar seis dos 13 títulos em disputa nos escalões de seniores e juniores.

O Clube de Lisboa conquistou quatro títulos no escalão sénior e dois em juniores. O desportivo de Runa e o Arroios dois títulos cada no escalão júnior enquanto, Sporting, benfica e Santo Antonense venceram um título cada na categoria sénior.

Itália: a estratégia do terror

Pág. 23

Mensagens Pessoais na página 26

Sinais dos tempos

Desvio = instituição

Consultar os anúncios de alguns jornais ou revistas franceses pode ser extremamente elucidativo para concluirmos de algumas das actuais tendências comportamentais e modos de estar. Os publicados no «Libération» são neste sentido exemplares pelo que expressam de absolutamente não contraído ou autocensurado. Mas quando uma revista respeitável, órgão quase diríamos institucional da classe política da França e consciência do «reformismo» de esquerda «tel qu'il faut», os inclui, então é porque a mentalidade francesa urbana está perfeitamente aberta aos sinais mais «sub» saídos da sociedade e às suas pulsões as mais desvairadas. Se num «Libération» de há uns tempos atrás podia-se ler o apelo de um trintão tipo intelectual à senhora de cinquenta e tal anos que vivia por cima do seu apartamento e tinha uma ligação ambígua com o seu cãozinho para que pudesse participar do seu convívio, isso em tal jornal nada de particularmente escandaloso ou anormal tinha. Mas afinal de contas, na média burguesa «Le Nouvel Observateur» já não é de estranhar que um quadro, casado com 42 anos, ponha um anúncio em que procura um grupo ou pelo menos um casal que com ele possam «jogar ao mestre e aos escravos». E porquê? Porque na mundanidade contemporânea, e isso começa já a acontecer nalguns círculos libertados da moral judeu-cristã (ou perdidos na devassidão destes tempos, também se diz) aqui em Portugal, coisa como os desvios sexuais é passado definitivamente encerrado: o que era desvio é agora prática alastrante.

Amor-fantasia

Insistindo ainda no tema dos anúncios sexuais em revistas e jornais franceses, podemos reparar nos seus tipos dominantes. É assim por exemplo que, num terreno onde os charlatões (lá como cá) são «assim», como se costuma dizer, os sexólogos estão a encher páginas. De qualquer modo, as pessoas parecem preferir o «tratamento» prático, tendo assim a sexologia concorrentes de peso:

1) Os telefones eróticos, tipo «Virgínia e as suas telefonistas nuas», «tudo dizer, tudo ousar, tudo compreender», «ouse o seu prazer ao telefone»;

2) clubes de encontros, género «e se eu ligasse à Marylise?», «para uma escolha entre múltiplas formas», «amor-fantasia», «os encontros excitantes não acontecem só aos outros», «clube gay — encontros no masculino», «relações liberadas»;

3) sexólogos ajudantes, de características como «vou ao domicílio», «nunca mais problemas de solidão», «ejaculação precoce?»;

4) organizações de ajuda a

Pág. 26

DESENHOS DE ARQUITECTURA

O "efeito Taveira" na arquitectura portuguesa ...e a post-modernidade

A arquitectura renasce ou está a morrer? Porque se fala dela como muito mais se falara desde os anos 30?

Pág. 21

Melancolia

Do Poder da Arte à arte do Poder

Chaké Matossian

«O trágico guarda e esconde uma melancolia salutar que, na verdade, não devemos negligenciar» **Kierkegaard**

Já em **Génese,** Michel Serres deixava a leitura da **Obra-prima desconhecida,** de Balzac, atravessar o seu texto. Desde então, outros percorreram esse livro fundamental, esse escrito que atinge o limite da escrita porque funciona como um quadro. É uma obra que, aliás, Balzac nunca parou de recomeçar, incapaz de concluir aquele monumento consagrado ao inacabado, ao fragmento. Hubert Damisch transformou-o na trama de **Janela amarelo cadmium** (Fenêtre Jaune Cadmium) (1), trama que revelará por si própria a trama da pintura. A história de Balzac autorizará a análise das «fundezas» da pintura, como se das fundezas de uma mulher se tratasse. Porque a pintura, como a verdade, faz-se mulher, e procurar a sua essência precisa da passagem pela sedução, de um desnudamento num claro-escuro. Porque a mulher é também (ainda) a figura de uma **falta,** apesar de ser nessa falta que se origina o ser. O pé da «Belle Noiseuse» na obra de Balzac respeita ao vestígio mnésico, como o pé de Gradiva, ou como a planta, inchada, do pé de Édipo.

Mulher também, essa **Melancolia** de Dürer com o seu rosto negro, envolvida em todas as dobras do seu vestido, que em vão tentaremos despir-lhe. A origem não se inicia senão a partir do **resto** (as dobras da memória) e por isso, como tal, não existe. Ela implica sempre um excesso no tempo e no espaço, de nada serve calculá-la e apenas o resto será o seu reflexo, a **mimesis.** Que dizer deste resto senão que ele aparece como sinal ou sintoma de algo que teve lugar e que advém do **crime?**

A melancolia coloca uma questão ao político. Ao interrogar a **essência do sujeito,** ela põe em questão a legitimidade deste, a sua legitimação, a legitimidade do discurso que o situa e impõe enquanto tal: sujeito.

Christine Buci-Gluksmann (2) tem razão em notar, a partir de uma leitura de Baudelaire, ele próprio relido por Benjamin, que os momentos em que se misturam a mulher e o «spleen» correspondem a momentos de crise, «como se, nas suas fases de crise, de reaparecimento da questão da modernidade, a questão da mulher não pudesse ser abordada sem se tocar na 'questão da civilização', através de toda uma série de oposições e de mitos» (pág. 33). Benjamin, sob a influência de Saturno, procura perder-se na cidade como na obra; estabelecendo como que um mapa labiríntico da memória, ele opera, como sublinhou Susan Sontag (3), «uma encenação do passado, e transforma em quadros o fluxo de acontecimentos» (pág.27).

E esse fragmento de /em pintura que o discurso teórico, que um certo discurso filosófico se recusa a **ver.** Isto apesar de, desde Platão, esse mesmo discurso filosófico revelar ser, em última instância, um discurso sobre a visibilidade de luz. A vista perturba-se, afogada em fluxos de palavras.

É desse fragmento, a um tempo **falta** e **matéria,** que nos fala Sarah Kofman na **Melancolia da Arte** (4). O livro é sustido por um projecto anti-hegeliano que consiste em deixar a arte atravessar o filosófico, **atravessá-lo** como um punhal na carne. Fazer vacilar o Espírito absoluto que, um tanto facilmente, punha nos cimos da arte a **poesia** — por justamente ser imaterial. Ora, o que Balzac tinha pressentido, e que todos os pintores mostraram, é que, com a arte, está em questão um resto, resto que, segundo S. Kofman, releva do sacrifício no sentido em que George Bataille o entendia. Resto que poderíamos também, sem dúvida, aproximar do que Verdiglione chamava a matéria não-semiotizável.

Se, como indica S. Kofman, a arte, e mais particularmente a pintura, é **unheimlich,** é exactamente porque ela mostra esse resto e denuncia o crime que teve lugar. Um pé subsiste, vestígio de um corpo definitivamente fragmentado. Nada poderemos dizer sobre ele, e no entanto, ao mesmo tempo, não poderíamos impedir-nos de falar dele, porque esse fragmento não pára de assinalar o corpo ausente, como o cadáver é «o duplo do vivo» (4, pág. 18). O discurso de mestrado visa assim, desde Platão, evitar a insinuação do real que sobrevem na **mimesis.** Ele pretende também escapar à visão desse crime, à sua di-visão, à sua

David (1748-1825): a morte de Marat

partilha delegando a culpa à pintura, uma vez que, como escreve Didi-Huberman (5), lendo, também ele, a **Obra-prima desconhecida** de Balzac, há «injunção de um sangue na própria pintura» (pág. 13). A **Unheimlich** está ligada a uma ambivalência de origem, uma repetição primordial, e se a pintura releva da **Unheimlich** é porque ela é ambivalente, porque ela nos dá a ver, de modo agradável (para melhor nos enganar, nos seduzir) o que teríamos desejado enterrado para sempre: «o prazer é possível senão porque se verifica, graças à magia da arte, ao mesmo tempo reconhecimento e desconhecimento desse crime, e porque o artista, sozinho, toma a seu cargo transportar a culpa colectiva» (4, pág. 32). Corpo do crime que, aliás, a natureza morta incarnava, como brilhantemente Marie-José Baudinet pôs em evidência (6). Ambivalência que a própria expressão **natureza morta** esconde — em inglês ela torna-se **still life** — e que, no fundo, seria quase a definição da Arte, sempre próxima da vida, passando pela morte: «A arte pode ser pretendente à vida, mas sob condição de passar primeiro pelo seu contrário, e de se medir com a morte, o que, evidentemente, nunca se faz sem risco» (1, pág. 19).

Com Descartes, o século XVII avançava o Sujeito despossuindo-o desde logo, visto que ele surgia mascarado, quer dizer, em representação e em movimento, e portanto furtando-se sempre, não deixando como marca senão o lugar vazio, o intervalo que acabava necessariamente de deixar.

Ilusão trabalhada por Lacan, para quem o Sujeito, sempre «barrado», se confronta com o silêncio do analista que, recusando responder ao pedido, deixa advir o desejo. Desejo que será, ele próprio, uma fenda, uma falta impossível de suprir. É o vazio a partir do qual o saber lacaniano fará desmoronarem-se todos os discursos, todos os saberes, colocando-se a si próprio «em abismo» e operando, talvez por isso mesmo, o fascínio: «o que me parece determinante, escreve François Roustang, é a ligação entre a pretensão a um saber que domina todos os saberes, e a afirmação de que o lugar desse saber está vazio... A suprema astúcia de Lacan consiste em ter fundado a sua ilusão sobre uma espécie de desilusão generalizada» (7, pág. 477).

Quando Susan Sontag faz notar que «a dissimulação, o gosto pelo segredo, aparecem ao melancólico como necessidades» (3, pág.30) e que, para o melancólico, «o trabalho pode tornar-se uma espécie de droga, uma compulsão» (3, pág.40), podemos perguntar se Lacan, pelo seu discurso «absorvente» e a sua travessia entre inúmeras disciplinas, não terá nascido, também ele, sob o signo de Saturno; «a estratégia de Lacan consistia, não me mostrar explicitamente as ligações entre as diversas disciplinas a que aludia, a fim de construir uma totalidade, mas em fazer crer que detinha a chave dessa síntese e em suscitar, nos auditores, um trabalho de cada instante para descobrir essa chave» (7, pág. 473).

O século das luzes, por seu turno, como sublinha M.-J. Baudinet, soube e quis o crime: «A lucidez das luzes é muito diferente: crer-se-ia que ela sabe que quem matar o rei, mata o sujeito» (6, pág.22). Operação catártica? Realização mimética de um fantasma que é, ele próprio, mimesis de um acto originário? Em todo o caso esse assassínio, hoje ainda, tem consequências; o seu sentido mantém-se vivo e explica, por exemplo, porque é que o «pensamento francês» recusa deixar-se convencer pela força de persuasão americana. Lyotard, opondo-se à proposta liberal do consenso-persuasão de Richard Rorty, declara: «Apenas direi, sem desenvolver este ponto, que nós, franceses, não pensamos a política, nem a filosofia, nem a literatura, sem nos lembrarmos de que tudo isso, política, filosofia, literatura, teve lugar, na modernidade, sob o signo do crime. Um crime foi cometido em França em 1792. Matou-se um bom rei perfeitamente amável... A dificuldade que têm os americanos, ou os ingleses ou os alemães, em compreenderem o que chamamos **escrita** está ligada a essa memória do crime» (8, pág. 583). E se é verdade que o pensamento de Habermas encontra a nova utopia reformista americana, parece-nos no entanto que um pensamento alemão, o do romantismo, permanece espantosamente próximo do «pensamento francês» dos nossos dias. Recordemos simplesmente a conclusão a que chegava Foucault em **Nascimento da Clínica:** «O Empédocle de Holderlin, ao chegar, voluntariamente, aos bordos do Etna, é a morte do último dos mediadores entre os mortais e o Olimpo, é o fim do Infinito na terra...»

Holderlin, de que Sarah Kofman nos fala igualmente, incluindo-o numa série que formaria um jogo de espelhos, um simulacro de infinito. Trata-se de Antígona de Sófocles — de Holderlin, traduzida e encenada por Lacoue-Labarthe, vista e comentada por Sarah Kofman, lido e aqui citado, etc... E se, pelo fio dos textos, a Antígona se apaga, se fragmenta, também se enriquece e insiste, simultaneamente, na função catártica da tragédia, função retomada pelo discurso filosófico que, através do conceito, se nega enquanto farmacêutica. (Daí que, quando Lyotard declara: «entre Richard Rorty e eu próprio há um diferendo», porque «O género do meu discurso é trágico. O dele é conversacional» (8, pág. 581), não é seguro que o mais trágico dos dois seja Lyotard. Jogando no efeito de assembleia, apostando no consenso, o discurso de Rorty é, na e pela denegação que o suporta, eminentemente catártico).

Esta refracção do Sujeito na série, este simulacro de infinito que para sempre nos separa dos deuses, eis o que constitui o não-dizer da pintura moderna. Abstracta, ela demonstra que a pintura nada quer dizer, não quer exprimir-se, que procura subtrair-se a qualquer processo de identificação. Serial, a pintura opera «a condenação à morte do paradigma» (4, pág. 32). Figurativa, torna-se imagem-movimento e deformação (Bacon). Sarah Kofman também nota que não foi senão **a posteriori**, depois do esforço da pintura moderna, que pôde aparecer-nos uma outra leitura da arte dita representativa: «a arte moderna fez entrar também a pintura antiga num silêncio definitivo, e deixa lugar, apenas, a um jogo imenso de formas possíveis». A arte dita «representativa» já não pode ser pensada como a simples repetição de um modelo pré-existente, mas apenas como um duplo originário que faz vacilar uma certeza, a da identidade do **objecto** como a do sujeito, ao vir «duplicar» todo o real com a sua insólita e fascinante **presença** (4, pág. 33). Doravante poderemos identificar o escorregar do sentido nessa armadilha espacial e narrativa que é o jardim das delícias de J. Bosch (cf. a prodigiosa leitura que dele faz Michel de Certeau em **La Fable Mystique),** designando a pintura a sua própria anulação na **Medusa** de Caravage (cf. Louis Marin, **Détruire la peinture),** etc...

Citando Benjamin, S. Sontag mostra que «o único prazer que o melancólico se permite, e é um prazer poderoso, é o da alegoria» (3, pág. 37). Por consequente, trata-se de redizer o fragmento pelo trabalho minucioso de uma (re)produção de outros fragmentos, que serão sempre sinais a interpretar e de onde surgirão outros tantos fragmentos, insistindo na fragmentação do corpo, nessa **imagem perdida** no espelho do quadro de Greuze (**retomado por S.** Kofman), ou nesse fantasma que **trabalha** nessa estranha pintura que é o sonho. (**Não é evidentemente** por acaso que Lacan fala de **Bosch a propósito** do estado do espelho).

Como não nos interrogarmos, então, sobre esta **compulsão para** o «micro» que caracteriza a nossa **sociedade,** sobre esta nova maneira de trabalhar a **alegoria?** Desde o corpo em que cada músculo adquire o valor de um todo que, junto a outros, tentará a construção (building) impossível da unidade do corpo, da simples unidade, até ao nascimento que passou a jogar-se nos laboratórios de microbiologia, passando pelas pulgas que nos invadem, não assistiremos nós a uma mecânica repetitiva, a um **fort-da** social? Talvez fosse uma das vias pelas quais poderíamos analisar a nostalgia do político, aquilo em que Annah Ahrendt chamava a «derelicção do político», ou que um Lipovetsky chama «a estratégia do vazio». Baudrillard tinha-o anotado: o político é hoje melancólico: «A melancolia é a qualidade inerente ao modo de desaparecimento do sentido nos sistemas operacionais. E nós somos, todos nós, melancólicos. A melancolia é essa desafecção brutal característica dos sistemas saturados» (9, pág. 234). Mas já antes dele, Léo Scheer tinha subtilmente sublinhado, na sua notável obra, a maneira como a arte e o político se reflectem uma no outro: «O político partiria então numa espécie de compulsão de imitação, num processo semelhante àquele que preside à produção artística hiper-realista de reprodução de reproduções, de cópias de cópias, de um real que se tornou impossível de apanhar, e que no entanto se parece tanto com...» (10, pág. 98).

«A alma do melancólico está suspensa do olhar para espiar as distracções» **Kierkegaard**

Notas:

(1) Hubert Damisch, **Fenêtre jaune cadmium,** Seuil, 1984

(2) Chr. Buci-Glucksmann, **La raison baroque de Baudelaire à Benjamin,** Galilée, 1984

(3) Susan Sontag, **Sous le signe de Saturne,** Seuil, 1985

(4) Sarah Kofman, **Mélancolie de l'art,** Galilée, 1985

(5) Georges Didi-Huberman, **La peinture incarnée,** Minuit, 1985

(6) M-J. Baudinet, «La nature morte», in **Dix-huitième siècle,** n.º 9 Garnier, 1977

(7) Fr. Roustang, «L'illusion lacanienne», in **Critique,** n.º 456, Mai 1985, Minuit.

(8) J-F. Lyotard, «Discussion entre J-F. Lyotard et R. Rorty», in **Critique,** n.º 456, Mai 1985, Minuit.

(9) Jean Baudrillard, **Simulacres et simulations,** Galilée, 1981

(10) Leo Scheer, **La société sans maître,** Galilée, 1978.

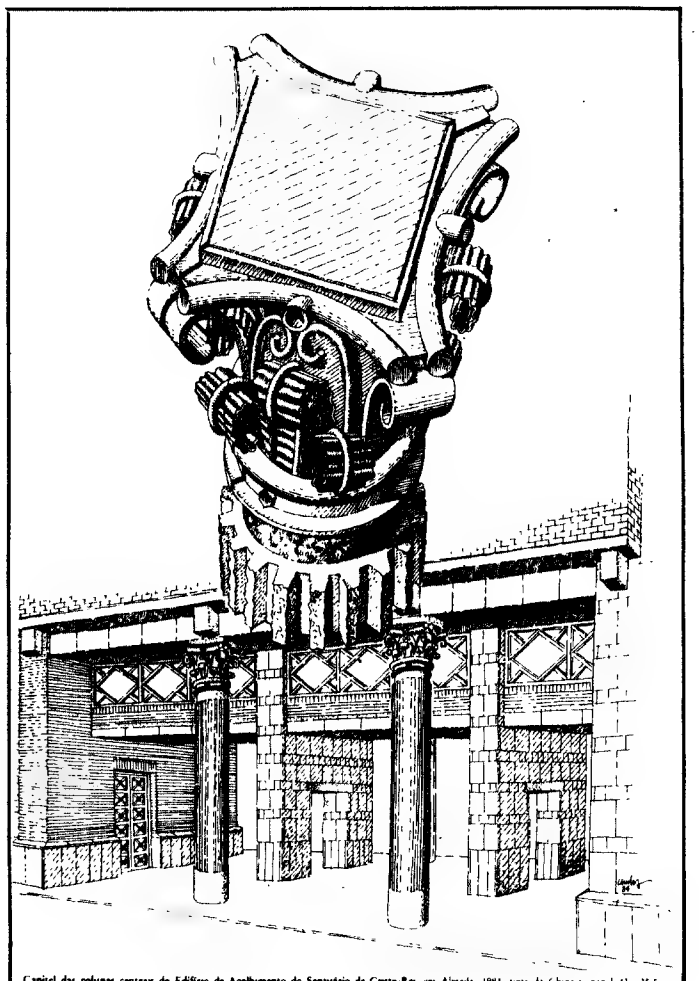
Max Ernst (1891-1976): o jardim da França, 1962

O fim da arquitectura ou arquitectura finalmente

Talvez nenhuma outra exposição patente em Lisboa de há muito tempo para cá exija tanto do visitante; em precauções, em rigor, em ideias. O que as linhas que se seguem procuram dar a entender é que a aparente simplicidade do que se pode ver nas paredes (e no chão...) da pequena sala dos «Cómicos» esconde ou apenas faz entrever a situação extremamente complexa — o termo exacto seria **tumultuosa** — da arquitectura contemporânea.

Paulo Varela Gomes

Exposição de desenhos de arquitectura de Luíz Cunha, Manuel Graça Dias, Troufa Real e Tomás Taveira — 8 de Maio a 1 de Junho, galeria Cómicos



Capitel das colunas centrais do Edifício de Acolhimento do Santuário de Cristo-Rei, em Almada. 1984, tinta da China s/ papel 43 x 35,5 cm
Capital of central columns in the Reception Building of "Cristo-Rei" in Almada, 1984. Chinese ink 17 x 14"

«Se procurarmos um edifício verdadeiramente representativo da arquitectura dos anos 80, talvez tenhamos de recorrer à mítica torre de Babel...» Don Macpherson «Face» n.º 61 (Maio 85)

É necessário, em primeiro lugar, **distinguir, separar,** aquilo que a exiguidade do espaço e o carácter aparentemente colectivo da exposição (de facto reunião ocasional de quatro arquitectos para efeitos de presença na AR.CO de Madrid) parecem querer apontar como uma única «tendência» (catalogada simplisticamente de post-moderna); em segundo lugar, convém **unir, compreender conjuntamente,** o que uma visão excessivamente «técnica» ou estreitamente formal pode insistir em separar; depois, é preciso estabelecer subdistinções, **agrupar separando.** Por fim, mas em princípio, deve perceber-se este conjunto contraditório de desenhos como aspectos de uma situação geral tão complicada que só nos podemos aproximar dela segmentariamente e em forma de **perguntas** que, inevitavelmente (mas também por deliberada escolha) assumirão uma forma provocatória — isto é, destinada a **provocar reacções.**

1.ª distinção: de um lado Tomás Taveira e Troufa Real; de outro, Luiz Cunha e Manuel Graça Dias; dois «subgrupos» que se distinguem fundamentalmente; e antes de mais pelo carácter dos desenhos expostos: os de TT/TR são **mais desenhos que projectos;** Luiz Cunha apresenta desenhos-projectos, por assim dizer e MGD três projectos identificados como tal.

2.ª distinção: entre TT e TR. Os desenhos do primeiro surgem enquadrados numa «cena» (criada por cortinados que se afastam) ou são traçados num plano obviamente «irreal» (espécie de «planalto» ou «ilha» de exposição) que também sugere um palco; remetem para a ideia de arquitectura como cenário ou imagem, encenação e espectáculo **para a vista** que propõe uma distância **teatral** entre um «espectador» e a exibição das formas. Pode dizer-se o mesmo dos desenhos TR se as molduras que os enquadram forem entendidas como **boca de cena.** Os desenhos de TT são basicamente ideias de conjuntos de sólidos articulados, formas elementares aproximadas de objectos de uso mais ou menos quotidiano, numa aparente ligeireza cenográfica que o uso da cor — como que em devaneio — acentua. As peças de TR dão-se, por seu lado, como vagos esboços, revoltear apenas apontado de **quase-ideias** de arquitectura. Mas as molduras (da responsabilidade de Pancho Guedes) — aparentemente decorativas ou mesmo paródicas — dão-lhes uma espécie de seriedade ou, melhor, conseguem fazer a articulação da quase-ideia com a **ideia de projecto;** no fundo, distinguem os desenhos de TR dos de TT — porque «reproduzem» aspectos das figurações e fornecem-lhes a consistência de **objectos no espaço;** quer dizer, são um sinal de arquitectura construída; mantendo uma chamada ao efémero cenográfico, fazem suspeitar a construção.

Através de molduras mais ou menos tri-dimensionais ou da «cena» figurada, ambos os conjuntos de desenhos referem o **teatro;** aquilo que os distingue em precisão de traço, une-os em propósito cenográfico. Mas de um modo diferente: enquanto que, em TT, a ideia se apresenta (se **representa)** enquanto tal, enquanto Obra, em TR é o **devir** da ideia que transparece.

3.ª distinção: entre Luiz Cunha e Manuel Graça Dias; do primeiro (arquitecto de uma geração «moderna» mas que sempre manteve um cunho individual acentuado e que foi «descoberto» há alguns anos apenas — com o «boom» post-modernista) víramos já a exposição individual, também nos «Cómicos»: derivações, agora parcialmente reproduzidas, sobre a história da arquitectura clássica **e os seus ecletismos tardios** (em que se inclui, como verdadeiro «manifesto», a «invenção» de uma ordem arquitectónica, ou pelo menos de um capitel, velho eco da polémica do séc. XVII entre os «Anciens» e os «Modernes» e da tentativa de criação de uma «ordem francesa» por Le Brun); os aspectos parcelares — «meramente decorativos» como se costuma dizer desde os enciclopedistas e o modernismo — apresentam-se como **também arquitectura,** os seus resíduos, sim, mas ao mesmo tempo as imagens da sua essência, da articulação das formas no plano e no espaço. Mas como não ver, também em LC, o **cenário?** Como não entender que a **água** desempenha nos seus projectos e desenhos o velho papel de ilustração/presença real do efémero? Como não compreender o carácter teatral (de «fachada», nas concepções tradicionais) das ideias para o Cristo-Rei?

Manuel Graça Dias, por seu lado, é talvez o mais «português» dos arquitectos presentes; por várias razões; mas também no sentido em que os seus alçados são um exercício de laminagem das paredes, de transformação da parede em volume ou articulação de volumes, de construção de planos sucessivos no plano do alçado. Característica formal que teria sido, segundo as teses famosas de G. Kubler, o aspecto central da arquitectura portuguesa da idade clássica desde o claustro de Torralva em Tomar até, diríamos nós, a frontaria de S. António da Sé de Mateus Vicente. A ligação dos projectos de MGD ao «chão» português revela-se também na dimensão vernacular evidente da sua escolha de materiais e modos de os usar. A sua derivação sobre a história da arquitectura é aparentemente mais «essencial» que a de Luiz Cunha e daí que os seus desenhos se coloquem sob a perspectiva de uma questão **formal** (a articulação das formas côncavas e convexas com as superfícies planas — «hipermodernistas com os 'baixos' ondulantes») e contenham bastante menos citações, oferecendo-se depuradamente não como um retorno ou retomar de problemas, mas como o seu desenvolvimento contemporâneo. Não estamos a querer dizer que qualquer dos outros arquitectos presentes exponha desenhos **revivalistas,** mas apenas que os de MGD são aqueles que mais decididamente recusam olhar o passado como «reservatório de formas» e o encaram somente — mas é o essencial — como situação de partida.

Mas não será possível ver nesta exploração do jogo da sombra e da luz, das protuberâncias e reentrâncias da parede, da sua polivalente espessura, as soluções e problemas colocados pelo «frons scena» do **Teatro** romano?

Os desenhos que estão nos «Cómicos» podem ser «arrumados» debaixo da cómoda etiqueta do «post-modernismo» sem grandes dificuldades. É possível, a seu propósito, falar de coisas como a recusa de um funcionalismo estreito, o prazer da forma, a reivindicação da teatralidade como valor positivo, a recuperação da fruição sensorial da arquitectura, o retomar da história, a arquitectura como jogo, multiplicação de experiências, «coisa mental» da esfera do abstracto e de um certo «simbolismo» das formas, ao mesmo tempo imagem e quadro de vida, etc. (e tanto mais quanto se trata de uma exposição de **desenhos** — até esse facto é sintoma de uma época).

Questões como estas têm começado a ser abordadas por Manuel Graça Dias na sua coluna quinzenal no JL (com uma cautela «pedagógica» talvez excessiva). Sendo ainda factor de polémica, constituem, por assim dizer, a plataforma mínima de entendimento de arquitectos e pessoas que se interessam por arquitectura numa situação de post-modernismo (que é o que existe — e não uma arquitectura Post-moderna que ninguém sabe, felizmente, o que seja...).

Retomando esta problemática, a exposição dos «Cómicos» coloca-a todavia a um outro nível. Não é este o local, nem a ocasião (e talvez não seja sequer a época histórica...) para revolver em profundidade dois problemas centrais que nos parecem poder ser postos a propósito da exposição. A saber:

— Que relação se está a estabelecer, hoje em dia, entre certas correntes da arquitectura **e a moda?**

— Como se pode, hoje, reivindicar a reconstrução ou recuperação do objecto arquitectónico face a uma sociedade onde esse objecto (como outros) é submetido a uma evidente **desmaterialização?**

Ambos os problemas, como se compreende, têm que ver com a **história;** no ponto onde se articulam a muito «curta» e «concentrada» do presente com a mais «longa» e «desfiada» do passado.

Referimos repetidas vezes, na primeira parte deste texto, a questão do **teatro** e do **efémero.** A dimensão espectacular e de Festa da arquitectura remete obviamente para o **barroco.** Numa entrevista concedida há tempos, Tomás Taveira reclamava-se, aliás, disso. Mas que é que pode ser uma arquitectura barroca ou barroquizante hoje em dia? Ou tratar-se-á apenas de uma **moda?** Como se pode falar em barroco ou mesmo de «sublime barroco» (como fazem, por oposição ao «sublime romântico», alguns organizadores e intervenientes da exposição «Os Imateriais» a decorrer em Paris) sem se perceber que não há barroco onde não há **encarnação do espírito?** É que a festa barroca, o efémero barroco, não eram somente um ecletismo «brincalhão» de uma sociedade aristocrática-clerical. Eram também uma representação que dava em espectáculo uma seriedade transcendental (e lhe servia de «válvula de escape») de que a arquitectura de Borromini oferece o melhor e mais paroxístico exemplo.

Quando hoje se recorre a «soluções» ou citações barrocas não se estará simplesmente **a exercer o estilo enquanto tal?** A exibir formas «sem espírito»? Ou formas ensimesmadas? Tratar-se-á, então, de uma arquitectura «trendy», ajustada ao tumulto da moda de rua, ao instantâneo e utopismo da imagem?

Que é que pode querer significar, no meio disto, a óbvia seriedade dos desenhos de MGD? Ou a dimensão religiosa dos projectos de LC?

Que andam, afinal, a fazer os arquitectos da «post-modernidade»? A tentar defender uma arte que as tele-conferências, as transmissões directas, a omnipresença do video e do cinema, a velocidade dos meios de deslocação e transporte, a multiplicação de pontos de vista e o desvanecimento dos locais, o prefabricado, as decorações interiores de lojas e edifícios públicos na sua efémera e supercambiante «inorganicidade» espacial (e, em última análise, a Bomba) ameaçam mortalmente? (Tal como a educação das novas gerações fora da própria experiência da **casa** ou dos **espaços tópicos e temporais,** a sua convivência com a especialidade peculiar dos automóveis, das motos, dos dancings, do cinema (não o edifício mas o **filme**), do vídeo; e ainda os factores políticos e económicos de outra ordem responsáveis pelo «international style» dos anos 50 e 60 e as suas permanências **contemporâneas).**

Que **resta** à Arquitectura? Defender-se desta situação post-moderna como, em Portugal, se tem defendido do «pato bravo»? Soçobrar face a este e ao **designer** — fornecedor de objectos efémeros de um espaço indiferente?

Não estarão os arquitectos da post-modernidade condenados a retomar constantemente a herança modernista da exploração das dimensões do espaço e a «disfarçá-la» com novos materiais (ou Antigos) e com novas (ou Clássicas) decorações? Que noção/noções/interrogações sobre a especialidade se pode ter hoje — a não ser constatar a **desorientação?**

Vá aos «Cómicos» e pense naqueles desenhos. Repare (essencialmente a propósito dos de MGD) na evidente modéstia das ideias; no seu aspecto de **resistência** segmentária mas tenaz. Não se trata de Moral, de Monumentos ou de lamentações. Trata-se, isso sim, de estar com o tempo presente mas não com quaisquer enfatuadas simplicidades.

É que MGD está ligado a um «chão»; nas margens das grandes correntes internacionais (modernas ou post), talvez a arquitectura «regional» (não no sentido de «regionalista») seja um pólo de fixação mais perene. Não terá sido algo como isso que pretenderam prever F. Lloyd Wright... ou Raul Lino?

E não será a arquitectura de Luiz Cunha um exemplo de como a presença de instituições conservadoras (no caso, a Igreja) **pode** ser um outro desses «pólos de fixação»?

Responder afirmativamente a estas últimas questões (sem dizer mais nada) é evidentemente ficar pela superfície **retrógrada** de certos factos.

Porque o novo «estilo internacional» que se está a criar é sem dúvida um **ecletismo** (mas, contrariamente ao do sec. XIX é um ecletismo **de oposição** ao que foi o pior do «international style»); é também obviamente uma arquitectura **de moda,** parafernalia de bricolages sem rumo nem rima — mas de onde ressalta a preocupação com a forma e o estilo (a produção de belas imagens efémeras evidentemente, mais ou menos consequentes, mais ou menos interessantes; mas **variadas,** explodidas e explosivas.

Resta saber se, na moda vestimentária como na arquitectónica, isso não será **positivo**... a presença, na desmaterialização dos objectos, do seu reverso ou resíduo obtusos.

Contra-epígrafe:

Raul Lino dizia em 1937 que a arquitectura da época era uma verdadeira torre de Babel ...

(in «Auriverde Jornada», ed. Valentim de wcarvalho, Lisboa) ■

Um professor anónimo escreve sobre a escola

Aquilo é como uma enorme caserna onde os soldados se formam. Aquela caserna chama-se especificadamente Escola. Qual o real prazer que se pode sentir aí — edifício enorme, feio e desconfortável, com muitos andares, tudo pedra, e longos corredores que percorremos para entrar numa sala exactamente igual à outra. Nada há que as diferencie, as cores, os desenhos, jornais de parede, qualquer coisa que a identifique como sala diferente de outra que diga respeito a alguém ou a algum grupo. Longos corredores, longo cimento armado indeferenciado que tanto uns como outros, alunos ou professores, têm que tolerar até quando? No fim do ano parto a Escola toda, ajusto contas com a Escola, dizem-me os alunos e eu penso mas não digo — só tens razão, eu naturalmente também me apetece é fazer arde estar merda toda, pôr uma bomba talvez mesmo no átrio da Escola. Entramos para a Escola e alunos e professores estamos decididamente metidos no sistema, estamos a treinarmo-nos para ser robots e não pensar muito — porque se efectivamente começarmos a pensar a única coisa a fazer é sairmos, sairmos em massa da Escola. Mas nós os professores temos que ganhar a vida, enfim somos adultos e precisamos de sobreviver. E eles alunos têm necessariamente que obter o papel-diploma, que os faça integrar no mundo do trabalho. São os mais aguerridos e os mais inconformistas que dizem que hão-de ajustar contas com a Escola — mas quem é a Escola, pergunto eu — ah, a escola não sei bem... é você, são os outros professores, é o Conselho Directivo. Só aparentemente é que a Escola somos nós professores — a Escola na realidade é o sistema — Maio 68 tinha razão e nada se alterou a partir daí. Esqueciame de dizer que agora em quase todas as Escolas se comemora o Dia da Árvore. Mudou de face? É um absurdo em primeiro lugar que a Escola seja como uma fábrica — com turnos, com toques de campainha, com livro de ponto, tudo a correr — o saber aprende-se, aprende-se, não sabiam, das tantas às tantas horas — se calhar das 13.30 às 18.30. Nós professores parecemos uns papagaios telecomandados. Campainha de entrada: prepara-te, agora tens que pôr a cara de que sabes tudo e tens que te preparar para a guerra. A guerra é a guerra das aulas com os alunos — ou pensavam por acaso que era com prazer e com enorme amor e criatividade que nos dirigíamos para as aulas? Pega no livro de ponto, pega na chave e começa a subir as escadas. Lá em cima está alguém que controla efectivamente se lá estás ou não — parece até que a sua única função é marcar faltas aos professores e dizer aos alunos — por aí, por aí não se passa — já sabem é proibido. Mas surge o toque seguinte e então o maralhal aos uivos, berros e pancadas começa a subir as escadas também para aquela divisão a que resolveram chamar de aula: Para já é incomportável — como é que se concentram milhares de pessoas num espaço despersonalizado, frio, feio, sem conforto, sem marca? Chegam aos solavancos, suados da corrida, descompostos, arrastando as malas, os que ainda as trazem e acham que estão aí a fazer alguma coisa, entrando aos murros, pois é, ou a chorar, ou a rir, ou a falar. Mais uma chatice, dirão — o que vale é que só dura quarenta e cinco minutos e podemos dormitar, ou tentar falar com o colega do lado. Senão, para tornar tudo mais alegre, vamos atirar papelinhos, fazer tropelias, vamos brigar um pouco — se tiver o mínimo de interesse, vamos passar tudo para o caderno e se calhar fazer perguntas e interessar-nos — talvez isso dure uns dez minutos. Entretanto o professor começa por berrar — em vez de cumprimentar cada um e perguntar que sonhos teve nessa noite, pergunta com um ar mais ou menos frio, distante e severo — vamos calar, vamos começar a aprender, vamos começar a trabalhar. Entretanto eles não tinham aprendido nada, parte-se do princípio — o berro pedagógico é o mais eficaz aparentemente — talvez se consiga chegar a um convencimento e a uma autoridade dessa maneira. Que autoridade — ainda não começou a aula e já estamos todos saturados — dos corredores, dos toques, da brancura das paredes, de saber que tudo se iria repetir hoje como tinha acontecido ontem e no ano passado. Tirem os cadernos, vocês não sabem que é preciso tirar os cadernos, e o livro e os trabalhos de casa — não fizeram, mas não fizeram porquê — ah, a minha avó, a minha mãe, a festa, a doença, — mas vocês não sabem que têm que fazer os trabalhos de casa e ainda por cima mentem, mentem ou não mentem, não sabem que é feio mentir e que antes de tudo está o dever. Querem ser homens, ou não querem — como é que depois podem trabalhar na fábrica ou no escritório senão aprendem matemática.

Avisei-os no princípio do ano — é certo, a matemática é uma sucessão de conhecimentos, senão sabem o princípio como hão-de perceber o fim? Que chatisse, dizem eles, eu não quero trabalhar, diz um! Bem senão queres trabalhar não estás aqui a fazer nada, vai-te embora não podes é perturbar a aula, os outros querem aprender. Ou, e repete-se a cassette, não sabes que precisas de saber, o que é que queres fazer na vida, sem o ciclo, sem o ciclo não arranjas trabalho — e depois não achas interessante este mistério dos números, uns encavalitados nos outros, uns que se transformam nos outros e dá sempre certo? F..., dizem eles ou digo eu. Dizem eles para mim ou digo eu para eles. Talvez a aula comece nessa altura — quer dizer a aula já começou há muitos minutos. É verdade temos que escrever no quadro, onde é que está o giz? Eu vou buscar, eu vou, muitos levantam-sê desejosos de movimento — Outro berro, calma, só vai um e a correr. Porra nunca está o material na sala. Ah, e a dança das cadeiras que deu tanta agitação — esta é uma dança nova, própria desta Escola — as cadeiras são tão velhas e tão diferentes umas das outras que às vezes chega a existir uma dança corpo a corpo pelas consideradas melhores — mas isso já lá vai. Os estores também deram que fazer — está sol ou está escuro, é preciso criar o ambiente. Enfim o giz aparece. Vamos hoje considerar este problema e coloca um cartaz no quadro — vamos vê-lo e vocês vão tentar resolvê-lo sozinhos. Lê-se o problema — pois é, a maior parte começa a mexer-se nas cadeiras — não percebo não percebo. Tenta descobrir, podes falar com o teu colega do lado.

Chamadas de todos os lados, gritos — alguns já começaram a brincar. Que chatisse, não posso dar um tempo para eles se concentrarem, porque de facto não o fazem — vamos, não desistam puxem pelos miolos. É assim, não, pensa de outra maneira, tenta pensar por este modo, não achas que é impossível. Mas a professora não explica, não explica nada — já lá vai hão-de chegar lá, podem chegar lá se se esforçarem — vâmos pensar. Um, dois, três, talvez meia duzia consiga resolver o problema — estão ufanos e muito satisfeitos, lutam para ir ao quadro — os outros, depende — ou ficam quietos, absolutamente impenetráveis, ou fazem troplelias pela sala. Finalmente alguém vai ao quadro e explica como se faz. Quem não percebe, é altura de tirar dúvidas, todos passam para o caderno — está entendido? Outro problema, outra questão — é a altura de consolidar os conceitos, os processos. Toca para a saída — uns atropelam-se na pressa de saírem, outros ficam, querem comunicar, querem que eu lhes dê alguma coisa.

Vêm-se pôr perto de mim ou vão fazer desenhos para o quadro. Eu tenho pressa, digo tenho pressa, toca daqui a cinco minutos e eu tenho que ir levar o livro de ponto e a chave e buscar o seguinte. Vamos, não há tempo, não há tempo para ficarmos a conversar e eu saber mais de vocês e vocês mais de mim. Queriam que lhes dissesse alguma coisa. Não tenho tempo. E ah, se tiver tempo de fumar um cigarro — como me apetece fumar um cigarro — será que dá?

Diz-se, nas ruas e nas casas, que os professores não fazem nada, que faltam muito, que não ensinam, que andam apenas a chupar o dinheiro do País. Os diferentes ministros e equipas centrais divertem-se a criar porjectos que teoricamente hão-de fazer enfim, progredir, o sector educação. Divertem-se é a palavra — eles, com certeza nunca estiveram numa escola, ou se estiveram já se esqueceram, quer dizer escaparam — ao menos nos Ministérios podem bambolear-se à vontade pelos corredores, salas e cafés, arrotar postas de pescada e escrevinhar projectos. Alguma vez nos vieram perguntar o que achávamos, alguma vez quiseram ver com olhos de ver o que se passa numa Escola e afinal o que é a Educação? Se calhar têm lindos projectos pedagógicos e leram muitos livros e acham que nós é que não sabemos fazer as coisas. Prática, meus senhores, a prática é a mãe de toda a sabedoria. Invertem-se os papéis — venham vocês dar aulas e vamos nós fazer leis, as leis que nos apeteça está claro. Até me mijava a rir, senhores burocratas.

A meio do ano já se verifica o desastre — é a frustração completa. Conselhos de turma — afinal como é que vão os nossos meninos, pois é os nossos meninos preparam-se para chumbar em 50%, senão mais, senão um pouco menos dependendo das turmas — mas porque é que eles não aprendem caraças? 50% da população será burra? Os programas não estão feitos de acordo com as possibilidades mentais de crianças dessas idades? — as técnicas estão tão evoluídas hoje — Piaget e outros ensinaram-nos tanta coisa. Os professores não são bons? Meu Deus, mas a maior parte teve formação específica e dá aulas muitas vezes, há dezenas de anos e tirou um curso superior e quer realmente que as crianças aprendam? Então porque é que o sistema não funciona? Porque é que onze anos depois do 25 de Abril, a Escola continua a ter as mesmas características selectivas e classistas do tempo do fascismo? Porque é que as Escolas continuam a ser casernas, de onde só aptece fugir tanto alunos como professores?

■

Itália: a estratégia do terror

A mais de 100 km por hora, o comboio rápido **«Vesúvio»**, antes do túnel — foi ouvido a quilómetros de distância.

Pedaços de cadáveres e bagagens ficam espalhados ao longo de 200 metros de via até que o comboio finalmente se imobiliza no meio de uma confusão indiscritível. Um dos passageiros dirá, algumas horas depois, aos jornalistas: «... Tudo era escuro. Por um instante não se ouviu nada. Só me lembro do cheiro de gases e que tudo à minha volta era escuridão. Depois vieram os gritos de pânico e a correria geral», balanço do atentado: 15 mortos e 116 feridos. (1)

A milhares de quilómetros dali, em Langley, próximo de Washington, um obscuro funcionário da CIA esfrega as mãos de contente: foi lançada mais uma acha na já enorme fogueira da **«estratégia do terror»**. Uma estratégia que, através de atentados cada vez mais mortíferos e espectaculares, pretende condicionar a opinião pública italiana no sentido de a fazer aceitar soluções políticas extremas de tipo fascista. Aliás, algumas horas depois, o atentado foi reivindicado por um grupo neo-fascista dos muitos que pululam em Itália.

A via ferroviária que liga Florença a Bolonha parece exercer uma atracção especial sobre os grupos terroristas italianos. Com efeito, este é o oitavo atentado lá cometido. Os mais mortíferos foram os do expresso **Italicus**, em 4 de Agosto de 1974, que provocou a morte de 12 passageiros, e o da estação ferroviária de Bolonha, faz no próximo dia 2 de Agosto cinco anos, onde morreram 85 pessoas. Ambos os atentados foram reivindicados por organizações neofascistas.

«Italicus», Bolonha, «Vesúvio», e muitos outros atentados criminosos cometidos por organizações neofascistas, ficarão, provavelmente, impunes.

Mas impunes porquê? Por falta de leis anti-terroristas? Por falta de instrumentos de investigação e repressão? Nada disso! A impunidade de que gozam os terroristas e grupos neofascistas italianos radica noutra causa: uma rede de cumplicidades que teve a sua origem no final da 2.ª Guerra Mundial e que liga o edifício central da CIA, em Langley, aos centros de decisão política e económica italianos, tem ramificações nos grupos neofascistas através dos serviços secretos e, inclusive, passa pela Mafia dos dois lados do Atlântico.

Um «jornalista» muito especial

Guido Giannettini era aquilo a que se poderia chamar um **homem de sete ofícios**. Jornalista do jornal de extrema-direita «Secolo d'Itália», informador do SID (Serviços Secretos Italianos), conseguia ainda tempo para colaborar e manter contactos com o BND (Serviços Secretos Alemães), com a Internacional Negra, com o «governo» italiano clandestino criado pelos neofascistas e com a Mafia (2).

Tantos contactos faziam com que fosse uma fonte especialmente bem informada sobre os meios fascistas italianos e os seus congéneres europeus. Em Novembro de 1961, mercê das suas aptidões, Giannettini foi convidado pela CIA para dar conferências na Academia Naval dos EUA, em Annapolis, e a que assistem altos funcionários da agência, do Pentágono e da Casa Branca. O tema é tão claro ao conferencista como aos assistentes: **Possibilidades e Técnica de Golpes de Estado na Europa.** Entusiasmada pela intervenção de Giannettini, a CIA recruta-o para trabalhar em Itália (3).

Alguns anos depois, este multifacetado personagem, em conjunto com Pino Rauti (4) – que mais tarde seria eleito deputado pelo MSI (neofascista) – elaborou, com base nas conferências então proferidas, um programa de «luta revolucionária» cujos principais pontos apresentou numa conferência, em Maio de 65, no hotel romano «Parco dei Principi» e à qual assistiram, entre outros, o general De Lorenzo (chefe do SIFAR e ao qual nos referiremos mais adiante), responsáveis da CIA e o então chefe do Estado-Maior das Forças Armadas italianas, Aloja. O general Aloja ficou tão impressionado com as ideias expostas por Giannettini que mandou incluir o seu trabalho no curso especial da Academia Militar de Modena. Ao autor decidiu utilizá-lo como agente dos serviços de informação.

É assim que Guido Giannettini se torna, por um lado, agente do SIFAR (e mais tarde do SID) e, por outro, da CIA. Ele torna-se um dos milhares de agentes da CIA que, através dos serviços secretos italianos, irá guiar a mão dos terroristas de extrema-direita. Mais tarde, declarará a propósito do atentado da Piazza Fontana em que morreram 16 clientes do Banco da Agricultura, em Milão, no qual, de resto, esteve implicado: **Os serviços secretos sabiam do atentado antes que ele fosse cometido e nada fizeram para o impedir...** (5)

Um atentado a que os homens de Langley não foram alheios. Além do seu agente Giannettini, Steffano Delle Chiaie, dirigente da neofascista **vanguarda nacional,** também foi incriminado. Fugiu, antes de ser preso, com passaporte falso... fornecido pelo SID (6). Ora Delle Chiaie, segundo a revista italiana **«Panorama»** tinha sido contactado pela CIA em 1968, através de Peter Bridges, segundo-secretário da Embaixada dos EUA. Bridges participou em reuniões secretas de neofascistas numa das quais foi decidido o atentado contra o Banco da Agricultura. Chiaie, depois da fuga, foi para os Estados Unidos onde lhe foi concedida a cidadania americana. O próprio Giannettini recebeu em Paris, para onde fugiu, 300 mil liras entregues, em nome do SID, pelo capitão La Bruna, dirigente daquele organismo e também incriminado no atentado (7).

Exemplos como o citado poderiam multiplicar-se quase indefinidamente. De resto, ainda antes da rendição da Itália fascista o OSS («pai» da CIA) interessou-se especialmente por aquele país, através da sua «antena» na Europa: Allen Dulles. Este indivíduo, que mais tarde seria director da CIA, foi o mentor das bases de subversão dos EUA na Europa. Ainda durante o conflito orientou o seu trabalho para o pós-guerra. Numerosos agentes hitlerianos fugiram para os Estados Unidos por seu intermédio. Uma vez instalados e com nova identidade, treinaram os primeiros agentes da CIA nas técnicas da subversão e da intimidação. Muitos deles voltaram depois para a Europa como Reinhard Gehlen – o General Cinzento – que depois de uma reciclagem nos EUA voltou à Alemanha Federal para criar o BND (8).

500 mil dólares para a Democracia Cristã

E, logo após a queda do fascismo italiano, os americanos começaram a pôr em prática os planos que tinham para os Apeninos: um governo dócil e amigo dos EUA.

Já aqui foi referido o SIFAR (Servizio Informazione Forze Reuniti) que foi o antecessor do SID e que, por sua vez, sucedeu ao SIM (serviços de informação militares). A história do SIFAR é a história da infiltração dos serviços secretos americanos nos seus congéneres italianos e, através destes, nos grupos terroristas de extrema-direita (e nos de extrema-esquerda).

Em 1948 a implantação das democracias populares no Leste da Europa entusiasma os italianos. O PCI e o PSI formam a Frente Popular que se opunha à Democracia Cristã. A CIA, inquieta, envia 500 mil dólares à DC enquanto magnatas do petróleo financiam o Partido Social Democrata (9). O ex-agente da CIA Vítor Marcheti afirmou que **este foi um dos maiores sucessos dos serviços secretos americanos:** a DC acabou mesmo por ganhar.

Marcheti afirma ainda que a CIA, desde então, gasta por ano, com a Itália, 20 a 30 milhões de dólares, financiando partidos políticos, sindicatos, organizações culturais e, até, uma associação ligada ao Vaticano.

As tropelias do SIFAR contra a democracia e o povo italiano não caberiam num artigo como este. Seria necessário um grosso volume... e só para falar daquilo se conhece publicamente. Detenhamo-nos, por isso, na sua origem e verifiquemos quem foram os seus mentores, organizadores e quem deles se serviu e continua a servir.

O SIM, criado por Mossulini, teve, durante a 2.ª Guerra, um papel importante na espionagem e contra-espionagem militar – objectivos para que foi oficialmente criado – e na repressão aos antifascistas italianos (entre as acusações feitas ao SIM, depois da guerra conta-se o assassinato dos dirigentes da oposição Carlo e Nello Rosselli, encontrados mortos num bosque, em França, no dia 9 de Junho de 1937). Em vista dos crimes imputados ao SIM, depois da queda do fascismo é aberto um inquérito e as suas actividades suspensas... oficialmente. Porém, o SIM continua a trabalhar por obra e graça dos norte-americanos que clandestinamente o mantêm. Este facto é muito importante para perceber até que ponto os serviços de informação italianos mais não são do que um apêndice da CIA.

Maqueiros evacuam mortos e feridos do comboio que transportava 700 pessoas e foi alvo de um atentado terrorista a poucos quilómetros de Bolonha, no Natal passado

Recuemos, então, mais uns anos. Em 1938, toda a gente sabia que a guerra estava iminente. Mossulini convoca o general Giacomo Carboni ao seu gabinete e diz-lhe: **Carboni, preciso de um homem avisado, de um técnico. Portanto, nomeio-o chefe do SIM...** (10). Mossulini apostava no homem errado. Carboni, apesar de ser um técnico de informações muito qualificado, era um antifascista convicto e, na certeza de que o SIM era pró-fascista, executa uma manobra arriscada: destaca do SIM a parte mais secreta – que os representantes alemães junto daquele organismo não conhecem – e **funda** um SIM paralelo e antifascista que irá, inclusivamente, ajudar os patriotas italianos contra o **duce**. Por outro lado, certa verbas ao SIM **oficial** para que ele estiole (11).

Porém, já com a Itália praticamente derrotada e o rei e Badoglio isolados em Brindisi, é nomeado para chefe do SIM oficial o coronel Pompeo Agrifoglio, com o beneplácito dos americanos. Aos agentes do SIM é dada ordem para deixarem de obedecer a Carboni mas a maioria daqueles que com ele trabalham continuam a obedecer-lhe.

Conhecedor deste imbróglio e tomando, até, parte nele, o chefe do OSS, William J. Donovan (conhecido por Bill, o Selvagem) envia dois emissários a Carboni e põe um avião especial à sua disposição. Oferece-lhe a tarefa de reerguer o SIM por conta dos americanos. Durante três meses Carboni lança-se ao trabalho. Mas desiste quando percebe em que sentido querem que trabalhe. Chega a ser-lhe oferecida a cidadinia americana (12).

Falhada a tentativa com Carboni os americanos não desistem. Outro com menos escrúpulos se encarregará de manter o SIM na **clandestinidade** e na órbitra do OSS. Até que em 1948 o SIM aparece à luz do dia com o nome de SIFAR.

1948... o ano em que a CIA, recentemente criada, oferece 500 mil dólares à DC para que esta possa ganhar as eleições. O **nascimento** do SIFAR foi muito provavelmente uma parte do pagamento dessa **oferta.**

Entrevistado pelo escritor Alain Guérain, Carboni respondeu um dia: **De Lorenzo** (antigo chefe do SIFAR já falecido – N.A.) **e o SIFAR são muito simplesmente órgãos da CIA americana...** (13)

É pois evidente que os **pais** do SIFAR foram os serviços de inteligência norte-americanos. E os escândalos de que o SIFAR foi protagonista até à sua dissolução, as intromissões na vida privada de sindicalistas, escritores, jornalistas, políticos e até bispos (o SIFAR possuía 157 000 fichas, completamente ilegais, com inúmeros pormenores sobre a vida privada de outras tantas personalidades italianas), os grupos fascistas onde se infiltrou e cuja mão criminosa dirigiu contra o povo italiano, o **perigoso instrumento em que se tornou nas mãos de militares fascistas – conforme se assinala num** relatório parlamentar elaborado aquando da sua dissolução – mais não são que o prolongamento das acções da CIA em Itália no sentido de manter aquele país na mais estreita dependência de Washington.

O que verdadeiramente está por detrás da vaga de atentados terroristas que recentemente varreu a Europa, nunca se conhecerá.

Ou talvez, daqui a muitos anos — quando já for **«inócuo»** — documentos secretos do Pentágono revelam que, afinal, era uma das centrais de inteligência de um país da NATO que guiava a mão dos terroristas. Ou várias.

Com uma capacidade de previsão de fazer inveja a zandingas e quejandos, a CIA anunciou, tempos antes, uma vaga de atentados em todo o mundo contra objectivos americanos e da NATO. Eles — os atentados — aconteceram mesmo, confirmando as previsões dos homens de Langley.

Posta de parte a hipótese de existir no edifício central da CIA uma bola de cristal, como é possível que, meses antes, aquele organismo consiga prever as acções de organizações terroristas tão secretas como as que operam na Europa capitalista? E não apenas de uma mas de várias? E se sabia o que ia acontecer, dispondo de meios quase ilimitados, não seria possível à CIA evitar os atentados? A não ser... a não ser que não os quisesse evitar e então estava explicada muita coisa!

Perguntas pertinentes mas de modo nenhum descabidas. A necessidade de aprovar um orçamento militar fabuloso que satisfizesse os falcões do Pentágono; reforçar e aumentar os gastos dos aliados com a defesa; e a necessidade de justificar perante a opinião pública mundial a colocação de um satélite espião sobre a URSS efectuada por essa altura, são razões mais que suficientes para que o departamento de «truques sujos» da CIA tivesse estado **metido ao barulho**.

Conjecturas? Nem por isso...

Desde o fim da II Guerra Mundial que a Itália tem sido abalada por atentados terroristas cada vez mais espectaculares e mortíferos. Os serviços secretos italianos têm sido acusados de envolvimento em grupos terroristas, da extrema-direita à extrema-esquerda.

A Loja Maçónica de Lício Gelli e o atentado na estação de Bolonha são apenas dois dos escândalos que recentemente envolveram os serviços de informação daquele país. Muitos houve antes. Muitos outros haverá ainda.

Mas não são apenas os SI a infiltrarem-se. Eles são, por sua vez, manipulados por forças mais poderosas. Numa altura em que o governo se prepara para acelerar o processo de criação de serviços de informação em tudo semelhantes aos seus congéneres da NATO e em que a famigerada lei de segurança interna leva os últimos retoques, não deixa de ser útil conhecer um pouco da história dos serviços de informação italianos, afinal um dos modelos utilizados pelos legisladores portugueses.

Carlos Belo Alfaia

NOTAS

(1) «Expresso» 29.12.84
(2) «Tempos Novos» n.º 4/79
(3) Ibidem
(4) Pino Rauti aderiu à República de Salo em 1946 com 17 anos. Em 1956 fundou a organização fascista Ordem Nova. Já deputado, foi incriminado no atentado ao Banco da Agricultura, em Milão. O Parlamento italiano, mercê das provas apresentadas vota a suspensão da sua imunidade parlamentar.
(5) «A Itália de Berlinguer» de Patrick Meney
(6) «TN» 4/79
(7) «A Itália de Berlinguer»
(8) «O Que é a CIA», Alain Gérain, Editorial Estampa, 1970
(11) Ibidem
(12) Ib.
(13) Ib.

Autogestão: vertentes de uma ideia

Escrever não sobre a autogestão mas a propósito das diversas vertentes históricas e teóricas que a integra(ra)m como ideia fundamental tem o aliciante extra de dar a ver o que mais define, digamos que arqueologicamente e no mesmo sentido a que tal expressão deu Foucault, a esquerda, nas suas várias famílias — o sangue libertário. No texto que agora segue, a linha histórica e a linha teórica seguem fundidas e sintetizadas naquilo que delas ficou de importância para a concepção contemporânea de autogestão, e isto ao contrário do que têm feito os maçudos textos políticos, compartimentando em demasia as coisas, como se elas não se atravessassem continuamente, estonteadamente. Assim, cada um destes quatro subtítulos pode ser lido fora da ordem que se convencionou dar-lhes: porque não ler a parte que incide sobre a vertente neolibertária antes de passar ao arquétipo anarquista; porque não colar as perspectivas enquadradas nos contextos marxista e liberal? A ideia autogestionária que pensamos hoje é o resultado de muita coisa vinda de muito lugar e a origem de tanta outra que nos escapa constantemente.

Foto de Arquivo do «Diário de Lisboa»

Rui Eduardo Paes

Nota prévia do autor: o presente trabalho preferiu a síntese à especulação, apesar de estar aqui articulada uma perspectiva obviamente pessoal. Assim, toda uma bibliografia foi utilizada como base de estudo; optou-se porém por não lhe fazer referência ao longo do texto para não prejudicar a leitura corrida, que é a que se deverá ter de um jornal. No comboio de caminho para casa, nos intervalos de publicidade da televisão.

a) Antiautoritarismo, subjectivação e solidariedade

É do libertarismo que nos chegam as formulações que mais vieram caracterizar a ideia contemporânea de autogestão. Não que pelos anarquistas históricos a questão autogestionária tivesse sido formalmente apresentada, mas no sentido mais concreto de que é na obra e na prática de libertários como Bakunine, Kropotkine ou Proudhon, entre muitos outros, que ganha dimensão a perspectiva antiautoritária que explica a caracterização das actuais opções autogovernativas e autoinstitutivas.

O que os anarquistas basicamente contestam é a existência de um poder que esteja separado da sociedade, sobrepondo-se-lhe como um corpo estranho. Significante dessa mesma aversão é esta frase imprecativa de Sylvain Maréchal: «Desaparece, enfim, revoltante distinção de governantes e de governados.» É essa a oposição histórica entre o Estado e a Sociedade imanente, resolvida, segundo Proudhon, se o Estado se tornar uma «subfunção» subordinada à sociedade e designada por esta como organização do seu colectivo, tornado assim na expressão funcional da auto-regulação societal. Assim a sociedade se pode permitir um centramento estrutural, num processo que vem de baixo para cima, da circunferência para o núcleo, do simples para o complexo, do pequeno para o grande. Cada uma das funções articuladas neste plano ascendente governa-se a si mesma, desde a comunidade territorial ao agrupamento produtivo ou de afinidade, dando origem a combinações variadas. O mesmo espírito de integração; chegado ao Estado, vai caracterizar este como «federação funcional», reflexo apenas da disposição própria do corpo social, movimentado por meio de uma «federação agro-industrial» e fundado sobre a ideia de mutualidade.

As noções proudhonianas de federação e mutualismo são o modo de ultrapassar a feição autoritária que os anarquistas vêem em qualquer poder sobreinstituído. Bakunine: «recusamos toda a legislação, toda a autoridade e toda a influência privilegiada, apatentada, oficial e legal, mesmo a saída do sufrágio universal, convencidos de que ela não pode estar ao proveito senão de uma minoria dominante e exploradora, contra os interesses da imensa maioria». Assim, a aspiração libertária é que as relações em sociedade não sejam as determinadas de modo autoritário, mas as que decorrem dos empenhamentos mútuos, para usar a expressão de Kropotkine, «livremente consentidos e sempre revogáveis, e mesmo por costumes e usos, também livremente aceites» e não petrificados.

Do que deste debate antiautoritário fica no actual pensamento autogestionário é a ideia de que para a autoconducção do organismo estadual pela sociedade emancipada é necessária a proliferação de corpos autogeridos e autónomos no interior do tecido social que sejam igualmente cooperativos, conectando os indivíduos num estatuto prático: «a liberdade (do indivíduo) é a primeira das forças económicas, e tudo o que pode ser realizado por ela deve-lhe ser deixada; mas onde a liberdade (individual) não pode chegar, o bom-senso, a justiça, o interesse geral implicam a intervenção da força colectiva, que não é outra que a própria mutualidade, estando as funções públicas precisamente estabelecidas para esses tipos de necessidades» (Kropotkine).

Neste mesmo sentido Bakunine afirma que «a liberdade dos indivíduos não é um facto individual, é um facto, um produto colectivo» e nos fica a noção de que o federalismo mutualista de Prondhon é o meio de defender o indivíduo do Estado, mesmo aquele que emerge do corpo da sociedade e que assim tem cortadas as possibilidades de sobreposição autoritária. Tal impossibilitação tem um nome, intimamente ligado com a nossa concepção de autogestão: descentralização, termo historicamente articulado com o anarquismo, sendo como que um seu sinónimo.

A disposição societal do imaginário anarquista permite assim que os homens, «os mais individuais e os mais sociais dos animais» segundo Kropotkine possam realizar-se num verdadeiro processo de individuação, que não é um individualismo mas um «desenvolvimento completo da individualidade», como o mesmo Kropotkine tem o cuidado de distinguir. Ora, é precisamente esta afirmação do eu que vai fazer que na sociedade não possam existir estruturas que esmaguem a personalidade humana e lhe coarctem a liberdade, ou que nasça uma meta-estrutura: lê-se de Proudhon que «a noção de pessoa, a ideia de eu» se entende e generaliza — «existe a pessoa ou o eu individual, como existe a pessoa ou o eu colectivo». A viagem de uma a outra faz-se pela solidariedade.

Sinteticamente, podemos afirmar que a presente ideia de autogestão herda do liberalismo histórico a mesma perspectiva de subjectivação da sociedade, em que a autonomia dos vários sujeitos, individuais ou grupais, é como que articulada pelo contrato social, no prosseguimento do termo rousseauniano.

E nesta última tradição, aliás, que achamos dever incluir aqui um socialista utópico, Fourier, que teoriza no rescaldo da Revolução Francesa, quando já não são os proprietários a conduzirem os seus negócios mas os próprios produtores associados a fazerem-no, embora no pouco tempo que durou a Comuna. Fourier dá a antevisão de um mundo de trabalho diferente, que a ideia autogestionária mais tarde concretiza, na sequência da sua reformulação estrutural da unidade de produção, onde da pobreza não nasça a própria abundância, para utilizar expressões suas.

b) Emancipação e espontaneidade

Em Marx, a relação com o Estado é ambígua. O que tem de perspectiva estatista, e que o leninismo e o sovietismo posterior vêm realçar, foi o que herdou de Hegel — uma concepção do Estado que, se adaptou, não soube contestar até onde seria necessário para coincidir integralmente com a sua ideia de emancipação dos trabalhadores. De qualquer modo, como contributo para a ideia autogestionária, Karl Marx deixa a noção de que é a sociedade que determina a formação e o carácter do Estado e não o inverso, devendo ser assim a sociedade sujeito e o Estado atributo. Tal perspectiva foi agora retomada pelos novos libertários, aproximados ao princípio da democracia liberal depois de ultrapassarem a sua formação marxista.

Marx afirma que conceber o Estado apenas como representação do interesse colectivo, enquanto separado da sociedade, permite apenas a emancipação política, continuando o homem em sociedade com a mesma sujeição e a aspirar a uma emancipação social. É sua ideia que há uma oposição entre o homem na sociedade e o cidadão como membro do Estado, sendo por isso que o teórico socialista preferia à emancipação política a emancipação integralmente humana, a única a verdadeiramente suprimir a oposição entre sociedade e Estado. Assim, qualquer revolução política só pode ser apenas parcial: «Uma revolução social situa-se no ponto de vista da libertação total do homem, visto que é um protesto do homem contra a sua vida desumana (...) Uma revolução política coloca-se do ponto de vista do Estado, isto é, de uma universalidade abstracta, que só existe devido à sua separação da vida real (...)».

Ao contrário de, mais tarde, Lenine, Marx acredita, de um modo muito libertário, na espontaneidade das massas na criação de organizações institucionais que possam realizar a «comunidade humana» curioso relacionar com a ideia de auto-instituição do novo libertário Cornelius Castoriadis).

Sobretudo o Marx que conhece a Comuna e escreve a «Crítica do Programa de Gotha» várias vezes se refere ao «autogoverno dos produtores associados», porém, e foi isso que encarniçou no seio da Internacional os partidários de Bakunine contra ele, tropeça sempre no escolho da centralização no Estado (a que mais tarde Lenine vai chamar de «centralismo democrático») e na ideia de «propriedade colectiva do Estado», mas é precisamente este seu lado estatista, limitador da emancipação humana de que ele próprio falava, que vai ficar um pouco diluído após a experiência da Comuna, apesar do seu companheiro de sempre, Engels, ter afirmações como esta: «Foi a falta de centralização e de autoridade que custou a vida à Comuna de Paris».

No entanto, é a dimensão estatista do marxismo que vai (perdurar nos seus discípulos: Kautsky, Lenine, depois Estaline. Enquanto que Marx e Engels haviam escrito que «Nós formulámos, quando da criação da Internacional, a divisa do nosso combate: a emancipação da classe operária será obra da própria classe operária. Não podemos, por consequência, fazer rota comum com gente que declara abertamente que os operários são demasiado incultos para se libertarem a si mesmos, e que eles devem ser libertados do alto, quer dizer, pelos grande e pequenos burgueses filantropos»., Lenine repete e assume de Kautsky que «A consciência socialista de hoje não pode surgir senão na base de um profundo conhecimento científico (...); ora; o portador da ciência não é o proletariado, mas os intelectuais burgueses; foi com efeito, no cérebro de certos indivíduos desta categoria que nasceu o socialismo contemporâneo, e foi por eles que foi comunicado aos proletários intelectualmente mais desenvolvidos, que o introduziram depois na luta de classe do proletariado onde as condições o permitiam».

É então em pleno marxismo estatista que começam a divergir vozes: Plékhanov, Rosa Luxemburgo, que acusa Lenine de querer substituir a burguesia pelo comité central, e Trotski, contestando-lhe a falta de confiança na espontaneidade dos trabalhadores. Desse modo, uma nação erigida sobre o princípio primeiro do sistema dos sovietes, que continuaram a perspectiva auto-emancipadora da Comuna parisiense, caracteriza-se pelo sinal contrário, aquilo a que Axelrod chama de «centralismo burocrático», ou mesmo «regime burocrático-bonapartista».

Essa concepção centralista de Lenine já tinha sido exposta por Kautsky, ao contestar às secções locais a escolha de candidatos para eleições de nível nacional: achava ele que isso iria permitir que uma minoria local impusesse a sua vontade a todo o partido, afirmando que a autonomia local não podia ser democrática por a democracia estar fundada sobre a lei da maioria.

A reposição da perspectiva libertária no marxismo vai-se fazer por meio da reivindicação dos conselhos operários, únicos a respeitarem a «espontaneidade revolucionária»: são eles a primeira das fórmulas autogestionárias após Marx. Rosa Luxemburgo pensa-os como a correcção dos «desvios» acontecidos aos sovietes russos agora em território alemão e, ao contrário daqueles e também da Comuna de Paris, estes conselhos operários são já não eleitos a nível territorial mas sobre uma base de empresa — deixa de ser uma autogestão de território para

Continuação da pág. 24

passar a ser sobretudo produtiva, ou seja, para dar lugar à concepção autogestionária que chega aos nossos dias, em que esse mesmo modelo vai caracterizar a autocondução de todas as actividades humanas.

Mas o primeiro teórico autogestionário marxista enquanto tal é Anton Pannekoek, fazendo a crítica (segundo o ponto de vista auto-emancipativo) da «perversão direitista» do marxismo, que afirma terse oposto à emancipação e à autonomização operárias. Tal trabalho leva-o inclusivamente ao reexame dos fundamentos leninistas que vai contestar e refutar. As diversas tentativas autogestionárias a Leste, sempre irremediavelmente falhadas e reprimidas, inspiraram-se em si.

Escreveu Pannekoek: «Lutar pela liberdade é não consentir que os dirigentes (isto é, os nossos «representantes») decidam por nós e em nosso nome; é negarmo-nos a obedecer cegamente como cães; é criticar e censurar sempre que necessário. Batermo-nos pela liberdade é participarmos o mais possível nas lutas que nos dizem respeito, é pensarmos e decidirmos por nós próprios, é assumirmos, num plano de igualdade revolucionária, todas as responsabilidades.» E ainda: «Deixar-se libertar por outros, que tenderão necessariamente a fazer dessa «libertação» um novo instrumento de domínio, é simplesmente substituir os antigos senhores por outros (...)» Vemos pois como este marxista «libertário» redescobre o tema anarquista da liberdade, pensando-a, tal como na antiga tradição, como «objectivo fundamental» dos homens.

Em Pannekoek podemos igualmente encontrar o reforço da noção de autogestão enquanto dizendo respeito particularmente à unidade produtiva: «As fábricas (...) são células que constituem o corpo social.» Tem aí origem aquilo que é hoje um grande escolho da concepção autogestionária e que já havia, noutra altura, minado o cooperativismo com perspectivas transformadoras: o entender-se a autogestão única e exclusivamente como o que diz respeito à empresa e à sua estruturação interior, de produção e relações de produção, tornando-a tão-somente industrial, em detrimento da autogestão societária, incorporando todo o sistema.

c) Autonomia e participação

Com a posterior distanciação ao marxismo, acontecimento que vem no seguimento óbvio da ruptura com o leninismo, não tendo tido entretanto consistência a minoria que fez a assunção enquanto tal do marxismo libertário, vemos acontecer o fenómeno da «liberalização do socialismo». É nesse processo de reformulação ideológica que a esquerda vai finalmente reencontrar-se com o seu arquétipo antiestatista e anti-autoritário.

Passa-se a olhar para trás das costas de Marx e assim resurgem os velhos nomes do socialismo utópico — Saint-Simon, que achava dever a sociedade organizar-se autonomamente, ou Fourier, com a sua ideia de associativismo como meio para o homem se poder encontrar a si próprio.

Mas não só os novos socialistas liberais viram a sua atenção para estes teóricos da auto-emancipação e subjectivação societal: o mesmo passa a acontecer com aqueles que vêm do lado da família liberal, retomando uma linha de esquerda que havia sido perdida. E o que Saint-Simon e Fourier oferecem é a origem primeira da noção de multiplicidade e pularização como características do tecido social, precisamente o contrário do centralismo do marxismo estatista.

É assim que, se o socialismo se «liberaliza», é porque o liberalismo se «socializa», indo coincidir com o fundamento libertário, relido segundo as novas perspectivas antiestatistas, o que o faz levar o tema da autonomia a novos contextos.

O individualismo radical do liberalismo vê-se assim substituído pelo conceito de individuação, que já tinha pertencido aos anarquistas, conciliando-se a socialidade do homem com a sua liberdade, entendida como sendo, acima de tudo, pessoal, e renovando a crença de que indivíduo e sociedade não são opostos, como já o Artigo 4 da Declaração dos Direitos do Homem de 1789 fazia eco: «A liberdade consiste em poder fazer tudo aquilo que não prejudica os outros».

Acentuando o carácter «socializante» do liberalismo como interessa concebê-lo no nosso tempo, Raymond Aron recorre a Tocqueville para dizer: «A seu ver [o de Tocqueville], a democracia é a igualdade das condições. É democrática a sociedade em que já não subsistuem as distinções das ordens e das classes, em que todos os indivíduos que compõem a colectividade são socialmente iguais, o que não significa, porém, que sejam intelectualmente iguais, o que seria absurdo, nem economicamente iguais, o que seria impossível. A igualdade social significa que não há diferença hereditária de condições, e que todas as ocupações, todas as profissões, todas as dignidades, todas as honras, são acessíveis a todos». Aron simboliza bem este movimento do liberalismo para a sua «socialização», apesar do que sobre ele diz a esquerda marxista estatista e apesar do uso que a direita faz de si. A verdade é que ele afirmou certa vez, em entrevista, que «(...) sou um admirador de Marx. Eu não o teria lido tanto se nele não encontrasse qualquer coisa. Simplesmente, bati-me contra o marxismo-leninismo e contra o para-marxismo-leninismo que por vezes se pode encontrar em Marx.»

O socialismo liberal, o liberalismo de esquerda vêm retomar a velha máxima libertária da subordinação do político ao social e, por implicação, da subordinação do Estado à sociedade no sentido proudhoniano, já que a destruição pura e simples daquele está provado ser uma ilusão. Existe pois uma mesma desconfiança do Poder, uma mesma aversão ao autoritarismo e à arbitrariedade entre anarquistas e partidários da democracia liberal, e inclusive as saídas propostas por uns e outros se assemelharam: Montesquieu, um dos pais do liberalismo, concebeu a necessidade de uma pluralidade de centroe de poder, de nós de decisão política e administrativa que se opusessem ao poder único, centralizado, hierárquico. Era seu princípio que um poder sustentasse outro, num autêntico esquema de descentralização, propósito libertário fundamental e interessando sobremaneira à autogestão.

Para se submeter o político ao social (os anarquistas chamavam antes a esse processo de «revolução social»), evidentemente que essa transformação não poderá ser política, sob o risco de, ainda e sempre, se reproduzir a transcendência estatal e a submissão dos indivíduos. É neste contexto então que surgem duas noções fundamentais, ambas caracterizadoras da liberdade, a autonomia e a participação; a primeira como faculdade humana de cada um se dispor a si mesmo, a segunda a possibilidade de se investir na definição dos destinos do colectivo.

Observando a actuação político-social dos nossos dias vemos que a autonomia e a participação são mesmo as linhas de força que motivam a nova esquerda libertária — a que congrega regionalistas, não-violentos, ecologistas, feministas, homossexuais, minorias culturais de vário tipo e agrupamentos que perspectivam novos modelos comunitários e de participação democrática na autocondução da sociedade. É por isso que este novo militantismo pode-se dizer decorrente da tradição anarquista ao mesmo tempo em arreigadamente liberal. Benjamin Constant, em discurso pronunciado no Ateneu Real de Paris em 1819: «O objectivo dos Antigos era a partilha do poder social entre todos os cidadãos duma mesma pátria. Era a isso que eles chamavam liberdade. O objectivo dos Modernos é a segurança no gozo das coisas privadas; e chamam liberdades às garantias dadas pelas instituições a essa fruição7. E é também o dos Pós-Modernos, como podemos acrescentar e vemos hoje.

É em todo este enquadramento teórico que se pode entender a articulação entre o novo liberalismo e a ideia de autogestão, que vem desfazer o aspecto francamente negativo que marcava a autogestão marxista. Era ele a uniformização da sociedade por um único modelo, o que, evidentemente, só se conseguiria instaurar por imposição. É o caso da Jugoslávia, em que o sistema autogestionário não chegou a neutralizar o Estado autoritário.

Escreveu o francês Rosanvallon, que podemos aqui definir como um socialista liberal, que «a proposta autogestionária está em consonância com o projecto liberal de limitação do poder estatal e dum poder próprio da sociedade civil.» Ora, o que a aproximação entre as duas questões veio realçar foi toda a problemática da propriedade. É que a autogestão demonstra que desapropriar um proprietário para transferir a sua posse para outro proprietário, o Estado, a comunidade local, a cooperativa operária, é continuar ainda a concepção tradicional de propriedade naquilo que esta tem de mais essencial. Servan-Schreiber disse já que interessa menos nas sociedades actuais de quem é a propriedade e mais quem é o gestor, mas à ideia autogestionária não é só a gestão em si mesma que basta, interessando-lhe, pelo contrário, estilhaçar a propriedade e redistribuí-la — este um debate em aberto, certamente conflituoso, que nos dá à evidência o desembocar perplexo e ainda estonteante do liberalismo contemporâneo no libertarismo.

d) Auto-instituição, convivencialidade e liberdade

Ao querermos aqui demonstrar, literalmente, que nos seus diversos momentos a autogestão tem sido sempre uma ideia libertária, é nossa intenção objectiva concluir deste modo: que a postura de tipo libertário atravessa toda a história e toda a produção teórica da esquerda, mesmo que subterraneamente ou até mesmo clandestinamente, e que ela tem vindo a emergir com a própria evolução do pensamento e da prática político-sociais.

Ora, um seu momento alto, mas que cedo se provou ilusório, foi quando a chamada esquerda democrática, certamente derivando de uma necessidade teórica substancial de demarcação do marxismo-leninismo, se interessou pelo tema da autogestão. Foram exemplos disso mesmo, em França, o Partido Socialista e a central sindical que lhe é próxima, a CFDT, durante a década de 70. Nos princípios de 80 acontece já o rescaldo, e é assim que dois paladinos da autogestão PS, Pierre Rosanvallon e André Gorz, passam a ter frases como esta: «A própria palavra de autogestão, por exemplo, quase desapareceu da linguagem política e social, discretamente apagada das consciências, como se ela perpetuasse a marca de um utopismo já vergonhoso, de uma esperança arcaica.» (Rosanvallon); e a considerar que, por as coisas agora serem muito mais complexas e intrincadas, as decisões virem sempre de fora, serem hetero e de modo algum auto, como já disse Gorz.

É assim que em meios socialistas e sociais-democratas a ideia autogestionária agoniza, falando-se apenas de autogestão dos tempos livres e do quotidiano por se achar que em nada mais ela funciona. Os mesmos socialistas que tinham escrito livros e livros, após o Maio de 68, sobre o projecto autogestionário, que então conseguiu mesmo dar um maior sentido à posição socialista democrática, e lhes permitiu, por exemplo, definirem-se como «sociais-democratas libertários» (Chevenement-sic), passam a contentar-se com governar a situação actual.

Quem veio revitalizar, reformular e reenquadrar a ideia autogestionária como espinha dorsal de todo um pensamento a seguir a tal definhamento são aqueles a quem podemos chamar de «novos libertários», vindos de uma contestação radical do modelo soviético.

É assim que, p. ex., Claude Lefort considera que o marxismo, pelo menos o que como tal dominou, traz consigo a lógica do Estado totalitário. O libertarismo retoma pois, e tão ardentemente como nos tempos da Internacional, a velha contestação do Estado, mas agora integrando no seu discurso os subsídios liberais.

Todos eles saíram das hostes mais ortodoxamente marxistas, de grupos de extrema-esquerda que ou assumiam o estatismo burocrático (marxistas-leninistas esquerdistas, estalinistas, maoístas) ou ainda não se tinham distanciado em termos suficientes dos seus modos, no caso dos trotskistas (embora estes já se interessassem pelos temas autogovernativos, como também o demonstra a atenção estudiosa de Ernest Mandel pela autogestão).

No seguimnento da oposição anarquista da perspectiva de mudança social contra a mudança meramente política, os novos libertários vêm dizer que não é tanto a transferência de proprietário que transformará as coisas, mas mais a edificação, aqui e agora, de espaços alternativos ao que está. A dimensão política, de tendências sempre hegemónicas e totalistas, é reduzida aos seus limites reais, e a económica igualmente contrariada no que tem de invasiva. Uma revolução a haver, portanto, embora tal termo já seja muito usado por se considerar descaracterizado pelo sentido leninista, não poderá passar na sua essência pelo económico e pelo político — será, antes do mais, social e cultural.

O que marca o tempo presente é já não a nossa vontade de emancipação enquanto cidadãos, mas enquanto homens, numa exigência que se generaliza repondo em importância o velho sonho anarquista. Só que, e ao contrário daquele, a realização do homem terá de se fazer hoje com a instituição, agora dessacralizada e relativizada, colocada no fluxo transformador da História. É precisamente essa a articulação que Cornelius Castoriadis faz no seu trabalho, ele também dissidido do marxismo estatista, depois de um tempo intermédio permanecido no trotskismo.

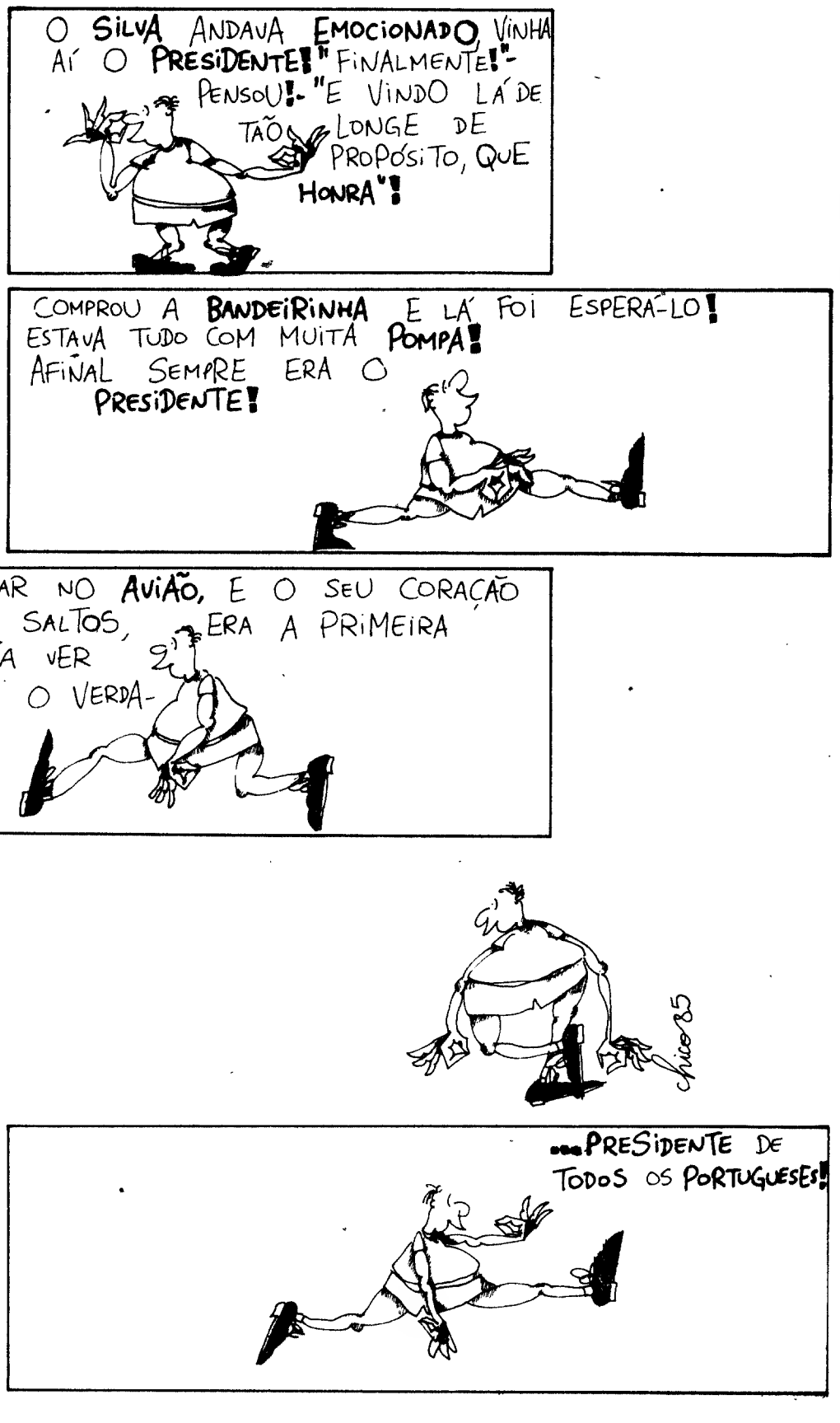
Depois da parcialização da ideia autogestionária que resultou do mecanicismo da autogestão apenas empresartial, encontramos em Castoriadis de novo o sentido de sociedade. Esta, posicionada contra o Estado que se lhe sobrepõe, consciencializa-se como instituição, podendo continuamente refazer-se a si mesma, dinamizando-se e enriquecendo-se. Assim, a única definição de socialismo verdadeiramente justa e aberta passa a ser esta sua: «Uma organização da sociedade que permite aos homens definirem o sentido que querem dar à sua vida.» É o repensar do que de mais específico pode definir a posição libertária — uma concepção não balizada de liberdade, admitindo a contradição e não a submetendo a um qualquer ilusória dialéctica.

A auto-instituição da sociedade, prolongamento actual das formulações teóricas e históricas que se manifestaram como anti-autoritárias, subjectivantes, solidárias, emancipadoras, espontaneístas, autónomas e participativas, leva o projecto autogestionário a maiores implicações: pela auto-instituiçao, dois pólos dificilmente conciliáveis são-no finalmente — liberdade e poder.

A sociedade que enquadra em si tal equilíbrio chama-lhe Ivan Illich «convivencialidade»: «Uma sociedade convivencial é uma sociedade que oferece ao homem a possibilidade de exercer uma acção autónoma e criativa, com auxílio de ferramentas menos controláveis pelos outros.» Uma sociedade, em suma, onde, como diz ainda Castoriadis, «a questão do autógoverno, da autonomia da sociedade é também a questão da autolimitação da sociedade. Autolimitação que tem duas vertentes: a limitação pela sociedade do que ela considera como as aspirações, as tendências, actos, etc., inaceitáveis para tal ou tal parte dos seus membros; mas também autolimitação da própria sociedade na regulamentação, na regulação, na legislação que ela exerce sobre os seus membros.»

Foto Francisco Paraíso

doces crónicas



Sinais dos tempos

Continuação da pág. 14

celibatários, p. ex.: «Gratuitamente, lista de celibatários da sua idade com brochura ilustrada 68 páginas. Muitos partidos sérios» ou «Madame, mademoiselle, não fique só, amor-carinho, distrações, saídas...», ou ainda «homos, lésbicas, contactos sérios».

5) anúncios pessoais variados — «bom físico, viril, oferece momentos voluptuosos», «industrial desportivo, generoso, simpático, procura companheira para viver momentos loucos», «35 anos, casado, procura adúltera triunfante grande e bonita».

Tempo pós-cristão

Na França também, e para derivarmos um pouco do assunto que nos trouxe até aqui, o **privado** deixa de ser um espaço do silêncio para se tornar um tema de interesse e o **sagrado** já não é móbil para censurar as formas de expressão.

No primeiro caso foi sintomática a edição de um livro que dava conta de como os reis, rainhas e nobres da monarquia francesa faziam as suas «necessidades», numa aproximação séria e perfeitamente histórica, comentada aliás por todos os magazines literários seriíssimos. Agora, **o fim do púdico** é mais uma vez demonstrado por um programa televisivo, de seu nome «Apostrophes», que resolveu fazer revelações sobre a vida erótica de alguns dos grandes vultos da literatura francesa: Gustave Flaubert, Mirabeau, Apollinaire.

A respeito da diluição do sagrado é exemplo o filme de Godard que a Igreja Católica e o Papa têm desdenhado, «Je te salut, Marie», e que tem sido proibido autarquicamente nalgumas cidades italianas e francesas. Mostrar uma personagem inspirada na Maria mãe de Cristo que expõe a sua **gravidez despida** é já a ultrapassagem de um corpo de valores anteriormente determinante e afinal próprio do nosso tempo pós-cristão. Os mais conservadores dirão: perdeu-se o respeito a tudo.

Novas fórmulas familiares

«Casal gai, desportivo, moderno, situação estável, procura jovem «copine» para relações a três em ambiente agradável, debutante e apreciável»; «Casal 33-40 procura casal para relações de afinidade.»

Muitos destes anúncios se podem encontrar no «Libération» ou na «Le Nouvel Observateur» — o modelo a dois das relações afectivas parece ter sido destronado dessa condição, e as ligações a três e a quatro, geralmente de tipo bissexual, emergem da obscuridade cúmplice e começam a ser aceites comummente como fórmulas plausíveis de aliança. As implicações são vastas, pois caso haja maior generalização do fenómeno, toda a concepção de família nuclear terá de ser revista. Mas há mais: e o tamanho das casas, e o tamanho das camas, e as questões jurídicas? E os filhos, com duas mães e um pai, dois pais e uma mãe, ou duas mães e dois pais, ou três mães, etc.?

O fechar do círculo

A homossexualidade, tornada em formalismo do antiformalismo, desemboca em situações imprevistas. Vejamos também este anúncio: «Universitário, 43 anos, homossexual, procura lésbica para privar a dois, ternura-amor.» É o restabelecimento da heterossexualidade, embora sob outras formas. O juntar da linha do círculo.

Responsável de edição, João Mendes
Correspondência, «Diário de Lisboa»/Sete Ponto Sete, Rua Luz Soriano, 44, 1200 Lisboa

MENSAGENS PESSOAIS

Revista brasileira «Machete»

Vendo exemplares vários anos, novos, bom preço. Telefone 607415 – depois das 21 horas.

Cinema/Publicidade

Enviar duas fotografias a cores (corpo inteiro) com informações: Idade, profissão, altura, peso, cor de cabelo e olhos, experiência, línguas e desportos, para Rua Padre Francisco, 18, r/c Dt.º 1300 LISBOA.

Cachorros «Yorkshire Terrier»

Vendem-se cachorros com 3 meses, vacinados, com registo, filhos de cão importado e premiado em exposições. Natália Viseu. Largo da Estação, Lote 6-3.º D, Paço de Arcos – 2780 OEIRAS. Tel: 2435490.

Selos

Vendo a particular, modesta colecção de selos novos e usados nacionais e estrangeiros, pela melhor oferta. Grande stock de selos nacionais, estrangeiros e ex-colónias. Motivo à vista. Telef. 9812911 Odivelas.

Carabina

Vende-se carabina BSA, calibre 22, completamente nova. Contactar Telefone 2687798. Depois das 19 horas.

Carro roubado

Austin 1000 branco AT-92-26, porta esquerda amachucada. Gratifica-se Telef. 543459.

Férias — Algarve

Em Tavira aluga-se casa totalmente equipada de Junho a Outubro, à quinzena ou mês. Telef. 605669, a partir das 19 horas.

Algueirão – Sintra

Casa precisa-se na zona de Algueirão ou Sintra, mínimo 4 assoa., renda acessível, dá-se grat. 40 contos. C. Gonçalves Nabância – Lote 7 -2.º Esq.º 2300 TOMAR.

Atrelado-tenda

Combi-Camp Easy-1 1983. Como novo. T. 2185003, depois das 19 horas.

Caravana

Compro caravana usada para adaptação comprimento máximo 3,5 m. Telefone 28544 — LEIRIA — Das 18 às 20 horas.

Roulote

Vendo Vimara 310-1980 c/avançado. Muito bom estado. Instalada Orbitur-Caparica 300 c. Telef. 384661 depois 18 h.

Actores/figurantes precisam-se

Qualquer idade, cor ou sexo. Enviar duas fotos de corpo inteiro mais informações (profissão, experiência, dados físicos, etc.), para PRODUÇÕES DO SUDOESTE, Rua Padre Francisco, 18 — R/C Dt.º. 1300 Lisboa. Urgente.

Regulamento:

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete nem o «Diário de Lisboa» podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.

Os EUA na América Latina

Continuação da pág. 3

«Império» pretende obter aberturas controladas e vigiadas, que impeçam o desenvolvimento de factores que podem produzir verdadeiras alterações da configuração do poder latino-americano, a par com uma estratégia de desgaste e de ataque frontal às experiências revolucionárias: Nicarágua e os movimentos de libertação nacional de El Salvador e Guatemala, mas também as outras experiências das Caraíbas (daí, a invasão de Granada).

Na política dos EUA para a América Latina, os interesses não se centram exclusivamente no terreno estrito das questões do sistema político.

A América Latina torna-se um território estratégico para os EUA não só do ponto de

A dívida externa é um meio de chantagem pelos EUA sobre os países latino-americanos, mas são ou poderão sê-lo, um elemento contraditório que possibilite uma nova unidade latino-americana ou um novo ascenso do nacionalismo. Fidel Castro, numa recente entrevista, e a uma pergunta sobre se poderia haver unidade entre governos tão diferentes na América Latina, respondia: «A crise económica e a dívida é que vão unir os países da América Latina; e vão uni-los ainda mais do que a guerra das Malvinas. Neste caso, os povos (...) uniram-se por um problema familiar, sentimental, moral e político (...), a solução deste problema (dívida externa) é uma questão de sobrevivência para os países latino-americanos» (4).

Em conclusão o que Rea-

início do processo expansionista americano.

Não lhe bastaram séculos de subjugação colonial para ter hoje que sofrer o peso do imperialismo, a exploração económica desenfreada, a ingerência política a subordinação à estratégia e aos ditames do «vizinho» do norte.

A política dos EUA para a América Latina não é apenas a tentativa de retirar proveitos económicos alimentando os pilares do sistema económico: as transnacionais. Muito longe vão os EUA no seu afã de domínio mundial. Não lhes bastando espoliar que de útil detêm os países latino-americanos, pretendem, além disso, definir quando e onde os seus interesses estão em jogo e como os defender. Em nada se detêm: nem os «direitos humanos», nem a soberania nacio-

Heróis de papel

Vasco revisitado

Carlos Pessoa

Quem disse que vida de cartoonista é vida de cão? O lançamento de uma segunda edição das «**Situações, Faces e Formas**» de Vasco, pela Ulmeir, parece desmentir essa enraizada (e justificada) convicção de que fazer desenho de imprensa em Portugal é meio caminho andado para a miséria...

Não pudemos ir ao lançamento da obra, realizada num dos espaços preferenciais do poeta, Fenando Pessoa de seu nome: o «Martinho da Arcada». E a escolha de o local não foi deixada ao acaso, porque constituiu motivo para outro lançamento, este o de uma plaqueta

se iniciou em 4 de Outubro de 1931 nas páginas do «Detroit Mirror». Passou tempos depois para o «The Chicago Herald Tribune», que abandonou em 1977, sem contudo deixar de continuar a trabalhar no seu personagem. O seu personagem, contudo, passaria a ser trabalhado por outras mãos. Talvez por isso, são as suas bandas mais antigas, nomeadamente as dos anos 40 e 50, as mais procuradas, pois é nelas que estão concentradas as melhores qualidades e mestrias de que o autor foi capaz de nos dar. «Dick Tracy» é polícia agressivo e duro herdeiro de uma concepção

tivo» apesar de tudo. Canardo parece ser mais um espectador de peripécias e acontecimentos traçados por um destino implacável, do que seu agente transformador.

De novo frente a frente com o seu irredutível adverário, Raspoutine, Canarda encontra no álcool e no medo as justificações para o seu imobilismo. E depois, há Emily, a criança-fera, bela e louca, dividida entre o seu ódio aos homens e a paixão pelo monstro: uma bela e pungente Banda Desenhada, a confirmar a mestria de Sokal.

Novidades

TRAÇOS

Harriet Andersson

Não sou contemporâneo desta imagem. Quando ela ocorreu, estavam os anos 50 a começar, ainda eu não andava pelos reinos do cinema, nem tão pouco pelos da vida. E, no entanto, esta foto tem, em si, essa nunca completa memória fabricada que todos, e cada um de nós, fazemos como que a querer enganar a cronologia: uma capa dos «Cahiers» amarelos, Léaud a roubá-la da frontaria de um cinema, o erotismo solar, húmido, carnudo, disponível que, para mim, reflecte a Suécia nos meados deste século.

Nunca fui à Suécia e os testemunhos a seu respeito desdizem esta imagem que forjei, vá lá saber-se como, mas onde os traços de Harriet Andersson, na **Mónica e o Desejo** de Bergman, são pedra angular: muitos anos que eu viva e não a mudarei. Gosto dela assim. Faz-me lembrar, sei lá, o tempo em que Bergman era autor reverenciado na nossa praça, ia eu ver as suas fitas nas sessões clássicas do Império ou nas Quinzenas do Bom Cinema, no Monumental.

Foi aí — no Monumental — que vi, há um bom par de anos, este filme, ainda não tinha lido nada sobre o espantoso plano em que Harriet Andersson surpreende o nosso moralismo de espectador confortável e o põe em causa naquele longo e duro olhar — nos nossos olhos. Lembro-me que fiquei gelado e, ao mesmo tempo, com a sensação exaltante de ter descoberto o sublime. Soube, muito depois, quando a vontade de ver cinema se espraiou na vontade de sobre ele ler, reflectir, que essa minha «descoberta» já fora experimentada por uma geração de cinéfilos, pelo menos, já tinha originado páginas e páginas de texto.

Hoje perdi essa inocência — a mesma que me fez entrar, um dia, numa sala para ver um filme qualquer e receber, de chofre e sem pré-aviso, com o **Citizen Kane** — revi a **Mónica e o Desejo** algumas vezes, sei o envelhecimento que as formas redondas de Harriet Andersson tomaram e as rugas que se foram cavando no futuro dos seus filmes. O Monumental foi-se e essa quase instituição que foram as «sessões clássicas» também. As minhas relações com o cinema foram mudando, com a vida: em verdade em verdade vos digo que é muito, muito raro o êxtase da «descoberta», nestes dias.

Ontem à noite, quando voltei a ver a **Harriet Andersson**, na RTP/2, aconteceu-me essa exaltação inicial que esta foto, para mim, agarra, na sua ampla exposição de uma mulher à beira-mar, em pleno sol, antes do sonho terminar.

J.L.R.

Uma das fotografias que integram a exposição de Dominique Labaure, no Institut Franco-Portugais

Exposições

• **«Dez Anos de Peniche»** é a designação da exposição de fotogragia que Dominique Labaume mantém patente ao público no Instituto Franco-Portugais, na Av. Luís Bivar, 91. A fotógrafa, de origem francesa e actualmente a residir em Portugal escolheu a fotografia e a escrita como forma de comunicação, pois considera-os um meio de melhor se conhecer a si mesma e ao que a rodeia. Dentro desse espírito, fundou em 1982, em Peniche, um albergue — alternativa, denominado «Ventos e marés», orientado para actividades artísticas e sociais. Dominique Labaume participou em projecções e conferências no Centro Nacional de Cultura, no Conservatório de Música e na Associação Cultural de Peniche. Os seus trabalhos foram já expostos em vários locais, nomeadamente nos Encontros Internacionais de Arte Contemporânea, nas Caldas da Rainha, em 1977 e na Arca d' Água — café concerto, em Peniche, em 1984.

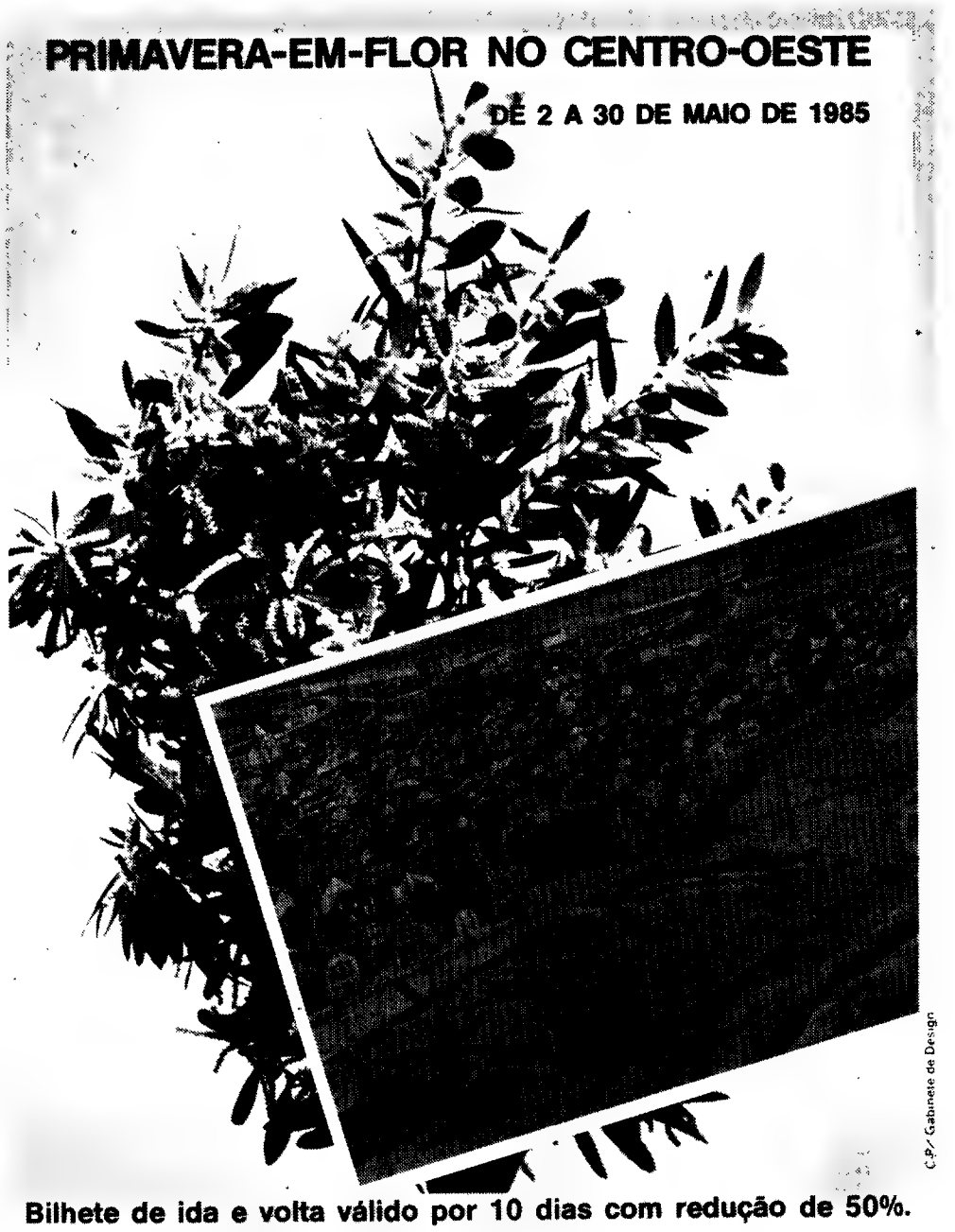
• A exposição **«Azulejaria da Nazaré e das Estações da Linha de Oeste»,** mantém-se aberta ao público até 30 de Junho, no Museu da Nazaré. Trata-se de uma «mostra» de painéis de azulejos com temática variada, nomeadamente no que se refere aos aspectos monumentais e paisagísticos, e aos usos e costumes do povo desta região. A organização coube ao Museu, com a colaboração da Câmara Municipal e da CP-Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, que pretendem com este certame divulgar o património azulejar da zona.

• No Solar da Praça de Santa Maria, em Óbidos, encontra-se patente uma **Exposição de Arte Sacra,** das 10 às 19 horas, numa organização do Departamento de Cultura da Câmara Municipal daquela vila, em colaboração com a Fundação Calouste Gulbenkian e o Patriarcado de Lisboa. Óbidos tem um património de paramentaria e ouriversaria sacra bastante valioso e importante, adquirido e guardado ao longo dos séculos em várias igrejas da Vila, e portanto desconhecido. Deste modo, não só pelo seu valor material e histórico, como também pela completa imagem que dá de Óbidos como «Vila Museu de Portugal», foi organizada esta exposição, na qual podem ser vistas várias peças, como custódias, resplendores, relicários, cálices e casulas.

• A pintora **Esperança Josefa Gonçalves Ribeiro Pereira** inaugura hoje, pelas 17 horas, a sua exposição de quadros em pedras semi-preciosas, na sala de arte do Restaurante Escorial. A artista, natural do Alentejo e residente em Lisboa desde 1963, viajou pelo Algarve, Açores e África, cujos ambientes físicos e humanos vêm a exercer grande influência nos seus trabalhos expostos, a técnica utilizada obedece ao aproveitamento do vidro acrílico como suporte ao colorido dos seus temas.

Bailado

• A companhia de ballet brasileira **«Studio Lourdes Bastos»** inicia hoje a sua digressão por Portugal, a convite da Fundação Calouste Gulbenkian, em comemoração do cinquentenário do falecimento de Fernando Pessoa. A companhia, que irá actuar no Porto, Coimbra, Faro, Funchal e Lisboa, interpreta o bailado «Mar Sem Fim», de Lourdes Bastos e Rubens Corrêa, baseado na obra do poeta português, com músicas portuguesas e brasileiras de compositores consagrados, como Chico Buarque de Holanda, Caetano Veloso, Milton Nascimento, Fernando Brandt, Hélio Belmiro, Ronaldo Bastos, Djalma Corrêa, Gonçalo Paredes e Carlos Paredes.



Bilhete de ida e volta válido por 10 dias com redução de 50%.

C.P./ Gabinete de Design

Comboio, a opção dinâmica

Estação de Bombarral - Figueira da Foz

Esta oferta só é válida para viagens iniciadas nos dias verdes.

Consulte o Calendário Bicolor.

Informa-se na Estação mais próxima ou nas Agências de Viagens.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 9.º JUÍZO

ANÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da segunda e última publicação do anúncio citando os réus para no prazo de vinte dias, findo o prazo dos éditos contestar querendo a acção, pagar ao autor a quantia de Esc. 3 336 468$50, acrescida de juros vincendos à taxa legal, acrescida ainda de custas e procuradoria condigna.

Acção Ordinária n.º 3409/85 3.ª secção.

Autor: Otis Elevadores, L.da, com sede na Rua Centro Cultural-5-2.º em Lisboa;

Réu: Sociedade Sol-Cresce, Ld.ª, com última morada na Praceta 10-lote 22-Loja B-Reboleira.

Lisboa, 10/Maio/1985

O Juiz de Direito,
Fernando Amâncio Ferreira

O Escrivão de Direito,
M.ª Emília Saraiva Ribeiro

"D.L." 20/5/85 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE SINTRA

ANÚNCIO

FAZ-SE SABER QUE, na 2.ª Secção do 3.º Juízo do Tribunal Judicial de Sintra, nos autos de Acção Sumária registados sob o n.º 977/84, que Armando Luís Kreissemann Nunes da Silva Heitor Rosa move contra José Gaspar de Sousa, com última residência conhecida em Colmeias, Leiria, correm éditos de 30 dias, contados da segunda e última publicação do respectivo anúncio, citando o réu para, no prazo de 10 dias, findo o dos éditos, contestar a Acção pela qual o Autor pretende que o Réu seja condenado a pagar-lhe a importância de 74 000$00 provenientes de obras efectuadas na sua residência sita na Rua 1-Lote 140-1.º Dt.º em Serra das Minas-Rio de Mouro-Sintra.

SINTRA, 15 de Maio de 1985

O Juiz de Direito,
António de Almeida Coelho da Cunha

A Escriturária,
Maria Paula de Sousa Faria Fernandes

"D.L." 20/5/85 — 1.ª Pub.

CINEMAS

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

OS AMANTES DE MARIA
de Andrei Konchalovsy
(para maiores de 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 2

TERRA SANGRENTA
de Roland Joffé
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Alfa 3

ATRÁS DA PORTA
de Liliana Cavani
(para maiores de 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h

Alfa Club

2010 — O ANO DO CONTACTO
de Peter Hyams
(para maiores de 6 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.15 e 23.45 h

Apolo 70

— T. 763319

ATRÁS DA PORTA
de Liliana Cavani
(para maiores de 16 anos)
15, 18.15, 21.30 e 00.30 h

Avila

— T. 539930

O FIO DA NAVALHA
de John Byrum
(para maiores de 12 anos)
14.30, 17, 19.15, 21.45 e 24 h

Avis

— T. 547163

CLUBE PRIVADO
(para maiores de 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098

OS AMANTES DE MARIA
de Andrei Konchalovsky
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Caleidoscópio

— T. 795093

O ABC DO AMOR
de Woody Allen
(não acons. men. 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Capitólio

— T. 372358

GATAS VICIADAS
(para maiores de 18 anos)
15, 17, 19, 21 e 23 h

Castil

— T. 530194

UM RUSSO EM NOVA IORQUE
de Paul Mazursky
(para maiores de 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebloco

— T. 556824

AS MULHERES QUE NÃO POSSUÍMOS
de Pascal Thomas
(para maiores de 13 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

REVOLTA NO PACÍFICO
de Roger Donaldson
(para maiores de 12 anos)
24 h

Cine Camões

— T. 324194

TEERÃO 43
de Alexander Alov e Vladimir Naumov
(para maiores de 13 anos)
14, 16.30 e 21.30 h

Uma cena do filme **«O Último Combate»** *realizado por* **Luc Besson.** *Galardoado com o* **Prémio do Júri** *e* **Prémio da Crítica do Festival Avoriaz, Grande Prémio,** *e* **Prémio da Realização do Fantasporto.** *Em exibição no cinema Quarteto* Ⓟ

Cine 222

— T. 579460

UM AMOR INFINITO
de Franco Zeffirelli
(para maiores de 13 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

FUGA PARA A FELICIDADE
de Robin Davis
(n. ac. menores de 13 anos)
24 h

Cine Portela

— T. 2524761

BROADWAY DANNY ROSE
de Woody Allen
(para maiores de 12 anos)
16 e 21.45 h

O HOMEM QUE VEIO DE LONGE
de Krzystof
(para maiores de 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

O MEU TIO DA AMÉRICA
de Alain Resnais
(para maiores de 13 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

A SOMBRA DO GUERREIRO
de Akira Kurosawa
(para maiores de 13 anos)
23.45 h

Condes

— T. 322523

A MULHER PÚBLICA
de Andrzej Zulawski
(para maiores de 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

O MONGE DE SHAOLIN
(para maiores de 13 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

O CARTEIRO TOCA SEMPRE DUAS VEZES
de Bob Rafaelson
(não acons. men. 18 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

TOP SECRET!
de Jim Abrahams
(para maiores de 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 779095

AVENIDA DOS ASSASSINOS
de Boramy Tioulong
(para maiores de 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

Sala 1

TERRA SANGRENTA
de Roland Joffé
(para maiores de 16 anos)
15.15, 18.15 e 21 h

Sala 2

2010 — O ANO DO CONTACTO
de Peter Hyams
(para maiores de 6 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Sala 3

SOLTEIROS... E TARADOS
de Neal Israel
(para maiores de 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Fórum Picoas

— T. 541037

ANA
de António Reis e Margarida Cordeiro
(para maiores de 12 anos)
19.30 h

Auditório 2

LÁGRIMAS E SUSPIROS
de Ingmar Bergman
19 e 22 h

Hollywood

— T. 802859

A MULHER PÚBLICA
de Andrzej Zulawski
(para maiores de 18 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.45 h

O CONFRONTO
de Paul Newman
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 24 h

Império

— T. 555134

REDS
de Warren Beaty
(não acons. men. 13 anos)
14, 17.45 e 21.15 h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

O CONFRONTO
de Paul Newman
(para maiores de 12 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Sala 2

AMADEUS
de Milos Forman
(para maiores de 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Londres

— T. 801313

AMADEUS
de Milos Forman
(para maiores de 12 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Montecarlo

— T. 681117

O MACACO DE FERRO
(não acons. men. 18 anos)
14.15, 16.30 e 21.30

Mundial

— T. 538743

AS MULHERES QUE NÃO POSSUÍMOS
de Pascal Thomas
(para maiores de 13 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Nimas

— T. 574362

UM LUGAR NO CORAÇÃO
de Robert Benton
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

FOGO NO RABO
de Siggi Gotz
(para maiores de 18 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Olimpia

— T. 325309

A GRANDE ORGIA
(para maiores de 18 anos)
Sessões contínuas

Pathé

— T. 821933

O EXECUTOR
de Eric Tsang
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30 e 21.30 h

Politeama

— T. 326305

PELA MEDIDA GRANDE!
de Italo Zingarelli
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Promotora

— T. 637180

AGENTE SECRETO 101
de Tervo Ishii
(para maiores de 13 anos)
15.15 e 21.30 h

Quarteto

— T. 771378

Sala 1

O BAILE
de Ettore Scola
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.15 h

PROJECTO BRAINSTORM
de Douglas Trumbull
(para maiores de 18 anos)
23.30 h

Sala 2

A CORDA
de Alfred Hitchcock
(para maiores de 17 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h

DOCES FANTASIAS
de Michel Deville
(para maiores de 18 anos)
23.30 h

Sala 3

O ÚLTIMO COMBATE
de Luc Besson
(para maiores de 16 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h

O SOLDADO AZUL
de Ralph Nelson
(para maiores de 18 anos)
23.30 h

Sala 4

TESTEMUNHA DE UM CRIME
de Brian de Palma
(para maiores de 18 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.15 h

A VIDA É UM ROMANCE
de Alain Resnais
(para maiores de 18 anos)
23.30 h

Quinteto

— T. 573407

2010 — O ANO DO CONTACTO
de Peter Hyams
(para maiores de 6 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

TERROR NO HOSPITAL
de Jean-Claude Lord
(para maiores de 18 anos)
24 h

Restelo

— T. 610375

SHEENA, A RAINHA DA SELVA
de John Guillermin
(para maiores de 12 anos)
15.30 e 21.30 h

Roma

— T. 889192

PURPLE RAIN — VIVA A MÚSICA
de Albert Magnoli
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Roxy

— T. 548560

O GRANDE ATAQUE
de Umberto Lenzi
(para maiores de 13 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

S. Jorge

— T. 579144

Sala 1

ENCONTRO COM O AMOR
de Ulu Grosbard
(para maiores de 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

PASSAGEM PARA A ÍNDIA
de David Lean
(para maiores de 12 anos)
14.15, 17.45 e 21 h

Sala 3

ASSIM NASCE UMA ESTRELA
de George Cukor
(para maiores de 12 anos)
14, 17.30 e 21 h

7.ª Arte

— T. 730715

MICKI E MAUDE
de Blake Edwards
(para maiores de 12 anos)
14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star

T. 804210

AMOR ETERNO
de Alain Resnais
(para maiores de 12 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

TESTEMUNHA DE UM CRIME
de Brian de Palma
(para maiores de 18 anos)
13, 15, 17, 19 e 21.30 h

Tivoli

— T. 570595

OS AMANTES DE MARIA
de Andrei Konchalovsky
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Turim

— T. 706666

O LUGAR DO MORTO
de António Pedro Vasconcelos
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.45 h

Vox

— T. 880808

GENTE GIRA
de Jamie Uys
(para maiores de 12 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Xenon

— T. 368480

O REGRESSO DO COMBOIO DO TERROR
de Roger Sottiswoode
(para maiores de 18 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Zodíaco

— T. 570151

O CÓNSUL HONORÁRIO
de John MacKenzie
(para maiores de 16 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h

ESMERALDAS SANGRENTAS
de Ernest Day
(para maiores de 16 anos)
24 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cinestúdio Lido — «O Vingador da Estrada», às 15.30 e 21.30 (não aconselhável a menores de 18 anos)
AMADORA: Cine-Teatro Lido — «2010 — o Ano do Contacto», às 15.30 e 21.30 (maiores de 6 anos)
AMADORA — Cine Plaza — «O Caça-Polícias», às 15.30 e 21.30 (maiores de 12 anos)
CACÉM — Cinestúdio Flores — «Prisioneiros do Universo Perdido», às 15 e 21.30 (maiores de 6 anos)
MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «O Destravado do Táxi Amarelo», às 21.30 (maiores de 6 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS — 2000 — «Meus Problemas com as Mulheres», às 15.30 e 21.30 (maiores de 12 anos)
CARCAVELOS — Atlântida — «Protocolo», às 15.30 e 21.30 (maiores de 12 anos)
SÃO JOÃO DO ESTORIL — São João — «Fugitivos do Inferno», às 15.30 e 21.30 (maiores de 12 anos)
ESTORIL — Casino — «O Caça-Polícias», às 17 e 21.15 (maiores de 12 anos)
CASCAIS — Impala — «Operação Zebra Force», às 16, 21.30 e 24 (não aconselhável a menores de 18 anos)
CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «Passagem para a India», às 15.15 e 21.30 (maiores de 12 anos) — **Sala 2** — «A Mulher Pública», às 15.30 e 21.45 (maiores de 18 anos)
CASCAIS — Oxford — «O Caça-Polícias», às 16 e 21.30 (maiores de 12 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia — «Gente Gira», às 15.30 e 21.30 (maiores de 12 anos)
ALMADA — Incrível — «Passagem para a India», às 15.30 e 21.15 (maiores de 12 anos)
ALMADA — Cinestúdio — «Os Taxistas do Ritmo», às 15.30, 18.15 e 21.30 (maiores de 12 anos)
COSTA DE CAPARICA — Silcine — «Grande Hotel Excelsior», às 15.30 e 21.45 (maiores de 6 anos)
COSTA DE CAPARICA — Caparica Oceano — Sala 1 — «Flashdance», às 15.45 e 21.30 (maiores de 6 anos) — **Sala 2** — «Loucuras de uma Recruta», às 16.15 e 21.45 (maiores de 13 anos)

Porto

CHARLOT — «Os Ricos e os Pobres», às 15.15, 18 e 21.30 (maiores de 12 anos) — «3 Biliões Sem Ascensor», às 24 (não aconselhável a menores de 13 anos)
COLISEU — «Os Amantes de Maria», às 16.30, 18 e 21.30 (maiores de 16 anos)
PASSOS MANUEL — «Terra Sangrenta», às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45 (maiores de 16 anos)
PEDRO CEM — «Os Destemidos», às 15, 18.30 e 21.30 (maiores de 12 anos)
SALA BEBÉ — «Amadeus», às 14.15, 16.20, 18.30 e 21.20 (maiores de 12 anos)
STOP — Sala 1 — «2010 — O Ano do Contacto», às 14, 16.30, 19 e 21.30 (maiores de 6 anos) — **Sala 2** — «Top Secret», às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 (maiores de 12 anos)
TRINDADE — «O Lugar no Coração», às 15.30, 18 e 21.45 (maiores de 12 anos)

Farmácias

Lisboa

PERMANENTE

ALTO DE SANTO AMARO: Santo Amaro, R. Filinto Elísio, 29-A-B (T. 637070); **ARCO DO CEGO - ESTEFÂNIA: Palma**, Av. Duque de Ávila, 25-31 (T. 547088); **AVENIDA DE ROMA: Avis**, Av. de Roma, 56-B-C (T. 895370); **CAMPOLIDE -SETE RIOS: Nova**, R. de Campolide, 297-C (T. 9810305); **INFANTE SANTO: Andrade Ribeiro**, Av. Infante Santo, 66-B (T. 666971); **LUMIAR: Alameda**, Al. das Linhas de Torres, 201-B (T. 790942); **LUZ - FRENTE AOS MENINOS DA LUZ: Geny**, R. Conselheiro José Silvestre Ribeiro, 12-A, ao 218 da E. da Luz (T. 7140342); **OLIVAIS SUL: Fernandes Borges**, R. D. Aleixo Corte Real, lote 388, cruzamento com a R. Cidade de Bolama (T. 311091); **PENHA DE FRANÇA: Higiénica**, R. Heliodoro Salbado, 20-A (T. 844361); **PICHELEIRA: Luzmar**, R. João Nascimento Costa, 16 (T. 880703); **SANTA APOLÓNIA - CAMINHOS DE FERRO: Pereira Sucurssal**, R. Paraíso, 98, Santa Clara, Hospital da Marinha (T. 863224); **TIVOLI: Morais Sarmento**, R. de Santa Marta, 16-A-B (T. 546490); **COLINA DO SOL - BRANDOA -AMADORA: Vidal Reis**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 35 (T. 996540); **ODIVELAS: Catela Tavares**, R. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, 29-A (T. 9815446); **PONTINHA: Cruz Correia**, E. de Santo Elói, 41-A (T. 992453).

REFORÇO

ALVALADE: Brisália, Av. Rio de Janeiro, 66-66-A (T. 882368); **AVENIDAS NOVAS: Fátima**, Av. 5 de Outubro, 147-A (T. 763107); **BAIRRO AZUL: Sírius**, R. Fialho Almeida, 38-A (T. 544000); **BAIXA: Barral**, R. Augusta, 225 (T. 361534); **BELÉM: Bom Sucesso**, R. Bartolomeu Dias, 63-A (T. 611454); **CALHARIZ -BENFICA: Rebocho**, R. Tenente Coronel Ribeiro dos Reis, 12-B (T. 743871); **CAMPO DE OURIQUE: Pinheiro**, R. de Campo de Ourique, 135 (T. 686640); **CHELAS - COLÉGIO VALSASSINA: Serra**, R. Luís Cristino da Silva, lote 221, loja 133, zona 2, Chelas (T. 853720); **FONTE LUMINOSA - ALAMEDA AFONSO HENRIQUES: Paes**, R. Abade Faria, 22-A (T. 883965); **RATO: São Mamede**, R. Escola Politécnica, 82-B (T. 660280); **SANTOS: Fontoura Carvalho**, R. de Santos-o-Velho, 12 (T. 662075); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda

ALMADA: Magalhães, R. Capitão Leitão, 8-B (T. 2750242). Permente; **COVA DA PIEDADE: Cerqueira**, L. 5 de Outubro, 18 (T. 2750254). Permanente; **COSTA DE CAPARICA: Higiénica**, Av. da República, 23 (T. 2400020). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Oliveira Sérgio**, R. dos Álamos, 2-A (T. 2296464). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdaa, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Central**, Av. Alfredo da Silva, 48 (T. 2073207). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Teixeira**, B. de Moçambique, 84-B (T. 2040946). Até às 19 horas; **CORROIOS: Lino**. Até às 19 horas; **AMORA: Nobre Guerreiro**, R. Dr. Emídio G. Mendes, 314 (T. 2212923). Até às 22 horas; **SEIXAL: Soromenho**, P. Paiva Coelho, 38 (T. 2213560). Até às 22 horas; **MONTIJO: Giraldes**, R. Almirante Reis, 45 (T. 2310008). Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 239029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R Cândido dos Reis, 30 (T. 204020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 234100). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Saião**, Av. da Portela, 55 (T. 22709). Permanente; **Bocageana**, R. do Romeu (T. 23425). Permanente; **Nova**, R. General Gomes Freire (T. 22052). Até às 22 horas.

Linha de Cascais

ALGÉS: Miramar, R. Ernesto Silva, 83 (T. 2112048). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Moderna**, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 2191235). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Godinho**, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039). Permanente; **OEIRAS: Central**, R. Conde Ferreira, 29 (T. 2430058). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. A. Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Mendes Junqueiro**, R. de Luanda, lote 5-D (T. 2477838). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Suíça**, Cruzeiro (T. 260087). Até às 22 horas; **CASCAIS: Cascais**, R. Conde de Monte Real, Bairo das Caixas (T. 282407). Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA: Carmele, R. Elias Garcia, Lote 18 (T. 933303). Permanente; **Dias Brito**, Av. Marquês de Pombal, 45-A (Tel. 934589). Até às 22 horas; **DAMAIA: D. João V**, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461). Até às 22 horas; **QUELUZ: Pereira Dias**, Monte Abraão (T. 965566). Até às 22 horas; **CAMARATE: Batalha**, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2518669). Até às 19 horas; **CACÉM: Rodrigues Garcia**, Av. dos Bons Amigos, Lote 5-D (T. 9243693). Permanente; **ALGUIERÃO: Vítor Manuel**, E. de Algueirão, 123, Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **SINTRA: Misericórdia**, Vila (T. 9231070). Permamente; **COLARES: Abreja** (t. 2920088).

OUTRAS FARMÁCIAS

MOSCAVIDE: Império, R. 1.º de Maio, 48-A (T. 2513234). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Soares**, R. José L. Morais, 15-A (T. 2518025). Permamente; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 2530027). Até às 22 horas.

Coimbra

LUCIANO & MATOS, R. da Sofia, 7-11 (T. 22147); **OLIVAIS**, R. Bernardo de Albuquerque, 159 (T. 712904); **GASPAR**, R. Carlos Seixas, 113 (T. 711013).

TEATROS

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — — Tel. 89 70 17

(De quarta a sábado, às 21.45).
«CONFERÊNCIA DE ALTO NÍVEL».

Café-Concerto

R. Norte, 24

(Quintas, sextas e sábados, às 24.00).
«PROÍBIDO».

Teatro Nacional D. Maria II

Praça D. Pedro IV — Tel. 37 22 48

(De segunda a sábado às 21.30. Sábados e domingos, às 16.00).

«O GEBO E A SIMBRA». De Raul Brandão. Cenários de JOÃO HOGAN, figurinos de TERESA PAULO e música e execução de CARLOS PAREDES — 12 anos.

Sala Garret
às 18.30

ELA NÃO SABIA SONHAR de Denise CHALEN. Encenação de Jacinto Ramos.

Sala Experimental

(De terça a sábado, às 21.45. Sábados e domingos às 16.30).

«O REI IMAGINÁRIO». «O AVEJÃO». «EU SOU UM HOMEM DE BEM» e «O DOIDO E A MORTE».

Teatro do Nosso Tempo

R. José Fontana — Tel. 57 40 37

(Às quintas, sextas e sábados, às 21.45).
«CANDIDATURA ZERO», interpretada por Adélia Loureiro, António Vasco, Elisa Lisboa e Maria José Pascoal.

Ocarina

Trav. do Poço da Cidade (ao Bairro Alto) — Tel. 37 29 99

(Às segundas, quartas, sextas e domingos, às 19.00).
«O PARAÍSO NÃO ESTÁ À VISTA», de R. W. Fassbinder, pelo **GRUPO DE TEATRO MAIZUM.**

Teatro Maria Vitória

Parque Mayer — Tel. 37 17 40

(De terça a sábado, às 20.30 e 22.45; domingos, às 16.00, 20.30 e 22.45).
«NÃO BATAM MAIS NO ZEZINHO!», de Mário Zambujal, Henrique Santana e Francisco Nicholson.

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

(De 2.ª a domingo, às 21.45. Sábados e domingos, às 21.45 e 16.00).
«FININHO MAS JEITOSINHO». Original de João Bettencour. Versão portuguesa de César Oliveira e Raul Solnado. Com Carlos Miguel, Simone de Oliveira e Filipe Ferrer. **(12 anos).**

Teatro Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 53 85 86

(De terça a sábado às 21.30. Domingos às 16.00).
«O BEIJO DA MULHER ARANHA».

Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Cascais, 1-A — Tel. 66 15 15

— CORNUCÓPIA
(Sábados e domingos, às 15.30).
«Ó QUE MEDO QUE AQUI HÁ».

Teatro Infantil de Lisboa

R. Leão Oliveira — Tel. 63 99 74

(Todos os sábados, domingos e feriados, às 16.00).
«GRAÇAS E DESGRAÇAS NA CORTE D'EL-REI TADINHO».

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37

(De terça a sexta, às 21.45; sábados, domingos e feriados, às 16.00 e 21.45).
«BOEING! BOEING!», de Marc Camoletti. Adapt.: César de Oliveira e Raul Solnado.

Teatro Aberto

Praça de Espanha — Tel. 77 09 69

(De quarta a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00).

«O ESFINGE GORDA». Compilação de textos, dramaturgia e encenação: Mário Viegas. Participação musical: Janita Salomé. Interpretação: Amílcar Botica, Francisco Pestana, Melim Teixeira e Tiago Vidigal.

Comuna

Av. Calouste Gulbenkian — Tel. 720818
(Quintas, sextas e sábados às 21.15. Domingos, às 17).
«QUATRO PARA QUATRO».
(Sextas, sábados, às 19 e 21.15).
MESTRE MEU MESTRE QUERIDO».
(Sextas, às 22 e sábados às 23.30).
«PÓ DE PALCO-CAFÉ-TEATRO».

Comuna-Sala 2
(Sábados e domingos, às 15.00).
«S. CRISTÓVÃO», pelo grupo **O BANDO.**

Teatro da Graça

Trav. de S. Vicente (à Voz do Operário) — — Tel. 87 56 26

(De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00 e 21.30)

«TODOS OS CÓMICOS ACABAM COM UMA CANÇÃO» de Catherine Hayes. Encenação: Carlos Fernando. Interpretação: Anna Paula, Carlos Fernando e Teresa Madruga. Grupo **TEATRO HOJE.**

Casa da Comédia

R. S. Francisco Borja, 24 (Tel. 60 72 99)

De quarta a domingo às 21.30 h

«EVA PÉRON». Texto, encenação, cenografia e figurinos de Filipe de La Féria. Música de Sérgio António.

Teatro do Século

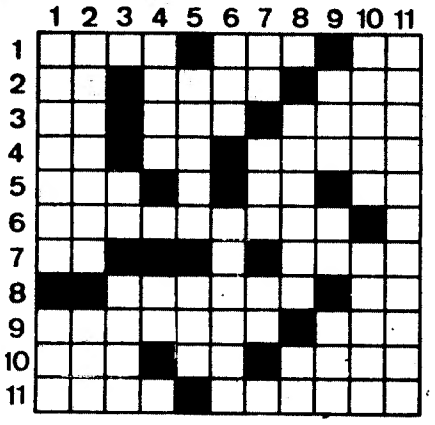
R. Século 41

De terça a sábado às 21.30

«ARTIMANHAS DE SCAPIN» de MOLIÉRE. Encenação de Rogério Carvalho. Cenografia de José Manuel Castanheira. Figurinos de Michel Ribó.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 14 435



HORIZONTAIS:

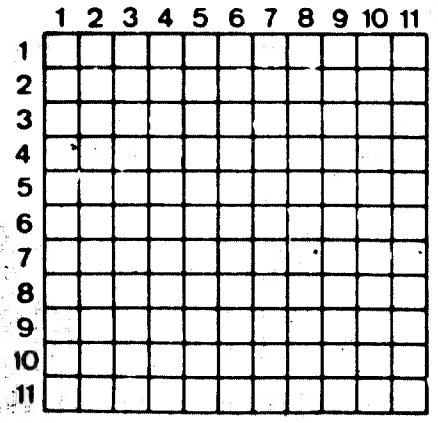
1 Aquele que. Recusa. Freguesia do concelho de Ponte de Lima.
2 Cidade de antiga Caldeia. Semelhante. Possui.
3 Espera deferimento. Irmão do pai. Substância que constitui os favos das abelhas.
4 Quinhentos e um em romano. Artigo definido (ant). Conquistas.
5 Tempo do verbo ir. Clima. Ósmio (s.q).
6 Desafrontariam.
7 Autores. Fazer doação de.
8 Antiga medida de capacidade equivalente a dois litros. Pronome pessoal.
9 Delineara. Consentimento.
10 Aqui está. Preposição e artigo (inv). Sedutor.
11 Reduzir a pó por meio do moinho. Dinheiro (pop. e pl).

VERTICAIS:

1 Título do vice-rei do Egipto (1867-1922). Possui.
2 Tramaria. Curso de água natural e abundante.
3 Prefixo de privação. Una pelo casamento.
4 Fosco. Antes de Cristo.
5 Oriunda. Recusa.
6 Ninho. Saíram frequentemente à rua.
7 Antes do meio-dia. Rio da Escócia. Oferece.
8 Branqueada. Manuscrito.
9 Tempo do verbo ter. Moderato. Sadias.
11 Trabalho à noite. Amante.
11 Misturaremos.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 275



HORIZONTAIS:

1 Título assumido, após a morte de Maomé, pelos chefes políticos e religiosos muçulmanos. Desfiladeiro.
2 Ajuizado. Forma apocopada e proclítica de vale.
3 De Roma. Cento e um em romano.
4 Agora. Põe em risco.
5 Cidade do Japão. Ir para fora.
6 Prefixo de negação. Subjuga.
7 Animal doméstico. Casualidade (pl).
8 Érbio (s.q). Nosso Senhor. Clima.
9 Gálio (s.q). Recipiente de louça ou metal em que se leva a sopa para a mesa (pl).
10 Nome antigo da nota musical dó. Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Nome do trono imperial da Etiópia.
11 Macacos americanos. Reis. Ósmio (s.q).

VERTICAIS:

1 Viagem gratuita em qualquer veículo. Fêmea do cavalo.
2 Dividem em toros. Vila e concelho do distrito de Portalegre.
3 Desgastaria.
4 Ilha do Estado da Baía. Acumulo.
5 Murcha. Numeral cardinal.
6 Idolatrada. Rádio (s.q).
7 Escavar.
8 Meditarias.
9 Prevenis. Duas consoantes desiguais.
10 Lantânio (s.q). Aquele que come carne de cão.
11 Voejaras. Saudáveis.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 434

HORIZONTAIS:

1 MAIS. PUXA.
2 Ódio. Itu. Ce.
3 Coiro. Armo.
4 Ar. Gim. Iara.
5 Amores. Udo.
6 Osso. Ar.
7 Usos. Saco.
8 Eu. Eme. Abas.
9 Aira. As.
10 Ada. Nero. Ru.
11 Comparassem.

VERTICAIS:

1 MOÇA. QUE. AC.
2 Adora. Suado.
3 III. Moo. Iam.
4 Sorgo. Ser.
5 Oiro. Mana.
6 Pi. Messe. Er.
7 Uta. SSa. Ara.
8 Xuri. Ocasos.
9 Mau. Ob
10 CORDA. Arre!
11 Sé. Aoros. Um.

Provérbio: MAIS PUXA MOÇA QUE CORTA.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 274

HORIZONTAIS:

1 Beata. Bacal.
2 Óleo. Casado.
3 Marca. Bavá.
4 Ea. Lusa.
5 Areal. Dom.
6 Usa. Bolo
7 Cr. Soco. Rer.
8 Arc. Eno.
9 Coarei. Sisa.
10 Sacristão.
11 Ama. Aoro. SS.

VERTICAIS:

1 Bomba. Cacia.
2 Ela. Urrô.
3 Aéreas. Casa.
4 Tocaras. Rã.
5 Eça.
6 Lanceiro.
7 Babul. No. Ir.
8 Asas. Osso.
9 Cavador. It.
10 Ada. Oleosas.
11 Lo. Amor. Aos.

Rádio

Antena Um

16.00: Musicomania; **17.50**: Informação regional; **18.05**: A gaita dos sete foles; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Musical; **20.20**: No estúdio e no estádio; **20.35**: Música portuguesa; **21.00**: Cozinha económica; **21.30**: Noites de luar; **23.30**: Último jornal. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

15.30: A música de piano na era romântica; **16.00**: Música do século XX; **16.30**: Solo de clavicórdio; **16.45**: Um soprano célebre; **17.00**: Ciclo Beethoven; **17.35**: Músida de todos os quadrantes; **18.00**: Uma poesia; **18.05**: Música vocal; **18.40**: Musica. de Chopin; **19.30**: Terra viva, planeta azul; **20.00**: Música de câmara; **20.40**: Antologia dos músicos portugueses; **21.25**: Os anos 80; **22.10**: O canto e os seus intérpretes; **23.10**: Intercâmbio musical; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Tarde à portuguesa; **17.00**: Rápido das cinco; **19.00**: Cabo da Boa Esperança; **20.00**: Conta corrente; **21.00**: Espaço Informação; **21.30**: Quando o telefone toca; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Porgramas religiosos; **22.30**: Tempo de desporto; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: Passatempo; **02.00**: No calor da noite. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; **16.00**: Som da gente; **17.00**: Pé-de-vento; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; : **Nova geração; 21.00**: Jazzofone; **22.00**: A logicamente; **23.00**: Subterrâneos de veludo; **24.00**: Ondas luisianas; **02.00**: No calor da noite. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

15.00: Meia-tarde; **16.00**: Rua Capelo; **18.00**: Jornal das regiões; **18.30**: Transmissão do terço; **19.30**: Memorando; **20.00**: Programa da LARR; **20.30**: Universidade na Rádio; **21.00**: Horizonte; **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30**: Diário do desporto; **23.00**: Clube dos coleccionadores; **24.00**: Sessão da meia-noite; **02.00**: Estação de serviço.

FM-Estéreo

15.00: Estaminé do ritmo; **16.00**: A cor do som; **18.00**: Entre-Campos; **19.30**: Transmissão do terço; **20.00**: Serra de estrelas; **21.00**: Porto belo; **22.00**: Oceano Pacífico; **24.00**: Último metro; **02.00**: Estação de serviço. Noticiários a todas as horas.

TELEVISÃO

RTP 1

18.00 — «Tempo dos Mais Novos»
No espaço de hoje, mais Contos de Andersen e um episódio das aventuras do pequeno índio Yakari.

18.35 — «Notícias»
As primeiras informações do dia.

18.50 — «Desportivamente»
Um programa sobre temas desportivos.

19.15 — «Portugal Passado Presente»
«De Ferragudo à Cruz de Portugal»: uma aldeia branca, que desce para o rio, que a olha para o mar recortando-se num céu muito azul. Um pouco de paisagem grega como nos «segreda» Teixeira Gomes. Um espaço íntimo enternecedor, num programa de Lagoa Henriques.

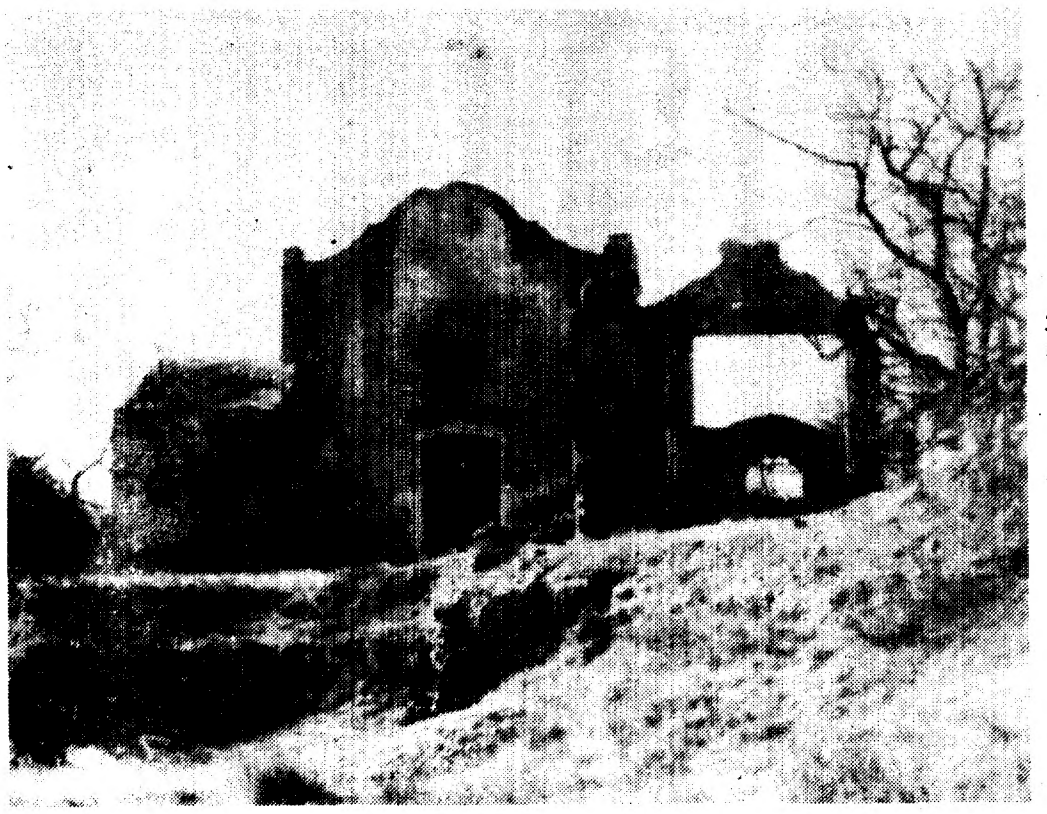
20.00 — «Telejornal»
Os acontecimentos do dia no país e no estrangeiro, segundo o critério (in)discutível da RTP.

20.25 — «Boletim Meteorológico»
O tempo do dia de amanhã.

20.35 — «A Sucessora»
Roberto quer apenas conversar um pouco com Miguel. Confessa-lhe que tem muitos amigos, mas, no fundo, é como se não tivesse nenhum.

Carlos Zíngaro, uma presença no «Arroz Doce» d e hoje à noite

Explica-lhe que teve uma nova briga com Marina e que sentiu a necessidade de passar lá por casa, para desabafar um pouco. Os dois sentem-se muito próximos e falam como se fossem íntimos. Quando se despede, Roberto já se sente mais aliviado e resolve voltar à mansão. Adélia fica muito contente quando Pedro Monte lhe mostra uma fotografia que lhe tirou, acha que nela até parece uma estrela de cinema. Juliana prepara-se para ir de férias, que vai passar com a afilhada, Olívia. Com remoros, Roberto diz-lhe que ainda deve um presente à menina, pelos seus anos, mas ela mostra-se muito formal e responde friamente. Antes do automóvel arrancar, fixa demoradamente o olhar nas criadas, que re-



«Portugal Passado Presente»: de Ferragudo à Cruz de Portugal

O «Tríptico», de Puccini (foto), em Noite de Ópera, na RTP-2

cuam atemorizadas. Na ausência da governanta, António assume o controlo da casa. E lembra a todos os empregados que, se as coisas não continuarem a correr como dantes, isso só servirá para dar mais força a Juliana e para piorar ainda mais as coisas. Miguel prepara-se para ir à missa e diz a D. Guilhermina que tenciona convidar Luísa para ir com ele. E é evidente que não fica nada contente quando ela lhe diz que a sobrinha não está em casa porque foi sair com Pedro Monte.

21.15 — «Arroz-doce»
O programa de Júlio Isidro convida para hoje Tó Neto, Carlos Zíngaro, Pedro Barroso e Nara Leão, tendo como tema do serão o «stress». Um novo passatempo espera os telespectadores (Terras de Portugal), em colaboração com as Selecções do Reader's Digest, enquanto Artur Henriques vai desenhar mais um episódio das aventuras de Godofredo Leitefresco.

23.00 — «Último Jornal»

RTP 2

19.30 — «Desenhos Animados»
Para hoje, a pequenada tem aventuras de Serafim, agente secreto.

20.00 — «Noite de Ópera»
Apresentação do conhecido «Tríptico» de Puccini, composto pelas óperas de um acto «Il Tabarro», «Soror Angelica» e «Gianni Schicchi». A versão deste serão é uma gravação efectuada em 1983 no Scala de Milão, com as participações de Piero Cappuccilli, Nicola Martinucci e Sylvia Sass (Il Tabarro), Rosalind Plowright (Soror Angelica) e Juan Pons (Gianni Schicchi), com orquestra dirigida por Gianandrea Gavazzeni.

23.00 — «Jornal da Noite»

AMANHÃ

RTP-1

12.00 — «Das 12 às 13»
13.00 — «Vila Faia»
18.00 — «Tempo dos Mais Novos»
18.50 — «Século XX — O Mundo em Guerra»
20.35 — «A Sucessora»
21.15 — «O Corpo Humano»
21.45 — «Aniversário da Sociedade Portuguesa de Autores»
22.30 — «Tudo em Família»

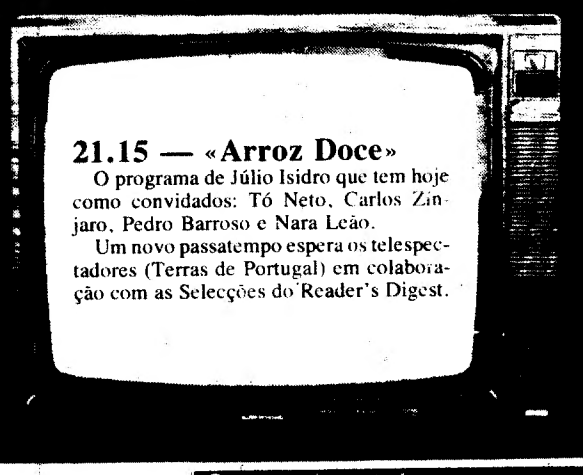
RTP-2

19.30 — «Desenhos Animados»
19.55 — «Música da América»
20.20 — «Século XX — Informação»
21.00 — «Sessão das 9 — 'O Homem que gostava das Mulheres'»

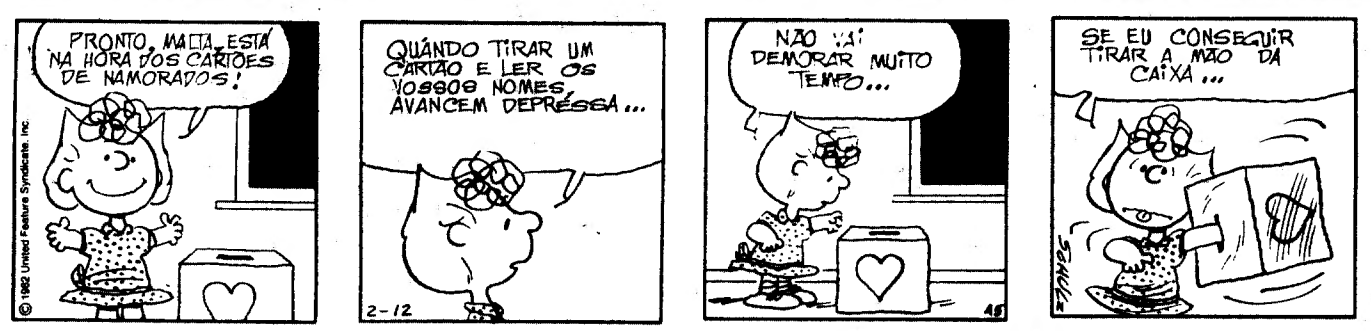
SOS TV — CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES
A MELHOR ASSISTÊNCIA AO SEU TELEVISOR E VÍDEO
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
T. 88 27 86 — 89 98 26
Av. S. João de Deus, 13 B • R. de Macau, 8-1.º — LISBOA

SE QUER BEBER, O PROBLEMA É SEU
Se quer parar de beber o problema é nosso.
Venha falar connosco, venha a uma reunião dos
ALCOÓLICOS ANÓNIMOS
2.as 4.as 6.as às 19 horas
Trav. do Corpo Santo, 32

GRUNDIG a segurança de um grande nome
seleccionou para si...
RTP 1 «Arroz Doce» (21.15)
RTP 2 «Noite de Ópera» (20.00)
Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento de Jesus Caraça 17 Cruz Quebrada - Telef. 2112871



PORTE PAGO
Fundador Joaquim Manso
DL
Director A. Ruella Ramos
Director adjunto Fernando Piteira Santos
DEPÓSITO LEGAL: 1430/82



MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
03.21 **3,70 m**	08.48 **1,10 m**
15.35 **3,80 m**	21.11 **1,00 m**
Dia 21	
3.56 **3,60 m**	09.21 **1,10 m**
16.09 **3,70 m**	21.45 **1,10 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

BRAGANÇA	10º
VIANA DO CASTELO	14º
VILA REAL	8º
PORTO	13º
COIMBRA	13º
CABO CARVOEIRO	14º
PORTALEGRE	9º
LISBOA	13º
ÉVORA	11º
BEJA	12º
FARO	13º
SAGRES	14º
PONTA DELGADA	10º
FUNCHAL	15º

Depois de visitar Angola

Eduardo Ambar recebido por Samora Machel

O secretário de Estado da Cooperação, Eduardo Ambar, foi recebido hoje de manhã pelo presidente moçambicano Samora Machel. Trata-se do primeiro acto oficial da visita que Eduardo Ambar iniciou domingo a Moçambique. Na audiência, que teve início às 9.00 horas locais (8.00 h. de Lisboa), está também presente o embaixador de Portugal em Moçambique, Paulouro das Neves.

Ontem à chegada a **Maputo**, o secretário de Estado da Cooperação afirmou que «a cooperação entre Portugal e Moçambique não se encontra bloqueada». «A minha visita poderá contribuir para provar o que acabo de dizer» — acrescentou, em resposta aos jornalistas no aeroporto.

A receber o secretário de Estado da Cooperação estiveram no aeroporto, entre outros, o seu homólogo moçambicano, António Sumbana, Francisco Pereira, presidente da Comissão Mista nas Negociações Moçambique - Portugal e Costa Campo, do Banco de Moçambique.

Eduardo Ambar advogou a cooperação trilateral, nomeadamente entre Portugal, Moçambique e Estados Unidos. «Portugal acredita que é um meio para levar a cabo acções de proporções vastas, que, de outra forma, não poderiam ser implementadas», disse o secretário de Estado. Para Eduardo Ambar, os Estados Unidos têm disponibilidades financeiras, Portugal possui um grande conhecimento de África e Moçambique tem carências graves.

Interrogado sobre se iria discutir com as autoridades moçambicanas a questão militar, o secretário de Estado afirmou que se trata de um tema muito sensível e demasiado técnico, que deve ser tratado fundamentalmente nos pelouros competentes e que, por conseguinte, deve envolver uma certa discrição. Admitiu, no entanto: «É um assunto que certamente será abordado durante a minha visita».

Eduardo Ambar chegou acompanhado pelo presidente do ICEE, Costa Oliveira, pelo director-geral da Cooperação, embaixador Cornélio da Silva e pelas assessoras Alda Fernandes e Razia Mussa.

O secretário de Estado português da Cooperação esteve anteriormente dois dias em Angola, onde manteve contactos informais com membros do Governo, nomeadamente os ministros das Relações Exteriores e da Energia, respectivamente Afonso Van Dunem e Pedro Van Dunem, e ainda com o secretário de Estado da Cooperação, Carlos Fernandes.

A Pedro Van Dunem entregou a documentação referente à barragem do Gove, na província do Huambo, e também a uma barragem no Cunene, correspondendo assim a um pedido que o governo de Angola fizera a Lisboa.

Em Lisboa, esta visita de Eduardo Ambar a Angola foi mantida no mais rigoroso sigilo por parte do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Em flagrante contraste com a divulgação que tem sido feita pelo Ministério a muitas outras actividades do secretário de Estado da Cooperação, o Ministério dirigido por Jaime Gama nunca até ontem à tarde anunciou que já na sexta-feira Ambar partira para a República Popular de Angola, a caminho de Moçambique.

A viagem a Maputo estava oficialmente confirmada desde há muitos dias, mas a ida a Luanda só fora referida na semana passada pela Agência Angolana de Informação, ANGOP, e mesmo assim o Ministério português dos Negócios Estrangeiros escusara-se a confirmá-la.

Há três semanas, o Presidente da República Portuguesa, Ramalho Eanes, evitara escalar Luanda na sua viagem a Maputo, por se ter sabido que o chefe do Estado angolano não estava disponível.

Nessa altura, meios governamentais angolanos indicavam que o Estado português tinha ainda de dar provas de estar disposto a um bom e são relacionamento com a República Popular de Angola.

Entretanto, publicamente e em mais de uma ocasião na última semana, o Primeiro-Ministro Mário Soares deu garantias de que responsáveis pelo movimento oposicionista angolano não teriam de ora em diante qualquer liberdade de actuação em território português.

/D/E/C/A/R/A/S/

ALESSANDRO NATTA, secretário-geral do Partido Comunista Italiano, responsabilizou a falta de «consistência e possibilidades concretas» do seu partido pelos desanimadores resultados das eleições locais realizadas a semana passada. Numa entrevista ao órgão do PCI, «L'Unita», Natta considerou as eleições «um fracasso» para o partido e declarou que «na ausência de uma alternativa visível, parte do eleitorado receou o risco da incerteza política». Segundo o líder do PCI, o partido deve reorganizar-se «com uma definição clara e concreta de programas e aprofundar propostas no que respeita a questões internacionais».

FAFÁ DE BELÉM está hoje em vias de competir com nomes como Chico Buarque, Caetano Veloso ou Maria Bethânia devido à versão popular do hino nacional brasileiro cantado por ela e que foi agora autorizada pelo ministro da Justiça, Fernando Lyra. A versão de Fafá, considerada como a «musa da Nova República», apresenta o hino nacional como um canto popular susceptível de competir nas listas de discos mais vendidos com os recentes êxitos da MPB. O hino cantado por Fafá serviu de fundo musical às imagens que a Televisão transmitiu para todo o país logo após a morte de Tancredo Neves, mas esteve depois, e até ontem, proibido.

CLAUDE CHEYSSON pronunciou-se sobre a recente visita de Ronald Reagan à Europa, afirmando que o presidente norte-americano foi grosseiro e inábil e que os Estados Unidos desenvolvem uma «concepção imperialista» do mundo. O ex-ministro francês dos Negócios Estrangeiros, e agora comissário da CEE para a política mediterrânica e as relações norte-sul, disse à Rádio Luxemburgo que a grosseria de Reagan era inevitável visto considerar os assuntos apenas no contexto norte-americano, convencido de que é para o bem de toda a gente. Cheyssou repetiu ainda a acusação de que Washington estava a utilizar as tácticas da «guerra fria» para ganhar apoio para o programa de armas espaciais.

AQUINO DE BRAGANÇA, conselheiro pessoal do presidente moçambicano Samora Machel, manifestou-se convicto de que o Governo português vai actuar contra as actividades da Renamo em Portugal. Entrevistado no programa «Maçã de Adão», da Rádio Comercial, Aquino de Bragança considerou provado o comprometimento de personalidades e círculos de interesses portugueses com a Renamo. O conselheiro de Machel afirmou por outro lado, que a cooperação trilateral entre Portugal, Moçambique e os Estados Unidos é desejável e muito importante, mas defendeu, contudo, a prioridade de acordos bilaterais. Aquino de Bragança defendeu ainda a cooperação militar de Portugal com Moçambique.

JACQUES COUSTEAU, o cientista francês que participou na série televisiva «Segredos do Mar», esteve ontem em Ponta Delgada, a bordo do navio «Alcione», tendo partido no mesmo dia com destino a Nova Iorque. No entanto, o «Alcione» permanecerá cerca de oito dias nos Açores a fazer experiências biológicas e filmagens entre as ilhas de S. Miguel e Santa Maria. O navio, que vai ser apresentado, no fim de Maio, a armadores americanos, tem 30 metros de comprimento e foi construído em alumínio pela fundação Cousteau.

HELENA ROSETA pronunciou-se a favor da candidatura presidencial de Alberto João Jardim durante uma entrevista concedida à Antena Um. A presidente da Câmara de Cascais precisou, a propósito, que caso o PSD não encontre um candidato independente, fora da área do CDS, PS ou do Presidente da República, deve avançar com o nome de Alberto João Jardim. Referindo-se a Mário Soares, Roseta considerou-o como um candidato na «dependência da Internacional Socialista e não da independência nacional». Relativamente ao referendo efectuado pelo PSD sobre o candidato presidencial, Helena Roseta disse que ele foi feito de uma maneira irresponsável, lançando-se mão do referendo para tapar um buraco».

CDS não quer reconstituição da AD

O porta-voz da Comissão Directiva do Centro Democrático Social (CDS), Miguel Seabra, declarou hoje a ANOP não ser objectivo do CDS reconstituir a Aliança Democrática.

O dirigente do CDS comentava os resultados do Congresso do Partido Social-Democrata, e que foi eleito como presidente da Comissão Política o antigo ministro das Finanças de Sá Carneiro, Aníbal Cavaco Silva.

«O CDS bate-se por um projecto democrata-cristão que constitua uma mudança e não uma recuperação do sistema, como tentou ser a AD».

O dirigente centrista acrescentou que o objectivo do seu partido é constituir «uma nova maioria, de oposição ao socialismo».

No entanto, Miguel Seabra disse que o seu partido se congratula democraticamente que o do Congresso do PSD tenha resultado uma liderança, mas recusou-se «a fazer um juízo positivo ou negativo porque isso não lhe compete, uma vez que se trata de um partido da área socialista».

Os resultados do Congresso social-democrata serão um dos pontos em análise na Comissão Directiva do CDS, que se reúne hoje de manhã.

Nesta reunião serão também analisados os resultados da «dupla derrota» infligida pelo CDS ao PSD nas eleições efectuadas este fim-de-semana para as Juntas de Freguesia de Sabugueiro.

Totoloto: o maior "bolo" dá fatias mais pequenas

As apostas Mútuas Desportivas previam esta manhã que o concurso do Totoloto desta semana tivesse entre quatro e cinco totalistas, isto é, com seis resultados certos. Caso se venham a confirmar os cinco totalistas, cada um receberá 8 118 871$00.

Isto é: o mais concurso de sempre do Totoloto, aquele que mais dinheiro fez entrar nos cofres da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (e que por isso mesmo atribuiu o 1.º prémio mais elevado até agora), torna-se para os totalistas, esta manhã, o menos rendoso de sempre. Isto porque com efeito, nunca até hoje qualquer totalista (com seis resultados certos) recebera à volta de oito mil contos — o montante destinado a cada um dos cinco totalistas, mas que poderá subir para pouco mais de dez mil caso sejam quatro.